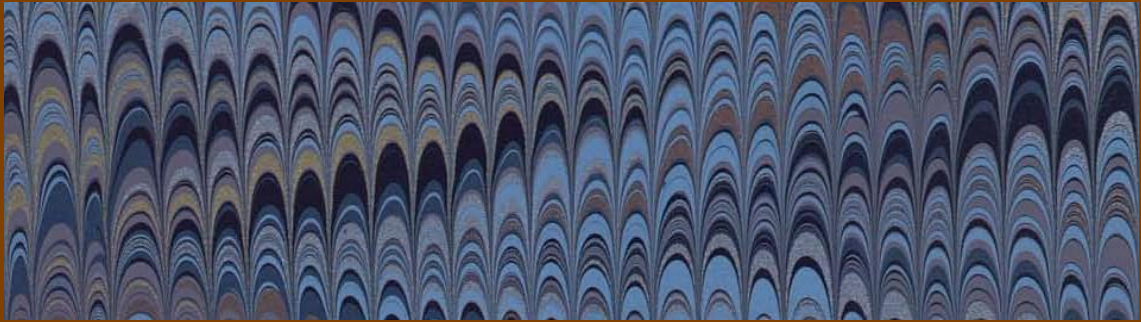
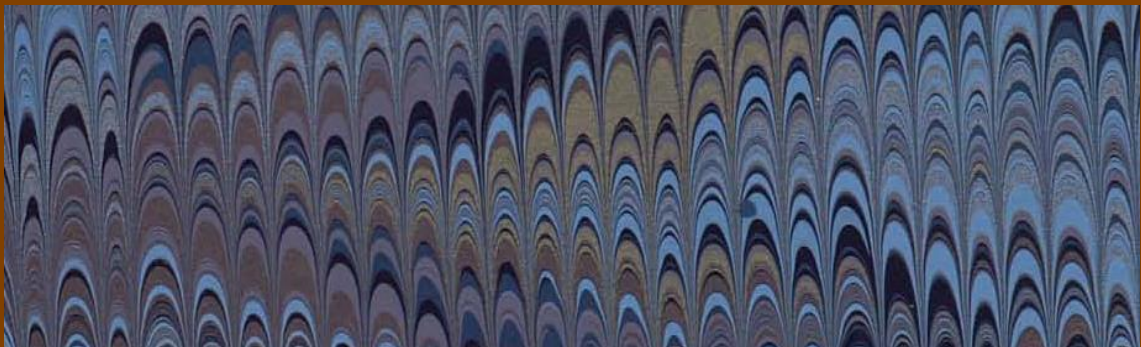




MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 9, n. 18, jul.-dez. 2026



ISSN 2594-5084

SUMÁRIO

EDITORIAL

Machado de Assis e a crítica literária.....	9
<i>José Américo Miranda</i>	
<i>Nilton de Paiva Pinto</i>	

TEXTOS APURADOS

Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra.....	13
<i>Machado de Assis</i>	

TEXTOS COM APARATO EDITORIAL

Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra.....	19
<i>Machado de Assis</i>	

OUTRAS EDIÇÕES

Flores e frutos.....	27
<i>Bruno Seabra</i>	

Diwan.....	175
<i>Augusto Soromenho</i>	

M. de Vigny (Fragmento).....	317
<i>Sainte-Beuve / José Américo Miranda e Nilton de Paiva Pinto (tradução)</i>	

ARTIGOS

A primeira resenha crítica de Machado de Assis: ela significa alguma coisa?.....	323
<i>Nilton de Paiva Pinto</i>	
<i>José Américo Miranda</i>	

ÍNDICES.

Índices atualizados até o v. 9, n. 18.....	341
<i>José Américo Miranda</i>	

ABREVIATURAS

Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.....	375
<i>José Américo Miranda</i>	

ERRATAS

Erratas.....	383
<i>José Américo Miranda</i>	

EDITORIAL

MACHADO DE ASSIS E A CRÍTICA LITERÁRIA

Neste número da *Machadiana Eletrônica*, apresentamos um único texto – muito breve – de Machado de Assis. Trata-se da resenha crítica dedicada a *Flores e frutos*, obra publicada em 1862 por Bruno Seabra.

Demos destaque a esse texto (nunca apontado por quem quer que seja como um texto importante) por algumas razões muito especiais – que passamos a enumerar. Machado de Assis, que se destacou como artista da palavra – no romance, no conto, no teatro, na poesia e na crônica –, foi também jornalista, crítico teatral e crítico literário. No campo da crítica literária ele começou a atuar muito cedo, fazendo resenhas de livros publicados para os jornais em que trabalhava, principalmente, no início da década de 1860, para o *Diário do Rio de Janeiro*. Foi nas páginas desse jornal que ele publicou a resenha de *Flores e frutos*. Esta foi a primeira resenha integral (isto é, inteiramente dedicada a uma única obra) publicada por ele em sua carreira de crítico. De algum modo, esse texto nos ensina alguma coisa. Para o jovem escritor que já se destacava no jornalismo, ela parece denunciar uma discreta correção de rumo: a passagem da ênfase no jornalismo, no jornal como veículo de ideias, para a ênfase na literatura, no livro como suporte em que tudo o que é duradouro deveria ser preservado.

O texto, embora ligeiro, revela conhecimentos técnicos da arte da poesia – em que, aliás, o próprio crítico vinha-se exercitando nos periódicos desde o início de sua carreira. O método crítico que veio a desenvolver e explicitar mais tarde já se encontrava, em embrião, nesta resenha de aparente pouca importância.

O livro resenhado é hoje completamente desconhecido do público. Por isso – para que o leitor interessado possa lê-lo e, com isso, fazer uma avaliação sua do julgamento machadiano da obra – nós o incluímos neste número da revista, na seção “Outras Edições”.

Na resenha de *Flores e frutos*, Machado de Assis compara este livro a outro, *Diwan*, publicado pouco antes, em Portugal, por Augusto Soromenho. Para que possa o leitor apreciar essa comparação, incluímos também essa obra de Soromenho neste número da *Machadiana*, na seção “Outras Edições”.

E mais: Machado de Assis emprega uma expressão utilizada por Sainte-Beuve num texto que identificamos ser sobre Alfred de Vigny – também a parte inicial deste texto de Sainte-Beuve, em tradução feita a quatro mãos por Nilton de Paiva Pinto e José Américo Miranda, foi incluída na seção “Outras Edições”. Com isso, pode o leitor se inteirar melhor do mundo das ideias em que se movia o autor da resenha de *Flores e frutos*.

José Américo Miranda
Nilton de Paiva Pinto
Belo Horizonte, 13 de fevereiro de 2025.

TEXTOS APURADOS

FLORES E FRUTOS

Poesias por Bruno Seabra.

1862. GARNIER, EDITOR.

Li há muito tempo um livrinho de versos que tinha por título *Diwan*, e que estava assinado por Augusto Soromenho. O título do livro era o mesmo de uma coleção de poesias de um poeta turco, creio eu. Achei-lhe graça, facilidade, e sobretudo novidades tais, que tornavam os versos de Soromenho de uma beleza única no meio de todos os gêneros.

O livro que o Sr. Bruno Seabra acaba de publicar sob o título de *Flores e Frutos* veio mostrar-me que o gênero e as qualidades do Soromenho podiam aparecer nestas regiões com a mesma riqueza de graça, facilidade de rima e virgindade de ideias. Abrangendo mais espaço do que a brochura do *Diwan* os versos do Sr. B. Seabra respondem a diversos ecos do coração ou do espírito do poeta. A esta vantagem do Sr. B. Seabra junte-se a de haver no poeta brasileiro certos toques garrettianos mais pronunciados do que no poeta portuense. Demais, o livrinho de Soromenho era um desenfado; o livro do Sr. B. Seabra é um ensaio, uma prova mais séria para admissão no lar das musas.

A própria divisão do livro do Sr. B. Seabra exprime o maior espaço que a sua inspiração abrange. A primeira parte intitula-se *Aninhas*; a segunda, *Lucrécias*; a terceira, *Dispersas*. Na primeira estão compreendidas as impressões frescas da mocidade e as comoções ingênuas e cândidas do coração do poeta. A sua musa vaga pela margem dos ribeiros e pelos vergéis onde absorve a santa e vivificante aura do amor. A ingenuidade dos affectos está traduzida na simplicidade da expressão. É a poesia *loura* de que fala um crítico eminente. Essa, quando verdadeira e simples, é rara e inestimável. Poucos a têm simples e verdadeira; e os que à força de torturarem a imaginação querem alcançar e produzir aquilo que só da espontaneidade do coração e da natureza do poeta pode nascer, apenas conseguem arrebicar a inspiração sem outro resultado. É o caso do pintor antigo que buscava enriquecer a sua estátua de Vênus não podendo imprimir-lhe o cunho da beleza e da graça.

Esta qualidade, quaisquer que sejam as reservas que a crítica possa fazer, é um motivo pelo qual saúdo com entusiasmo o livro do Sr. B. Seabra.

A poesia *Na Aldeia*, a primeira da primeira parte, parece destinada a dar a ideia resumida do sentimento que inspira as *Aninhas*. Veja o leitor esta estrofe:

Olha! que paz se agasalha
Nesta casinha de palha,
À sombra deste pomar!
Olha! vê! que amenidade!
Abre a flor da mocidade!
Na soleira deste lar!

E esta outra:

Que valem vaidosos fastos,
Quando os corações vão gastos
De afectos, de amor, de fé?
A ventura verdadeira
Vive à sombra hospitaleira
Da casinha de sapé.

Entremos na segunda parte. Cala-se o coração do poeta. A primeira poesia, *Nós e vós*, recomenda logo ao leitor as demais *Lucrécias*.

Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Ignez, são composições de notável merecimento. *Teresa e Moreninha* principalmente. Sinto não poder transcrevê-las aqui. O poeta assiste à saída de Teresa e seu noivo da igreja onde se foram casar:

Olhem como vem pimpona!
É uma senhora dona,
Reparem como ela vem...

Depois de notar a mudança que o casamento havia operado na volúvel Teresa diz-lhe o poeta:

Adeus, senhora Teresa!
Salve o pobre na pobreza
Que isso não lhe fica bem!
Soberba com seu marido,
Soberba com seu vestido,
Deixe-se de soberbias,
Lembre-se daqueles dias
À sombra dos cafezais...
Descora... não tenha medo!
Vá tranquila que o segredo
Da minha boca... jamais....

Tenho míngua de espaço. Citarei apenas esta primeira estrofe da *Moreninha*, como amostra de graça e facilidade:

Moreninha, dá-me um beijo?
E o que me dá, meu senhor?
Este cravo....
Ora, esse cravo!
De que me serve uma flor?
Há tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
É barato; guarde a flor.

As *Cinzas de um livro* com que o poeta pôs fecho ao livro, revela as qualidades de forma de todos os versos, mas não me merece a menção das páginas antecedentes: *Cinzas de um livro* é o contraste de *Aninhas*; *Aninhas* me agradam mais, pelo sentimento que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.

Reservas à parte, as *Flores e Frutos* do Sr. B. Seabra revelam um talento que se não deve perder e que o poeta deve às musas pátrias. Não dá animações quem precisa de animações, com títulos menos legítimos, é verdade; mas tudo quanto um moço pode dar a outro, eu lhe darei, apertando-lhe sincera e cordialmente a mão.

M. A. [Machado de Assis]
[*Diário do Rio de Janeiro*, ano XLII, n. 178, p. 1, 30 jun. 1862]
Editores: Nilton de Paiva Pinto, José Américo Miranda

**TEXTOS COM APARATO
EDITORIAL**

FLORES E FRUTOS*

Poesias por Bruno Seabra.

1862. GARNIER, EDITOR.

Li há muito tempo um livrinho de versos que tinha por título *Diwan*[,]¹ e que estava assinado por Augusto Soromenho.² O título do livro era o mesmo de uma coleção de poesias de um poeta turco, creio eu.³ Achei-lhe graça, facilidade, e sobretudo novidades tais, que tornavam os versos de Soromenho de uma beleza única no meio de todos os gêneros.⁴

O livro que o Sr.⁵ Bruno Seabra acaba de publicar sob o título de *Flores e Frutos*⁶ veio mostrar-me que o gênero e as qualidades do Soromenho podiam aparecer

* Esta edição da resenha de “Flores e frutos” foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: DRJ (p. 1, 30 jun. 1862), NR1932 (p. 97-101), MASA (p. 102-106) e OCA2015 (v. 3, p. 1032-1034). Texto-base: DRJ. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Nilton de Paiva Pinto, José Américo Miranda. O exemplar disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro apresenta pequenos trechos ilegíveis, coincidentes com as dobras do jornal impresso. Geralmente, nessas passagens, a leitura é possível por inferência a partir do contexto; nos casos em que isso não foi possível, valemo-nos – apesar de numerosas variantes em relação a DRJ, nas partes legíveis – da versão publicada em NR1932 (*Novas relíquias*): os trechos de leitura duvidosa foram postos entre colchetes, e o fato registrado em nota. O responsável por essa edição (Fernando Néri – Cf. SOUSA, 1955, p. 132) certamente leu o jornal em melhores condições do que nós.

¹ *Diwan*,] *Divan*, – em NR1932; *Divã* – em MASA; *Divã*, – em OCA2015 (título grafado sempre assim nessas edições).

² Augusto Soromenho (Porto, 1834 – Lisboa, 1878): amigo de Alexandre Herculano (de quem mais tarde se tornou inimigo), foi, aconselhado por ele, estudar língua árabe em Madri. Foi professor dessa língua no Liceu Nacional de Lisboa. Participou, em 1871, das conferências do Cassino. Publicou *Diwan*, em 1855; *Origem da língua portuguesa*, em 1867; e *Probidade literária* (correspondência), em 1874. (Cf. MACHADO, 1996) A palavra “divã”, de origem turca, já era grafada nos dicionários do tempo de Soromenho “divan”; conservamos a grafia do autor – *Diwan* – por reconhecermos nela um sabor exótico, oriental.

³ A palavra “divã”, que grafamos *diwan*, é de origem turca e significa, originalmente, na língua persa, “registro, recolha de folhas escritas”. (HOUAISS, 2001) O *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, em sua 7ª edição, de 1877, traz o seguinte (interessante) verbete: “**Divân**, s. m. (palav. adop. do Arab. e deriv. do verbo *dana*, que na 2ª conjug. significa, coligir escriptos, escrever, ou fazer memoria de tudo o que se passa). O conselho de estado do Turco: a casa onde se ajunta: ‘no mesmo *divan* foi apunhalado’ § Especie de sofá. § Collecção de poesias arabes, cada uma das quaes é chamada ghazel. § Nome dado por Goethe, e a imitação d’elle por outros poetas, a uma collecção de poesias no gosto oriental.”

⁴ gêneros.] gêneros, – em DRJ.

⁵ Sr.] sr. – em NR1932 e em OCA2015 (sempre assim nessas edições).

⁶ *Flores e Frutos*] *Flores e frutos* – em MASA e em OCA2015.

nestas regiões com a mesma riqueza de graça, facilidade de rima e virgindade⁷ de ideias. Abrangendo mais espaço do que a brochura do *Diwan*⁸ os versos do Sr. B.⁹ Seabra respondem [a]¹⁰ diversos ecos do coração ou do espírito do poeta. A esta¹¹ vantagem do Sr. B. Seabra junte-se a de haver no poeta brasileiro certos toques garrettianos mais pronunciados¹² [do]¹³ que no poeta portuense. Demais, o livrinho de Soromenho era um desenfado; o livro do Sr. B. Seabra é um ensaio, uma prova mais séria para admissão no lar das musas.

A própria divisão do livro do Sr. B. Seabra exprime o maior espaço que a sua inspiração abrange.¹⁴ A primeira parte intitula-se *Aninhas*; a segunda, *Lucrécias*; a terceira,¹⁵ *Dispersas*.¹⁶ Na primeira estão compreendidas as impressões frescas da mocidade e as comoções ingênuas e cândidas do coração do poeta. A sua musa vaga pela margem dos ribeiros e pelos vergéis¹⁷ onde absorve a santa e vivificante aura do amor.¹⁸ A ingenuidade dos afectos¹⁹ está traduzida na simplicidade da expressão.²⁰ É a poesia *loura*²¹ de que fala um crítico eminente.²² Essa, quando verdadeira e simples, é rara e inestimável. Poucos a têm²³ simples e verdadeira[;]²⁴ e os que à força de torturarem a imaginação querem alcançar e produzir aquilo que só da espontaneidade do coração e da natureza do poeta pode nascer, apenas conseguem arrebicar a inspiração sem outro resultado. É o caso do [pintor]²⁵ antigo que buscava enriquecer a sua [estátua de Vênus não]²⁶ podendo imprimir-lhe o cunho [da]²⁷ beleza e da graça.²⁸

⁷ virgindade] virgindades – em NR1932.

⁸ *Diwan*] *Divan*, – em NR1932.

⁹ Sr. B.] sr. dr. B. – em NR1932; Sr. B – em DRJ (não anotamos outros casos ambíguos – em que o ponto está mal-impresso – que ocorrem no jornal ao longo do texto).

¹⁰ a] ilegível em DRJ.

¹¹ A esta] À esta – em DRJ.

¹² pronunciados] pronunciado – em DRJ.

¹³ do] parcialmente ilegível (por má impressão) em DRJ.

¹⁴ Aqui começa outro parágrafo em NR1932.

¹⁵ terceira,] terceira – em NR1932.

¹⁶ Aqui começa outro parágrafo em NR1932.

¹⁷ vergéis] vergéis, – em MASA.

¹⁸ Aqui começa outro parágrafo em NR1932.

¹⁹ afectos] afetos – em MASA e em OCA2015.

²⁰ Aqui começa outro parágrafo em NR1932.

²¹ *loura*] *loura* – em NR1932.

²² Aqui começa outro parágrafo em NR1932. O crítico eminente a que Machado de Assis se refere é Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), que, em ensaio dedicado a M. de Vigny (1797-1863), empregou a expressão “poésie blonde et ingénue”. (Cf. SAINTE-BEUVE, 1836, p. 192) Parte deste texto de Sainte-Beuve foi por nós traduzido e pode ser lido na seção “Outras Edições” deste número da *Machadiana*.

²³ têm] tem – em NR1932.

²⁴ Em DRJ, o ponto inferior dos dois-pontos está mais fortemente impresso do que o ponto superior; adotamos o ponto e vírgula de NR1932.

²⁵ pintor] parcialmente ilegível – em DRJ.

²⁶ Palavras ilegíveis em DRJ.

²⁷ da] parcialmente ilegível em DRJ.

²⁸ Esta passagem tem um ar um tanto estranho, ou ambíguo: o “pintor” produz uma “estátua”? o “objeto do quadro” é uma “estátua”? ele “pinta” uma “estátua”?

Esta qualidade, quaisquer que sejam as reservas que a crítica possa fazer, é um motivo pelo qual saúdo com entusiasmo o livro do Sr. B. Seabra.

A poesia *Na Aldeia*,²⁹ a primeira da primeira parte, parece destinada a dar a ideia resumida do sentimento que inspira as *Aninhas*. Veja o leitor esta estrofe:³⁰

Olha! que³¹ paz se agasalha
Nesta casinha de palha,³²
À sombra deste pomar!
Olha! vê!³³ que amenidade!³⁴
Abre a flor da mocidade!³⁵
Na soleira deste lar!³⁶

E esta outra:

Que valem vaidosos³⁷ fastos,
Quando os corações vão gastos
De afectos,³⁸ de amor, de fé?
A ventura verdadeira
Vive à sombra hospitaleira
Da casinha de sapé.³⁹

Entremos na segunda parte. Cala-se o coração do poeta. A primeira poesia, *Nós e vós*,⁴⁰ recomenda logo ao leitor as demais *Lucrécias*.

Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Ignez,⁴¹ são composições de notável merecimento. *Teresa* e *Moreninha*⁴² principalmente.⁴³ Sinto não poder transcrevê-las aqui. O poeta assiste à saída de Teresa e seu noivo da igreja onde se foram casar:

²⁹ *Na Aldeia*,] “Na aldeia”, – em MASA e em OCA2015.

³⁰ Nesta edição, conferimos o texto dos versos na obra *Flores e frutos* (1862) e registramos em notas a forma do texto original.

³¹ que] – que (com travessão) – em FF; *Que* (sem travessão) – em MASA (nessa edição, todos os versos citados vêm em itálico).

³² palha,] palha – em FF.

³³ vê!] vê...! – em FF.

³⁴ Olha! vê! que amenidade!] *Olha! Vê! Que amenidade!* – em MASA.

³⁵ mocidade!] mocidade – em FF. “Flor da mocidade” é título do décimo poema de *Falenas* (1870, p. 43), que é o primeiro de “Falenas” nas *Poesias completas* (1901, p. 55-56).

³⁶ Em DRJ e em NR1932 todos os versos são precedidos por aspas de abertura. Em MASA e em OCA2015 os versos, em todas as citações, vêm em destaque (deslocados para a direita), sem aspas; em MASA, em itálico.

³⁷ vaidosos] ruidosos – em FF.

³⁸ afectos,] *afetos*, – em MASA; *afetos*, – em OCA2015.

³⁹ Em DRJ e em NR1932 todos os versos são precedidos por aspas, e elas se fecham ao final do último verso.

⁴⁰ *Nós e vós*,] “Nós e vós”, – em MASA e em OCA2015.

⁴¹ *Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Ignez*,] *Teresa, Moreninha, A filha do mestre Anselmo, Inês*, – em NR1932; “Teresa”, “Moreninha”, “A filha do mestre Anselmo”, “Inês” – em MASA e em OCA2015.

⁴² *Teresa* e *Moreninha*] *Teresa* e *Moreninha*, – em NR1932; “Teresa” e “Moreninha” – em MASA e em OCA2015.

⁴³ Em NR1932 e em OCA2015, neste ponto começa outro parágrafo.

Olhem como vem pimpona!
É uma senhora dona,
Reparem como⁴⁴ ela vem...⁴⁵

Depois de notar a mudança que o casamento havia operado na volúvel Teresa diz-lhe o poeta:

Adeus, senhora Teresa!
Salve o pobre na pobreza⁴⁶
Que isso não lhe fica bem!⁴⁷
Soberba com seu marido,
Soberba com seu vestido,⁴⁸
Deixe-se de soberbias,
Lembre-se daqueles dias⁴⁹
À sombra dos cafezais...
Descora... não tenha medo!
Vá tranquila⁵⁰ que o segredo
Da minha boca... jamais...⁵¹

Tenho míngua de espaço. Citarei apenas esta primeira estrofe da *Moreninha*,⁵² como amostra de graça e facilidade:

Moreninha, dá-me⁵³ um beijo?⁵⁴
E o que me dá, meu senhor?⁵⁵
Este cravo....⁵⁶

⁴⁴ como] com – em DRJ. Corrigimos, por tratar-se de erro.

⁴⁵ Em DRJ todos os versos são precedidos por aspas; em NR1932 todos os versos são precedidos por aspas, e há aspas de fechamento ao final deste verso.

⁴⁶ pobreza] pobreza, – em FF.

⁴⁷ bem!] bem? – em DRJ; bem. – em NR1932 e em OCA2015; *bem!* – em MASA. Corrigimos a pontuação do jornal, que parece não fazer sentido.

⁴⁸ Em DRJ, em NR1932, em MASA e em OCA2015, depois deste verso, não há divisão de estrofes (exisente em FF) no trecho transcrito (que é composto por duas estrofes) e falta o seguinte verso: “Já não conhece ninguém!” (último verso da primeira estrofe – sextilha – citada). Em MASA, o verso faltante vem em nota de rodapé.

⁴⁹ dias] dias, – em FF.

⁵⁰ tranquila] tranquila, – em OCA2015.

⁵¹ jamais....] jamais... – em FF, em NR1932, em MASA e em OCA2015. Em DRJ todos os versos são precedidos por aspas. Nesta passagem, as reticências são mais expressivas do que as anteriores; os quatro pontos foram postos (muito provavelmente) por Machado de Assis. Ver as notas 85, 89 e 92 de “Antes da missa”, neste periódico, v. 5, n. 9, p. 210 e p. 211, jan.-jun. 2022.

⁵² *Moreninha*,] “Moreninha”, – em MASA.

⁵³ dá-me] dá-me – em FF.

⁵⁴ beijo?] beijo – em FF; em FF e em OCA2015, o verso começa por travessão.

⁵⁵ Em FF, este verso traz travessão no início e vem deslocado para a direita em relação ao anterior e ao seguinte.

⁵⁶ cravo....] cravo... – em FF, em NR1932, em MASA e em OCA2015. As reticências de quatro pontos (muito provavelmente de Machado de Assis), nesta passagem, podem indicar o cunho erótico da alusão, pois a palavra “cravo” pertence ao conjunto daquelas que podem ser usadas para referência ao órgão sexual masculino. (Cf. SOUZA, 2007, p. 205) Ver as notas 85, 89 e 92 de “Antes da missa”, neste periódico, v. 5, n. 9, p. 210 e p. 211, jan.-jun. 2022. Este verso começa por travessão em FF, em NR1932 e em OCA2015.

Ora, esse cravo!⁵⁷
De que me serve uma flor?⁵⁸
Há tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
É barato; guarde a flor.⁵⁹

As *Cinzas de um livro*⁶⁰ com que o poeta pôs fecho ao livro,⁶¹ revela⁶² as qualidades de forma de todos os versos, mas não me merece a menção das páginas antecedentes: *Cinzas de um livro*⁶³ é o contraste de *Aninhas*; *Aninhas*⁶⁴ me agradam mais, pelo sentimento que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.

Reservas à parte, as *Flores e Frutos*⁶⁵ do Sr.⁶⁶ B. Seabra revelam um talento que se não deve perder e que o poeta deve às musas pátrias. Não dá animações quem precisa de animações, com títulos menos legítimos, é verdade;⁶⁷ mas tudo quanto um moço pode dar a outro, eu lhe darei, apertando-lhe sincera e cordialmente a mão.

M. A.

⁵⁷ Este segmento do terceiro verso traz travessão no início em FF, em NR1932, e em OCA2015 (nessa edição essa parte do verso vem alinhada à esquerda, com os versos anteriores). Em DRJ, estes versos vêm com aspas no início (assim como a linha que contém a parte final do terceiro verso), alinhados à esquerda (com exceção da parte do terceiro verso que vem deslocada para a direita), sem os travessões; em NR1932, os versos vêm como em DRJ, porém, sem aspas e com os travessões; em MASA, sem os travessões, sem aspas, e em itálico.

⁵⁸ Em FF, os cinco versos finais da estrofe vêm ligeiramente deslocados para a direita (porque o primeiro verso e o início do terceiro vêm mais à esquerda – em relação aos cinco versos finais; e a pergunta do segundo verso vem deslocada para a direita, em relação a esses cinco versos finais).

⁵⁹ Em DRJ todos os versos são precedidos por aspas (que não se fecham); em NR1932, os versos vêm alinhados à esquerda (com exceção de parte do terceiro verso), sem as aspas, mas com os travessões nas quatro linhas iniciais; em MASA, os versos vêm em itálico, alinhados à esquerda (com exceção de parte do terceiro verso), sem aspas; em OCA2015, vêm alinhados à esquerda (inclusive a parte do terceiro verso que, nas outras edições, vem deslocada para a direita), com os travessões, sem aspas.

⁶⁰ As *Cinzas de um livro*] *As cinzas de um livro* – em DRJ; *As cinzas de um livro*, – em NR1932; As “Cinzas de um livro” – em MASA; As “Cinzas de um livro”, – em OCA2015. Em FF, o título do poema, que vem em frontispício divisório (o que sugere ser ele, sozinho, uma “quarta” parte do livro), é “Cinzas de um livro”.

⁶¹ livro,] livro – em MASA.

⁶² O poeta concorda o verbo com a ideia de “parte do livro” ou de “poesia” (silepse).

⁶³ *Cinzas de um livro*] “Cinzas de um livro” – em MASA e em OCA2015.

⁶⁴ *Aninhas*; *Aninhas*] “Aninhas”; “Aninhas” – em MASA.

⁶⁵ *Flores e Frutos*] *Flores e frutos* – em MASA e em OCA2015.

⁶⁶ Sr.] S – em DRJ (em fim de linha).

⁶⁷ Machado de Assis ainda não havia publicado nenhum livro de versos em 1862 (data desta resenha).

Abreviaturas empregadas nesta edição

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.

FF – *Flores e frutos*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.

OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.

Referências

ASSIS, Machado de. Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra. 1862. Garnier, editor. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLII, n. 178, p. 1, 30 jun. 1862.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra. 1862. Garnier, editor. In: *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 3. p. 1032-1034.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. (Orgs.) *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Álvaro Manuel. (Org.) *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. *Nouveaux portraits et critiques littéraires*. Bruxelles: Société Belge de Librairie, etc. / Hauman, Cattoir et Ce., 1836.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 7. ed. melhorada e muito acrescentada com grande número de termos novos usados no Brasil e no português da Índia. Lisboa: Tipografia de Joaquim Germano de Sousa Neves – Editor, 1877/1878. 2t.

SOUZA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

SOUZA, Vivian Regina Orsi Galdino de. *Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano*. São José do Rio Preto: s.n., 2007. [Dissertação de mestrado – Universidade Estadual Paulista]

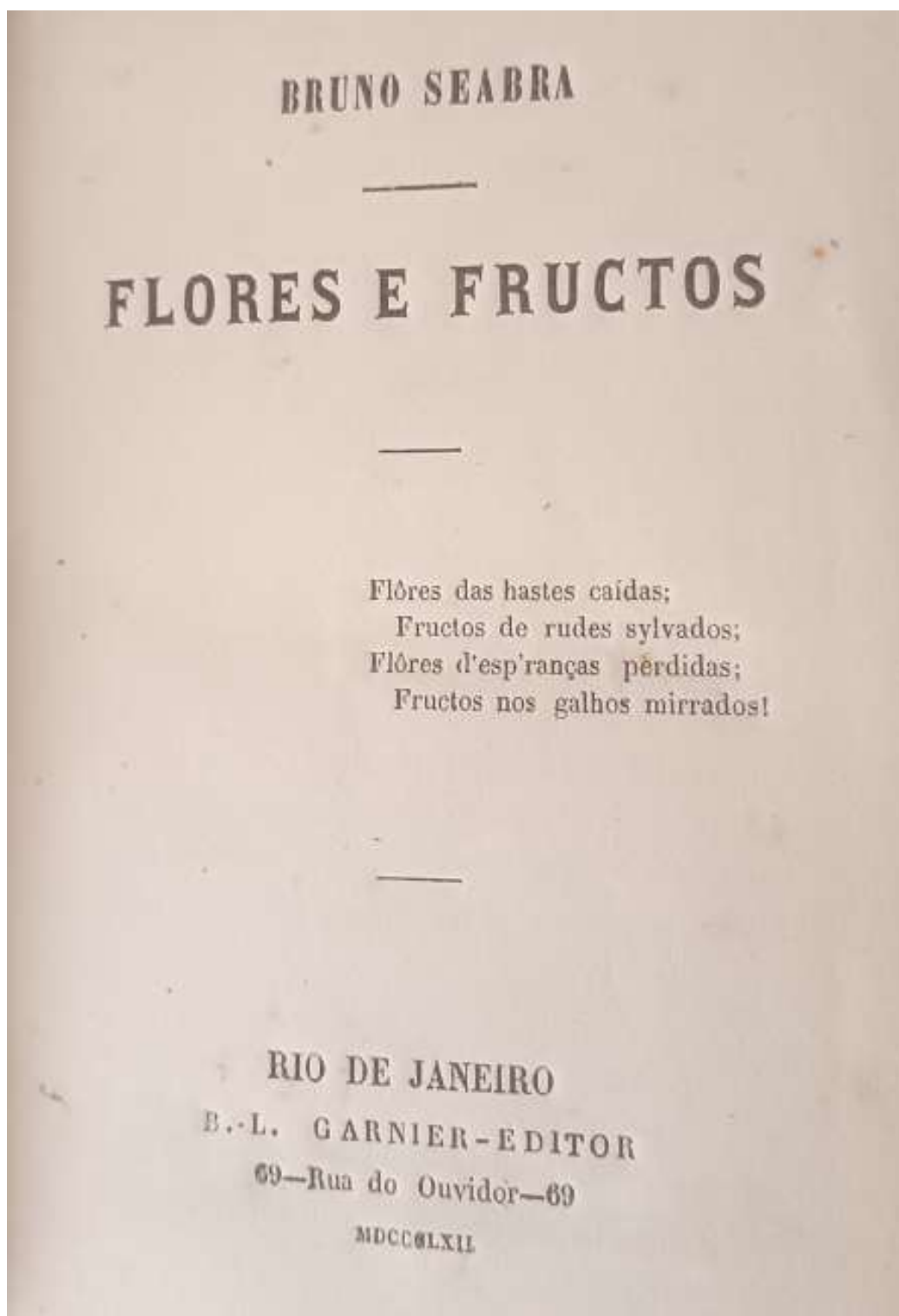
OUTRAS EDIÇÕES

FLORES E FRUTOS

POR

BRUNO SEABRA

Flores das hastes caídas;
Frutos de rudes silvados;
Flores d'esp'ranças perdidas;
Frutos nos galhos mirrados!



Fac-símile da página de rosto de *Flores e frutos*.
FONTE: Biblioteca do Prof. Antônio Carlos Secchin.

A Elas

No bolso do avental dareis ao livro estante,
Com esta condição – ofereço-o às mais gentis;
Que vele junto a vós – em falta de um amante,
(Oh! livro não ser eu!) no leito em que dormis!

Conselheiro leal, amigo sempre alerta,
Em negócios de amor tereis um bacharel:
E se devo comptar¹ coo² prêmio desta oferta
Prefiro um beijo a furto – à glória de um laurel!

¹ Ver nota do autor, no final do livro, à página 158.

² O acordo ortográfico atualmente em vigor entre nós prevê a grafia “coa” para a contração “com + a”; porém, não prevê a grafia “coo” para a contração “com + o”, que fica reduzida a “co”. Por mais que se argumente que na “pronúncia normal”, em Portugal e no Brasil, o antigo ditongo (“ou”) reduziu-se a “o” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 47), “coo” seria, em nosso entendimento, pronunciado “cou”, e a grafia “co” representaria apenas a desnasalização de “com” (ectlipse), como, por exemplo, em “Fui co ele ao cinema.” – o que pode acontecer muitas vezes em poesia (embora não aconteça nesta obra de Bruno Seabra). Sendo assim, a grafia “co” – em nosso entendimento, repetimos – suprime o artigo definido “o” da expressão poética. Por essa razão adotamos a grafia “coo” (que vem no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, 2ª ed., [1986]). Com isso fica facultada a pronúncia “cou” para o encontro “co + o”.

A Eles

Belos tempos, segadores,
Os belos tempos da messe
Da amena sação de amores!
Mágoas – ninguém nas conhece!
Entristecer fora em vão!
Alma e vida se deleita
Nas conquistas da colheita,
Nas lides do coração!
Vai-se um dia, outro amanhece,
E, após ele, outros melhores,
E de frutos e de flores
Mais se reveste a sação!

Ai, tempos das mil loucuras,
Em que são nossas venturas
Passar noites ao relento,
No ponto das entrevistas! –
Em que são nossos pesares
Curtir ciúmes daninhos,
Amuos, ressentimento,
Nos profundos escaninhos
Do coração – por uns olhos
Travessos, endiabradinhos,
E que já têm por costume
Onde estão nossos antolhos
Fazer ferver o ciúme –
Em que são doces cansaços
Subir, descer os outeiros
À cata da namorada,
E, ao cabo de inúteis passos,
Ir encontrá-la na estrada,
À sombra dos cajueiros,
Negligente adormecendo...
Ou, mais além, junto às fontes,
Carregada de boninas, →

Os seus requebros revendo
Sobre as águas cristalinas,
Quando o sol vai derradeiros
Adeuses dizendo aos montes! –
Em que é fortuna sem nome
Correr atrás de esperanças
Dias e dias inteiros,
Para alcançar os matreiros
Caprichos – das *esquivanças*...
Ou, receber, muitas vezes,
Quando muito algumas tranças,
Por galardão dos reveses! –
Em que é achar um tesouro
Conseguir um beijo a furto
Depois de cem negativas;
Rosas colher por *violetas*,
Camélias por *sensitivas*!
E, em resposta às cançonetas,³
Abraços por juramentos
De constâncias duradouras,
Como a constância dos ventos! –

Ter esquecido o passado,
Cuidar pouco do futuro,
E fazer seu velo de ouro
Do presente enamorado,⁴
É a vida, segadores,
Dos belos tempos de então,
Da amena sação de amores!
Ai, tempos das mil loucuras,
Corre a vida em travessuras,
A mocidade enflorêsce,
Desponta a vida em botão!
Mágoas – ninguém nas conhece,
Entristecer – fora em vão!

³ O poeta grafou “chansonettas”, um tanto afrancesadamente (*chansonnettes*). A palavra “chançoneta” vem com “ç” no *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, desde a primeira edição (1879). Aliás, a palavra já constava do *Vocabulário português e latino*, de Rafael Bluteau (1712, v. II, p. 272), que deu origem ao *Dicionário da língua portuguesa*, de Morais, escrita da mesma forma, e com a significação de “cantiga pequena”. A palavra iniciada por “ch” não se encontra registrada no VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa (versão *on line*: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>). Optamos pela atualização da grafia do vocábulo (“cançonetas”) – aqui e nas “Notas”, ao final do livro (p. 161). O livro de Bruno Seabra é bom exemplo de que, ainda no século XIX, persistia a situação registrada por Bluteau no verbete ORTOGRAFIA, de seu *Vocabulário* (1712-1728): “[...] em Portugal, para o modo de escrever não há moda, nem regra certa; quase todos escrevem como querem; e com a continuação desta diversidade, só cada um poderá entender a sua escritura.”

⁴ Ver nota do autor no final do livro, à pág. 158.

Belos tempos! mas passados
Uma vez – não voltam mais!
Sus! à vida, mocidade!
Colhei frutos, colhei flores...
Amanhã!...⁵ flores e frutos
Vereis murchos, e mirrados
Nos páramos da saudade!

⁵ Amanhã!...] Amanhã!.. – em FF. Esse uso de ponto de exclamação seguido por reticências representadas por apenas dois pontos é praticamente constante ao longo do livro – razão pela qual não anotaremos mais esses casos. Na forma grafada pelo poeta, fica entendido que o ponto de exclamação está incorporado às reticências. Também não registramos os casos de reticências com três pontos combinados com o ponto de exclamação – que ocorrem em muito menor número no livro. As mesmas considerações se aplicam ao ponto de interrogação.

ANINHAS⁶

⁶ Ver nota do autor no final do livro, às págs. 158-161.

No deserto do peito – miragens!
– Franco de Sá.⁷

⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 162.

I

Na aldeia

Olha! – que paz se agasalha
Nesta casinha de palha
À sombra deste pomar!
Olha! Vê...! que amenidade!
Abre a flor da mocidade
Na soleira deste lar!

Olha! – as flores vêm sorrindo
Dos verdes ramos caindo
Aos beijos dos colibris!
Olha! – este harém de verdura
Onde amor bebe a ternura
Das saudosas jurutis!

Olha! – esses montes virentes,
Estes arbustos florentes,
Estes risonhos vergéis!
Olha! – os céus que além descobres...
Que reis tiveram mais nobres,
Mais deslumbrantes dosséis?

Olha! – os dourados insectos,
Nos seus enleios de afectos⁸
Dourando a ervagem do chão!
É tradição – que são flores
Animadas dos ardores
Duma extremosa paixão...

Olha... vê...! não são quimeras!
São íris, são primaveras
Na tela do nosso amor; →

⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 162.

Amor aqui – faz pousada
No romper da madrugada,
Nas horas do sol se pôr!

Não cuides ser a ventura
Esse ouropel que fulgura
Sob os tetos dos salões,
Onde a mentira prospera,
E o perfume degenera
Das flores das afeições!

Que valem ruidosos fastos,
Quando os corações vão gastos
De afectos, de amor, de fé?
A ventura verdadeira
Vive à sombra hospitaleira
Da casinha de sapé.

Olha! – que paz se agasalha
Nesta casinha de palha
À sombra deste pomar!
Olha! Vê...! que amenidade!
Abre a flor da mocidade
Na soleira deste lar!

II

Aninha

Tinhas então doze anos,
Acecém – desabrochavas;⁹
Levou-me a ventura à festa,
Lá te encontrei – já dançavas!

Todo em ti meu ser desperto
Nos vaivéns das contradanças,
Eu vi aninhar-se um beijo
Nas flores das tuas tranças.

Oh! – disse comigo – infame!
Traidora foi a vitória!
Hei de contar à criança,
Negro beijo, a tua história!

Mas quando, finda a quadrilha,
Fui falar-te – desdenhosa,
Como se eu fosse um espectro,
Fugiste rindo e medrosa!

Ai! não corrias, voavas!
Dir-se-iam asas as tranças
De que o vento desprendia
Murchas flores de esperanças!

Pobres flores, bem nascidas!
Pobres rosas – malfadadas!
Envoltas coo pó das salas,
Ninguém as quis desfolhadas!

⁹ Ver nota do autor no final do livro, à p. 162.

– Pois que todos vos desdenham,
Pálidas rosas de amores,
Quero-vos eu, orfãzinhas, –
Disse, e fui colhendo as flores.

– Que vim eu fazer à festa?
Que tinha eu lá coo festejo? –
Perguntei falando às rosas
Das tuas tranças caídas,
Rosas d’esp’ranças – perdidas
Ao vil contacto de um beijo!¹⁰

Moços e moças sorriam,¹¹
E as flores não respondiam!

– Senhor Deus! ai, que é tão linda!
Ainda agora em botão!
Dá, pelo amor da inocência
Que reverbera o teu brilho,
Dá que a flor não murche ainda!
Dá-lhe que imite o junquilha,
Que antes que o sol alvoreça,
Não deixa alastrar-se o chão
Das flores do seu festão!¹²
A vida é cheia d’escolhos!
Ai, do batel da inocência,
Ao bramir dos escarcéus,
Se os olhos da Providência
Não vêm tomar-lhe o timão
Neste mar de sedução!
Senhor Deus! por tua Essência,
Olha o batel, senhor Deus! –
De joelhos orou minh’alma
Aos pés do seu criador.

¹⁰ beijo!] bejo! – em FF. Frequentemente o poeta reduz o ditongo “ei” na palavra “beijo”; neste caso, e em outros semelhantes, parecer-nos-ia justificada a grafia pela rima (aqui com “festejo”). O procedimento, entretanto, não é regular ao longo da obra (às vezes aparece “beijo”, em situações em que rima com “ejo”). Grafamos sempre a palavra com o ditongo – já que a escrita não necessariamente reflete a pronúncia. Na fala esse ditongo é, muitas vezes, espontaneamente reduzido.

¹¹ sorriam,] surriam, – em FF. O poeta, frequentemente, usa “u” em sílabas pretônicas que se grafam com “o” – seria isso reflexo da origem nortista do poeta? Em todos os casos, empregamos a grafia com “o”. O mesmo fenômeno sucede com as grafias de palavras com “e” em sílabas pretônicas, que o poeta grafava, frequentemente, com “i”. Ver nota 52, à p. 97.

¹² Ver nota do autor no final do livro, à p. 162.

– Que fui eu fazer à festa?
Que tinha eu lá coo festejo? –
No meu leito soluçava,
Quando as flores contemplava
Descoradas pelo beijo,
Que não foi beijo de amor,
Mas vil, infame, traidor,
Afago infernal... desejo
De quem a inocência ilude
Dissimulando a torpeza
Sob o manto da virtude!
Bastardo da natureza,
Alma e corpo de Satã,
Que sorrindo à singeleza
Vilão, covarde, sem pejo,
Esquece no impuro beijo
Ter o demônio uma irmã!

– Que fui eu fazer à festa? –
No abandono soluçei,
E com lágrimas reguei
Aqueles rosas perdidas,
Dispersas pelo salão,
Que os ditosos desdenharam
Envoltas coo pó do chão!

Deus foi bom; guiou teus passos;
Chegaste a salvo a meus braços!
Deus é bom, vejo-o em ti,
E em tudo quanto sofri!

III

Credo

Creio em ti; – teus olhos dizem
Que só verdades predizem
Meus olhos fitos nos teus:
Creio em ti, filha de Deus.

Meu Deus és tu; meus enlevos,
A poesia, o mundo, os céus:
E céus, e mundo, e poesia
Vejo aí nos olhos teus.
Réu de amores nas cadeias
De teus olhos me prendi;
Não me dês a liberdade
Deste nobre cativo!
Réu de amor – sou prisioneiro,
Esta prisão mereci.

Amor és tu só. Virtude
Teu aspecto soberano.
Em teus lábios não se aninha
O riso astuto e profano
Dessas mulheres mentidas,
Que dão pastos à traição
À custa de tantas vidas,
Que se deixam cativar
Num requebro e falso olhar!
Mulheres que têm caprichos,
E nunca têm coração!¹³

¹³ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível saber com certeza se há (ou não) divisão de estrofes entre eles – a simetria do poema, contudo, sugere que sim (razão pela qual a adotamos).

SEABRA, Bruno. Flores e frutos.

Creio em ti, no teu semblante,
Na pureza de teu seio:
Junto a ti, de ti distante
Creio em ti – noutra não creio.

IV

O vestido carmesim

Não te assenta esse vestido
Carmesim,
Coos seus clamor e reclamos
Guarnecido
De jasmim.

Dirão tuas invejosas:
– Veem-na assim?
Quer ter as faces rosadas,
Tira as rosas
Do vestido carmesim. –

– E aquela alvura de neve?
Cá por mim,
Digo-lhes que a alvura deve
Aos enfeites de jasmim. –

– Hem, prima? Não lhe parece,
Quer ser rosa e bogarim?
Valha-o Deus que não merece
Tanta honra o alfenim! –

Anda a mudar o vestido,
Dá-me o gosto
De morderem-se as rivais
Quando virem que em teu rosto
Brilham cores naturais.

V

Talismã

À noite, nos meus delírios
Da febre de amor e zelos,
Beijo um a um os fios
Da trança de teus cabelos.
Cada beijo é uma estância
Dessa mágica poesia,
Que no crânio me labora
Ao peso dessa agonia
De que grato se vigora
O coração no sofrer!
Que febre é essa de morte,
Que morte de tanta vida!
Como eu sinto embebecida,
Naquele doce transporte,
Minh'alma toda em teu ser,
Ai, que não to sei dizer!

Talvez durmas tu então,
Que nessa hora vai o céu
Às escuras tacteando,
Sem a luz do seu condão;
Dormes, sim; velo só eu,
Pois à janela chegando,
Vejo a noite, a escuridão,
Mas a minha estrela, não!
O talismã que me deste
Irá comigo onde eu for;
Se eu morrer antes d'aurora
Do himeneu do nosso amor,
Comigo se enterre a trança
Que ninguém compreendeu:
Se o morto vive d'esp'rança,
Se inda há esp'rança no céu.

VI

Caprichos

Tu queres ler o meu nome
Nas folhas deste jasmim!
O teu capricho é tirano!
Um nome tão feio assim
Como este nome, profano
Vai nodoar o candor
Da tua mimosa flor!¹⁴

Não, não queiras ver meu nome
Nas folhas deste jasmim,
Como um peçonhento insecto
De asas negras e abjecto
Nas folhas de um bogarim!
E os remorsos, caprichosa,
Que terás quando a mimosa
Pobrezinha emurchece,
À míngua de seu perfume
Que este nome vai beber?
E o nune, ai dele, o nune,
O triste amante da flor!
Pode matá-lo o ciúme,
O ciúme abrasador!¹⁵

Não, três vezes não, não cedo!
Não hei de o nome escrever
Nas folhas deste jasmim,
Sabes por quê? Tenho medo
Que o nune venha em segredo →

¹⁴ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível saber com certeza se há (ou não) divisão de estrofes entre eles – a lógica dos versos sugere, com boa probabilidade, que haja aí essa divisão (razão pela qual a adotamos).

¹⁵ Ver nota do autor no final do livro, à p. 162.

De teu seio, vingativo,
Mel e perfume beber!
E ai de mim, triste de mim,
Se é no teu seio que vivo
Como havia eu de viver?¹⁶

¹⁶ Em FF, ao final deste verso, um travessão (que suprimimos) fecha o poema.

VII

Dormindo

Dormia! que sono! que doce dormir!
Palpita-lhe o seio, pausado, de leve!
A boca entreaberta... que dentes de neve
Dos lábios, a furto, lhe deixa surgir!

Envolta, sem arte, na branca roupagem
As formas realça do corpo gentil!
Em sonhos descora... que pálida imagem!
Depois estremece... que sono febril!

Suspira... boceja... murmura... sorriu!
Exalam seus lábios o aroma do nardo!
– Sim! amo-te, disse, eu amo-te, ó bardo,
Amemos! – e o peito coas mãos comprimiu!

Arqueja... soluça... e um novo bocejo
Espalha o aroma do nardo em redor!
Desperta... em meus braços... furtava-lhe um beijo!
Ninguém mo condene, que o réu foi amor.

VIII

Conselho

Tu és o bogarim; querem-te as brisas
Levianas coquetes¹⁷ do vergel;
Eu sou o colibri dos teus amores,
Não dês às brisas de teu seio o mel.

Quando as boninas nos vergéis definham,
Quando a geada inunda o devesal,
Elas vão respirar o doce aroma
Das flores da estação no cafezal.

Bem vês como elas são... querem perfumes,
E quando o gelo cai, e murcha a flor
Fogem da planta que definha o gelo!
Querem perfumes e não têm amor.

Eu sou o colibri dos teus amores,
Não dês às brisas do teu seio o mel;
Quando o gelo cair e definhares
Serei sempre contigo no vergel.

¹⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 163. Em FF, está “coquettes”.

IX

Tristeza

Já não floresce o valado,
É toda uma tristeza estas campinas!
Aqueles risonhos prados
Estão despovoados
Dos arbustos de outrora!
O verde em flor,
Que era como o tapete das colinas
Tão cheio de frescor,
Amarelece agora!
O pomar nem um fruto, um só que seja!
Não há quem ali veja
Um colibri, um único sequer!
O céu, o próprio céu
Tolda-lhe o rosicler
De nuvens negras um constante véu!
Os feios montes erguidos
Semelham-se a fantasmas denegridos
Acenando os vendavais!
No limiar dos casais
Fez pousada a soidão!
O tangedor saudoso,¹⁸
O tangedor que tão melodioso
Falava ao coração,
Juntando aos da viola
Acordes lisonjeiros
Seguidilhas de amor
Em porfia coos moços bandoleiros,
Nunca mais se ouviu!
Tudo aqui sucumbiu,
Tudo, tudo mudou, tudo é tristeza
Na aldeia desolada! →

¹⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 163.

Deixaste-la... murchou, vergel florido¹⁹
Ao sol estranho, ao sol mais desabrido
Que lhe trouxe a saudade!
Ó gentil primavera desta aldeia,
Quando, quando virás de risos cheia
Encher de risos esta soledade?!

¹⁹ Preservamos o pronome – “la” – na forma em que está em FF: ele conta como sílaba no verso (decassílabo). A forma “la” lhe confere clara autonomia silábica.

X

Graziela

Vem, morena andaluza, linda e bela,
Sentar-te junto a mim!
Trina endechas de amores, Graziela,
Eu toco o bandolim.

Enquanto o mundo no vaivém das tramas
De hipócrita moral,
Faz dos homens atores de seus dramas
No palco universal;

Nós faremos aqui papéis mais belos
No teatro de amor...
É tão bom respirar nos teus cabelos
Suave e doce olor...

Teu seio, travesseiro de brocado
De egípcio himeneu,
Tem mais perfume que na terra o nardo,
Que os jacintos no céu!

É tão bom reclinar sobre teu seio
A fronte o trovador...
E dormir, no remanso desse enleio
Dormir... sono de amor...

Oh! dormir e sonhar ao teu regaço
Que a vida é sempre assim, que²⁰ não tem dores!
Oh! vida de um viver passado em sonhos
Aos sons dos hinos das visões de amores!

²⁰ Talvez seja “quem” no lugar deste “que”. O poeta não corrigiu este verso na “Advertência” ao final do volume.

É tão bom! vem, morena, se tu queres,
Desse prisma através de mil fulgores,
Ver a vida correr em céus de rosas,
E em noites de amor – ver céus de amores!

E tu não sentirás da vida o tédio,
E eu me embeberei nos teus primores,
Que a vida é gozo que inebria a alma
Quando ela vive soluçando amores!²¹

Vem, minha amada, que eu te mostro a vida
Desse prisma através de mil fulgores,
Que às vezes quando durmo sobre espinhos
Me faz sonhar que durmo sobre flores!

²¹ Quando ela vive soluçando amores!] Quando ele vive a soluçar de amores! – em FF (corrigido na “Advertência”, ao final do volume).

XI

A um jasmineiro

Meu jasmineiro, algum dia
No teu primeiro verdor,
Quem te visse não diria
Que tão cedo te veria
Tão maltratado d'amor!
 Que é do teu verdor primeiro,
 Jasmineiro, jasmineiro?

Confidente afortunado
Dos amores do zagal,
De folha e flores copado
Eras o rei do valado,
Eras o orgulho do val!
 Desfolhado jasmineiro,
 Que é do teu verdor primeiro?

Invejava-te a roseira
As honras da primazia,
E a moreninha faceira
Cuidava em ser a primeira
Que as tuas flores colhia!
 Que é do teu verdor primeiro,
 Jasmineiro, jasmineiro?

Não vem hoje, como outrora,
Pedir-te a morena flor;
O zagal ao ver-te cora,
E os seus amores deplora
Ante o remorso de amor!
 Ai, triste do jasmineiro,
 Sem o seu verdor primeiro!

As roseiras do valado
Dizem, rindo-se, entre si;
– Pois não veem o malfadado,
Como em ser tão desprezado,
Ainda vegeta ali?! –
 Sem o teu verdor primeiro,
 O que esperas, jasmineiro?

Amor que te leva as flores,
Definhando te deixou!
Hoje, vítima de amores,
Qu' é do prêmio dos verdores
De que amor se engrinaldou?
 Amor! amor, jasmineiro,
 Foi sempre o ingrato primeiro!

Olha-te em mim: algum dia,
Dos anos abrindo em flor,
Quem me visse não diria
Que tão cedo sofreria
As ingratidões de amor!
 Sem o teu verdor primeiro,
 Olha-te em mim, jasmineiro!

XII

.....

Como o ipê já do inverno desfolhado
Que a primavera fez cobrir de flores,
Minh'alma triste na aridez da vida
Aos teus carinhos se vestiu de amores.

Ai, que não fosses despertar a triste
Do frio sono da descrença minha!
Nem te importasses que eu deixasse a vida
De que minh'alma tantas mágoas tinha!

Mas quem te ouvira, bendizendo o mundo,
A voz divina de harmonia tanta,
Sem no peito sentir magos arroubos
Da poesia de amor mais pura e santa?

Que rei não se curvara a um teu aceno,
Não te rendera grata vassalagem
Ao ver-te qual te vi meiga e formosa,
Mulher, anjo, satã, silfo ou miragem?!

Ai, que não fosses despertar minh'alma
Do frio sono da descrença minha!
Nem te importasses que eu deixasse a vida
De que minh'alma tantas mágoas tinha!

Que sim, antes assim! árabe errante
Nos desertos da vida abandonado,
Meu livre coração pulsara ainda
Sem remorsos, mulher, de haver-te amado!

Mas quem te ouvira, bendizendo o mundo,
A voz divina de harmonia tanta,
Sem no peito sentir magos arroubos
Da poesia de amor mais pura e santa?

XIII

De tarde

I

Descamba o sol vagaroso;
Que sombra vai pelos montes!
Nas fímbrias dos horizontes
Que vespertino arrebol!
E além a lua que surge,
Talvez amante zelosa,
Que vai sondar ardilosa
O rumo que toma o sol?!

II

Pelo remanso dos rios,
Pelas quebras dos outeiros,
Pelas choças dos lenheiros,
Pelas matas e sertões,
Soam ternas cantilenas
Saudando a virgem de amores!
Que vem 'calentando as dores,
As dores dos corações!

III

Donde vens, formosa virgem,
Tão cheia de simpatia?
Ó meiga irmã da poesia,
Ó Tarde, donde vens tu?
Ah! dize que vens dos mundos
Das flores de que te incensas →

Abrir a rosa das crenças
Num peito de crenças nu!

IV

Vem, formosa! abre em meu peito
Aquele flor de quimeras
De que vivi noutras eras
Vida de muito sentir...
Quando a teu seio abrigado
Minhas crenças embalava,
E meus olhos alongava
Para as bandas do porvir...

V

Olho o prado... o prado é verde;
Aos palpites dos desejos
Os amantes colhem beijos
À sombra dos laranjais;
E os cupidinhos das flores,
Os colibris inconstantes,
A exemplo de tais amantes
Se beijam nos cafezais!

VI

Mas, eu, agora, sem crenças,
A alma estéril de flores,
A vida farta de dores,
E a mocidade sem fé,
Seguindo a sombra do tédio,
Sou no meio dos ditosos
Como entre arbustos viçosos
Mirrado tronco de pé!...

VII

Vem, formosa! abre em meu peito
Aquele flor de quimeras,
De que vivi noutras eras
Vida de muito sentir... →

Quando a teu seio abrigado
Minhas crenças embalava
E meus olhos alongava
Para as bandas do porvir...

VIII

Dá, virgem, que se renovem
Em teu seio as primaveras
Daquelas saudosas eras,
E as crenças que já perdi!
Mas... tu foges? Não me queres,
Vou profanar-te os regaços?...
Vem tu, noite, abre-me os braços,
Que eu também – anoiteci...

XIV

Valsando

Que linda na valsa! nos leves rodeios!
Ai quantos anseios! ai quantos suspiros
 Perdidos nos giros,
 Dispersos no ar!
 Que sonhos ardentes,
 Que ardentes anelos,
 Se prendem nos elos
 Daquele valsar!

Que febres de anelos, que sonhos ardentes,
Não sonhas, não sentes, madona de amores,
Sonhando e acordada, com vida e morrendo,
Tão forte e tremendo, sorrindo – com dores!

Tão débil! tão fina! mimosa, não cansas?
Vão soltas as tranças, despidas das flores,
 Enfeites de amores
 Tratados assim!
 Não pises nas rosas,
 Não pises nos lírios;
 Eu sinto os martírios
 Das flores em mim!

Não pises nos lírios, não pises nas rosas,
Donzelas mimosas são todas as flores!
Irmãs da beleza têm risos, têm prantos
Também nos encantos suspiram de amores!

Não ouse o valsante tocar-te de leve
No colo de neve... roubar-te uma trança...
 Amor, que tardança!
 Não canses, amor!
 Vai longe essa valsa
 De tantos rodeios, →

Definham-te os seios
Em mágico ardor!
Vai longe essa valsa de tantos rodeios,
Definham-te os seios aos doces tremores!
Oh! para, desperta do sono da dança
Que a morte embalança nos sonhos de amores!

Oh, para! não morras nos braços do forte...
Teu leito de morte... aqui no meu seio!
Ah! vem sem receio
Aqui desmaiar!
Morrer-me, donzela,
No peito de amores,
Em paga das flores,
Que deixas pisar!
Morrer? tão donzela, tão santa, tão linda?
Não morras ainda, madona de amores!
As aves se emplumam, as flores vicejam,
Os céus nos cortejam coos seus resplendores!

A música para. A virge' enlanguescer!
A cor desfalece do meigo semblante!
Que linda ansiante!
Que branco jasmim!
Formosa, revive,
Que tanto valsaste!
Tão débil, cansaste;
Não valeses assim!
Formosa, revive, que tanto valsaste!
Tão débil! cansaste, que pálidas cores!
Repousa em meu seio, revive em meu peito,
Mais terno que o leito das fadas de amores!

A valsa é ardente, o peito incendeia,
A valsa tonteia, a alma arrebatada!
É dança que mata
Em mágico ardor!
Revive em meu seio,
Que tanto valsaste!
Tão débil, cansaste!
Não valeses, amor!
Eu vi-te morrendo!... que dores que tive!...
Formosa, revive, tem pena de mim!
Não valeses que morres, tão débil, tão linda!
Não morras ainda! não valeses assim!

XV

Retratação

Aqui me tens; aqui venho
Dizer-te que ainda tenho
Muito amor no coração:
Aqui 'stou²² arrependido
Caído a teus pés, caído
Implorando-te o perdão!²³

Perdoa se eu duvidei!...
Sabe Deus se eu duvidava;
Se lá do peito no interno
O coração ignorava
As palavras que soltei,
Ou se eu estava no inferno
Ou o inferno todo em mi',
Se eu receava dos homens
Ou duvidava de ti?!
Os homens?! traidores todos!
E cada qual se presume
Com direito de agradar,
E quando vai não reflete
Que às vezes pode o ciúme,
Pode o ciúme matar!
Ai, não era eu no inferno,
Era o inferno todo em mim,
Eu receava dos homens,
São todos eles assim!

²² Em FF, nesta primeira parte ("Aninhas"), as aféreses em formas do verbo "estar" são assinaladas por apóstrofo, o que, na maior parte das vezes, não acontece no restante do livro. Empregamos o apóstrofo em todos os casos, e não anotamos.

²³ Em FF, o verso subsequente vem no alto da página seguinte; não é possível ter certeza acerca da existência (ou não) de divisão de estrofes entre este e o verso que o segue – julgamos que sim, pela simetria com a sextilha que encerra o poema.

Eu sei que fui arrojado,
Vilão, traidor e covarde,
Que fingi e fiz alarde
Do meu fingimento ousado!
Mas... sofri... olha-me o rosto
É o meu livro do passado!

XVI

Flor de Cardo²⁴

Vicejam todas as flores
Na prazenteira estação;
Eu definho flor de cardo,
Na várzea da solidão!

Passam por mim as abelhas,
As borboletas também;
Não me veem as borboletas,
As abelhas não me veem!

É que eu não tenho perfume
Que lhes desperte ambição;
Porque eu sou a flor de cardo
Na várzea da solidão!

Órfã de amor e de afectos,
Eu vivo à míngua de amor!
Flor sem nome, flor de espinhos,
Desditosa, infeliz flor!...

Vem tirar-me do abandono,
Eu terei outro condão!
A teu seio transplantada
Serei flor ditosa então...

O doce mel de teus lábios
Como orvalho beberei;
No perfume do teu seio
De perfumes me encherei.

²⁴ Ver nota do autor no final do livro, à p. 164.

Vem tirar-me do abandono
Deste exílio de martírios!
Rosa, pode um teu sorriso
Dar-me as venturas dos lírios!...

Uma serrana menina
Ao passar junto de mim,
Zombando dos meus queixumes,
Falou desdenhosa, assim:

“Ai, és tu, flor da tristeza?
Não te quer meu coração!
Fica-te aí coos espinhos,
Queira-te outra, eu não!”

E deixou-me desdenhosa
No triste abandono meu!
Que nem ela em ser criança
De meus males se doeu!...

Dá-me os teus carinhos, Rosa,
Por amor destes martírios!
A teu seio transplantada
Serei a inveja dos lírios.

XVII

Rosa Branca

Que vais tu fazer aos bailes,
Que tantas vezes vais lá?
Olha, Rosa, muita sina,
Muita sina venturosa,
As salas dos bailes, Rosa,
Têm mudado em sina má!
Como às vezes na campina
Morre à míngua de seu mel
A bonina que abre os seios,
Incauta, ao zangão traidor,
Que nos seios da bonina
Deixa o peçonhento fel
Em paga do mel e odor
Do seio da incauta flor;
Assim morre e troca às vezes
Sina boa pela má
A flor que vai aos salões
Aonde a mentira está!
Toma o aviso de amigo,
Atende bem no que digo,
Rosa branca, Rosa branca!

As salas... bem sei! as salas
Com os seus artesões e galas,
E luzes, e orquestra e cantos,
Enchem os olhos de encantos,
Como os homens fementidos,
Que lá vão tantos... ai tantos!
Enchem os castos ouvidos
Das donzelas que lá vão,
De protestos e promessas
Tão longe do coração! →

Mas, ai, linda, ai, branca Rosa,
Quantas flores de lá vêm
Sem os perfumes que tinham
E que não lhos dá ninguém!?

Não; nem sempre a mais ditosa
É aquela flor, ó Rosa,
Que vai aos salões da festa.
O ar perfumoso ali
Cresta as flores – como cresta
O sol de ardente verão
O frágil e tenro jasmi'
Que se abriu nessa estação!
É a verdade o que digo,
Vem a voz do coração;
Toma o aviso de amigo,
Como um aviso de irmão:
Não é sempre a mais ditosa
A flor que vai seus perfumes
Derramar pelo salão.
Toma o meu aviso, Rosa,
Não serás lá mais ditosa,
Ai, que nunca o serás, não!

Também eu já fui às salas;
Meu Deus, o que foi que vi?
Aqui – um jasmim pisado,
Desfolhado um lírio ali...
Quantas rosas desprezadas
Porque tinham emurchecido!
Quantas flores ressequidas
E por isso abandonadas?!
Ai, tantas flores perdidas!
Ai, tantas flores pisadas,
Foi só, foi só o que vi!
É a verdade o que digo
Falo-te com voz de amigo,
Rosa branca, Rosa branca!²⁵

²⁵ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível ter certeza da existência (ou não) de divisão de estrofes neste ponto. A nós nos parece que há divisão, porque a estrofe que termina aqui apresenta uma conclusão (sobre o passado, a ida do poeta aos salões), ao passo que o verso seguinte volta-se para o futuro.

Um dia virá, um dia,
Que talvez não tardará!
Despertarás, branca flor,
Sem perfume e sem verdor,
Dessa ilusão. Lassa e fria
Tu'alma despertará!
Perguntarás: meu frescor?
Que fizeram do perfume
Que eu nestes seios trazia?
Qu' é da vida? Qu' é do amor,
Aquele suave calor
De que esta alma se aquecia?
Qu' é do mel que eu tinha em mim?
O que sou eu? Onde vim?
As salas, onde 'stão elas?
As minhas irmãs – as belas,
E meus noivos onde 'stão?
– Pois se beberam-te o mel
E já perfumes não tens,
Agora, vive do fel
Que foste buscar nos bailes
Entre os seus loucos vaivéns! —²⁶
Te responderá a razão.²⁷

Essa ilusão que inebria
Os olhos e os corações,
Amanhã muda e sombria,
Como as figuras de bronze
Dos já desertos salões,
Verás, de braços cruzados,
Como a sombra da Desgraça,
De pé, em frente a teu leito,
Olhar-te muda e sorrir
Com um sorrir que traspassa
Todas as fibras do peito,
E o coração vai ferir,
Ferir de morte no fundo!
Então, pálida e chorosa,
Triste imagem d'amargura, →

²⁶ Em FF, entre o travessão que introduz a resposta da razão e o travessão que a fecha, todos os versos vêm precedidos por travessões (que suprimimos).

²⁷ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível ter certeza da existência (ou não) de divisão de estrofes neste ponto. No verso seguinte, o poeta retoma sua interlocução imaginária com Rosa; julgamos, então, que há divisão de estrofes.

Escarnecida do mundo,
Embalde chamarás, Rosa,
Pelo outono da ventura,
O outono não voltará,
Rosa, não voltará, não!
Ai, de ti, se não te acordas
Enquanto inda é tempo, ó flor,
Do sono da sedução!²⁸

Amanhã quando acordares,
Ludíbrio do mundo ingrato,
Murcha, desfeita, sem cor,
Então sentirás, ó Rosa,
Os espinhos do seu trato!
Clamarás contra os enganos,
Mas, debalde bradarás,
Será tarde e tudo em vão!
Ninguém t'ouvirá o clamor!
Apenas, triste, verás
Uma por uma rolares
As tuas folhas no chão!
E tu, Rosa, ai, pobre flor!
Não serás mais Rosa, não!
É a verdade o que digo,
Toma o aviso de amigo,
Como um conselho de irmão,
Rosa branca, Rosa branca!

²⁸ Em FF, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte; não é possível ter certeza da existência (ou não) de divisão de estrofes neste ponto. Nos versos anteriores o poeta faz uma reprimenda genérica a Rosa, ao passo que, a partir do verso seguinte a este, ele se refere a uma situação bem definida e particularizada (“Amanhã quando acordares”). Por essa razão, julgamos que há divisão de estrofes.

XVIII

Açucena

I

Era uma branca açucena,
Deu-me alguém a branca flor;
Donzela que teve pena
Das queixas de meu amor:
Foi uma gentil morena
Pedi-me a branca açucena.

II

– Eu vivo, gentil morena,
Do perfume desta flor;
Deu-me alguém esta açucena
Como um talismã de amor: –
Vai ela, e disse, – tem pena!
Oh! dá-me a branca açucena! –

III

– Nos seios desta açucena
Minh'alma adormece em flor;
Oh! deixa-a dormir! tem pena,
Neste regaço de amor! –
– Troquemos, disse a morena,
Um beijo pela açucena?! –

IV

Fui eu beijei a morena
Dos rubros lábios na flor,
E dei-lhe a branca açucena,
O meu talismã de amor!
Ai, nem de mim tive pena,
E nem daquela açucena!

V

Ai, minha branca açucena,
Ai, minha mimosa flor!
Cortei o fio, sem pena,
Do sono de nosso amor!
Ai, caprichosa morena!
Ai, minha branca açucena!

VI

Foi nos seios da morena
Abrasou-se a branca flor...
Aquele branca açucena,
Aquele prenda de amor!
Seios de fogo, sem pena,
Queimaram minha açucena!

VII

O qu' é da minha açucena,
Qu' é da minha branca flor?
Agora quem terá pena
Deste amor – órfão de amor?²⁹
Dá-me a minha flor, morena,
Aquele branca açucena!

VIII

E vai responde a morena;
– Àquela mimosa flor?³⁰ →

²⁹ Deste amor – órfão de amor?] Deste amor-órfão de amor? – em FF.

³⁰ Em FF, este verso não traz travessão no início, e começa por ponto de princípio de interrogação, à espanhola.

Aquela branca açucena?
Aquela prenda de amor? –
E a desdenhosa, sem pena,
Deu-me as cinzas d'açucena!

IX

Ninguém escute a morena,
Ninguém lhe ceda uma flor,
Que ela pede uma açucena
Para matar um amor,
E... rir-se, depois, sem pena,
De quem chora uma açucena!

XIX

Convite

Fujamos!... no sol da corte
Há sempre raios de morte,
Há sempre luz de traição!
Lá dos sertões na floresta
O sol as flores não cresta,
Nunca mente ao coração!

Ali não reina a mentira,
Não tem vassalo o Timbira
Que todo o Timbira é rei;
Nos reinos dos sertanejos
As leis se escrevem com beijos,
Liberdade – é nossa lei.

Ao lar da nossa choupana
Tu serás como a sultana,
Eu serei como o sultão;
Querida, vamos querida,
Viver toda a nossa vida
Das florestas no sertão!

O nosso leito de amores
Será de gramas, e flores
Perfumosas de umeri;
Ali dormirás querida,
Bebendo os favos da vida,
Nos braços do teu peri!

Fujamos! nossas florestas,
Têm mais risos, têm mais festas
Que as salas do cortesão; →

Querida, vamos querida,
Viver toda a nossa vida
Das florestas no sertão!

Fujamos!... vamos querida,
Viver longe a nossa vida,
Desta vida cortesã;
No regaço da ventura,
Aonde as leis da impostura
Não dão leis às de Tupã!

XX

A lagoa dos amores

Era uma vez, alta noite,
Nas horas do ressonar,
Caminhava um marinheiro
Pelas encostas do mar,
Esta cantiga cantando
Capaz de fazer chorar.

“No oceano da existência
Marinheiro viajei,
Dentro da gentil barquinha
Que Mocidade chamei,
Onde eu era todo ufano
Como em seu palácio um rei.

Era piloto a Esperança³¹
Da barquinha tão gentil,
Toda pintada de listras
Cor de rosa,³² cor de anil,
Singrando, como a gaivota
Entre as ondas, senhoril.

Quando as velas se entufavam
Das brisas do norte ou sul,
Era a barquinha uma garça
Pairando num lago azul;
Nunca um Doge de Veneza
Teve um batel mais taul.

³¹ Em FF, o primeiro verso de todas as estrofes – até a penúltima, em que se fecham as aspas abertas na segunda – trazem aspas de abertura (que suprimimos).

³² Embora a grafia hoje recomendada seja “cor-de-rosa”, por ser consagrada pelo uso, preservamos a grafia do poeta – pelo paralelismo “cor de rosa, cor de anil”. A presença ou ausência do hífen não altera o sentido.

Sulcando os mares da vida,
Parece que a vejo assim;
Sorrindo a esp'rança do leme,
Sorrindo a esp'rança pra mim
Docemente reclinado
Das crenças no camarim.

E quando o mar se encrespava
Ao peso do furacão
Vogava aquela barquinha
Qual outra nunca vi, não;
Sem ouvir a voz de – voga!
Do piloto ou capitão.

Na calma ou remanso,
Na vazante ou preamar,
Quando a barca adormecia
Das ondas ao murmurar,
Eu da proa assim cantava
Para a barquinha acordar:

– Desperta, gentil barquinha,
Que a procela pode vir,
Pode o – Porto do Futuro
À nossa vista encobrir;
Voga, voga, Mocidade,
Busca as praias do – Porvir!

E a barquinha despertava,
E, rompendo a calma,
Singrava sobre o remanso
Como se fosse em porfia;
Mas, um dia... oh! bem me lembro
Dos cachopos desse dia!

Na lagoa dos amores
A barquinha navegou,
Sopra o vento contra a popa,
E a coitada naufragou!
Piloto que a pilotava³³
Nunca tão mal pilotou!...³⁴

Parte a quilha contra as rochas,
Das ondas ao escarcéu →

³³ Piloto que a pilotava] Piloto que a pipolatava – em FF.

³⁴ Nunca tão mal pilotou!...] Nunca tão mal piloto!... – em FF (corrigido na “Advertência” ao final do volume).

Soçobrou-se a Mocidade,
E o piloto pereceu!
O capitão deu na costa
Do – Futuro que perdeu...

Foi ter náufrago nas praias
Das – Desilusões de amor,
Quase morre de fadiga,
Da tormenta no rigor,
Arribando noutro porto
O triste navegador!

Bateleiro sem barquinha
Não pode mais viajar;
Marinheiro que naufraga³⁵
Não deve mais navegar;
Adeus, lagoa de amores,
Não posso mais embarcar!”

Assim cantava alta noite,
Nas horas do ressonar,
Caminhando um marinheiro
Pelas encostas do mar;
Não é mais triste a cantiga
Do que era o triste cantar.

³⁵ naufraga] nuafraga – em FF.

LUCRÉCIAS³⁶

³⁶ Ver nota do autor no final do livro, à p. 165.

Qual cede um batel sem leme
Do mar e vento aos furores,
Sem força levar-me deixo
De uma torrente de amores.

A. F. DE CAST. – *Amor.* – de Ovíd.³⁷

³⁷ A. F. DE CAST. – *Amor.* – de Ovíd.] A.-F.-DE CAST. – *Amor-de Ovid.* – em FF. Esta é a quarta quadra (versos n. 13-16) da tradução de Antônio Feliciano de Castilho da “Canção 4.^a” do livro II de *Os amores*, de P. Ovídio Nasão, cujo título é “Coração para todas”. A indicação abaixo dos versos, portanto, é da obra, cujo título é *Os amores*. (Cf. CASTILHO, 1858.)

I

Nós e vós

Amo-vos a todas vós,
Raparigas,³⁸ porque nós
Dos quinze aos vinte solteiros,
Borboletas dos rosais,
Somos todos bandoleiros,
Como foram nossos pais,
Depois de nossos avós.

Amai-me, pois, todas vós,
Porque, afinal como nós
Dos quinze aos vinte solteiras,
Lindas flores dos rosais,
Sois tão boas bandoleiras,
Como foram vossos pais,
Depois de vossas avós.

Agora... casando nós,
Bem como casando vós;
– Adeus vida de solteiros,
Borboletas e rosais!
E nunca mais bandoleiros! –
E Deus vos guarde dos pais
Que inda o são depois de avós...

³⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 165.

II

Às raparigas

Travessas, formosas, gentis raparigas,
Meus lindos romances atentas ouvi:
Nasci sobre as ondas das águas do norte,
E as verdes florestas do norte corri.

Do rio – gigante – que tira o seu nome
Daquelas guerreiras dos tempos dalém,³⁹
À margem virente colhi muitos frutos,
E flores, e risos, e... beijos também!

Ao pé das cascatas, em tardes serenas,
Ao som dos ruídos das águas, – cismeí;
Que cismas de crenças! que sóis d'esperanças!
Que ar de baunilha que ali respirei!

Corri pelas veigas atrás dos galheiros,
Os méis das abelhas nos montes bebi;
E à sombra dos cedros altivos, copados,
As sextas, saudosas, nas redes dormi.

Ao pino e aos raios do sol que mais queima,
Perdido nas brenhas de incultos sertões,
Lutei braço a braço coas onças feroces,
Mais bravas, mais feras que os próprios leões!

Delgado, flexível, meu corpo mimoso,
Nas tardes calmosas do sol do Equador,
Nos lagos, nos rios nadava aboiando,
Por entre as gaivotas, das águas à flor.

³⁹ Ver nota do autor no final do livro, à p. 165.

Em noites de lua, ao lar das choupanas,
Ouvi dos sertanos⁴⁰ as rudes canções;
E as lendas de amores das filhas das selvas,
E os ternos segredos de seus corações.

Nas matas, mirei-me nas águas das fontes,
Que imagem faceira nas águas sorria!...
Atentas ouvi-me, gentis raparigas,
Dizei-me, travessas, se o espelho mentia.

Meus olhos castanhos, sisudos, traquinas,
Têm fogo, têm brilho, têm lhana expressão!
Audaces,⁴¹ medrosos, esquivos, quietos...
Meus olhos, dizei-me: formosos não são?

Meus lábios... meus lábios pequenos, risonhos,
Uns longes tirando da cor do carmim,
Dos méis e perfumes das flores sedentos...
Pois há muitos lábios mimosos assim!...

E os negros cabelos, e as faces de jambo,
E os buços macios abrindo-se em flor?
E uns traços de *triste* que eu tenho na fronte,
E o sangue nas veias coando em fervor?...

E a boca tão breve... e as doces palavras,
E a idade viçosa da meiga estação?
E as minhas cantigas, e um peito que é terno,
E os muitos desejos do meu coração?...

Dizei-me, travessas, gentis raparigas,
Dizei-me, formosas, se o espelho mentia?
Tão cheio de dotes e os dotes tão raros,
Não era galante o retrato que eu via?

Pois bem; das florestas, das matas virentes,
A mão da ventura me trouxe até aqui;⁴²
Perdido entre as gentes, perdi-me de amores
Por todos os olhos das moças que vi...

⁴⁰ Esta palavra não consta do Vocabulário ortográfico da língua portuguesa, versão digital, disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Forma sincopada de “sertanejos”.

⁴¹ Esta palavra (“audace”) não consta do Vocabulário ortográfico da língua portuguesa, versão digital, disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Forma antiga de “audazes”.

⁴² Ver nota do autor no final do livro, à p. 165. Leia-se: “A mão da ventura me trouxe até ‘qui”.

E eu ando perdido com os dotes que tenho...
Que sina! que pena! que triste condão!
Se dentre vós uma quisesse ser noiva...
Que noivo lhe eu dera, e aí, que noivo então!...

É tempo, e inda há tempo! – é fero destino
Perderem-se dotes tão raros assim!
Se dentre vós – uma quiser um marido,
Me escreva uma carta dizendo – que *sim*.

III

Teresa

Quem vem da igreja? Teresa
Que foi casar-se... surpresa!
Não esperava este azar!
Nunca me turbara a ideia
Esta lembrança tão feia
De que podia casar!

Que *não cuidei* vejo agora,
Porque mo afirma esta hora,
Que inesperada bateu!
Casada! vejo-a casada!
Jesus! como está mudada!
Pois também mudarei eu.

Secai, esp'ranças viçosas,
Emurchecei, perfumosas
Flores, que eu tanto reguei!
Coração, meu pobre filho,
Velho 'stás, segue o meu trilho,
Enruga como enruguei!

Casou-se aquela trigueira,
Que para nós tão fagueira
Se mostrava; já casou!
Aquele mesma Teresa,
Que a correr pela devesa,
Tantas vezes nos cansou!

Olhem como vem pimpona!
É uma senhora dona,
Reparem como ela vem... →

Seu marido vem com ela
Todo cheio de cautela,
Que muitos ciúmes tem!

Olhai-a, como nos foge!
Como mais esquivos hoje
Seus olhos fogem de nós!
Agora que 'stá casada...
Não irá mais à latada
Colher as uvas a sós...

Já não veste saias curtas,
Como outrora a colher murtas,
Jambos ou maracujá,
Pelos declives dos montes
Ia, e depois vinha às fontes,
E nós estávamos lá...

Veem?⁴³ é outra! é outra... olhai-a!
É vestido, não é saia,
Teresa a mesma não é!
E que vestido comprido!
Não deixa ver o vestido,
Nem a pontinha do pé!...

Adeus, senhora Teresa!
Salve o pobre na pobreza,
Que isso não lhe fica bem!
Soberba coo seu marido,
Soberba coo seu vestido,
Já não conhece ninguém!

Deixe-se de soberbias,
Lembre-se daqueles dias,
À sombra dos cafezais...
Descora... não tenha medo!
Vá tranquila que o segredo
Da minha boca... jamais...

Jamais... e jamais suponha
Seu marido que a vergonha
À casa lhe hei de eu levar...
Jamais, senhora Teresa,
Que eu também tenho a certeza
De algum dia me casar.

⁴³ Veem] V'em? – em FF. Julgamos desnecessário o apóstrofo indicador de síncope; os dois “ee” da forma verbal não se pronunciavam separadamente.

IV

Os meus olhos em leilão

EU, BETA E JOANINHA.

EU

Compra-me estes olhos, Beta,
Vou vendê-los em leilão;
Deita o lance, ó Joaquina!
Quanto por eles me dão?

BETA (*com desdém*)

Quanto a mim, Deus me perdoe,
Nem de graça me convêm;
Quando o próprio dono os vende,
Vejam que préstimo têm...
Fazem-lhe conta, priminha?
Aproveite a ocasião...

JOANINHA (*com arrufo*)

Pois eu lá precisei nunca
De olhos de segunda mão?!

EU

Cuidam que vendo estes olhos,
Ou que de graça os daria...

BETA (*com desprezo*)

Quem é que precisa deles?

JOANINHA (*com escárnio*)

Quem é que lhos compraria?

EU (*parodiando*)

Quem é que precisa deles?
Quem é que mos compraria?
Quem souber que a SORTE GRANDE
Lhes saiu na loteria...

BETA (*rindo*)

A sorte grande!... priminha...

JOANINHA (*rindo também*)

A sorte grande! ora qual...

EU

Olha este bilhete, Beta;
Joaninha, toma o jornal.

BETA (*lendo o n.º do bilhete*)

Cinco mil... e trin...ta e qua...tro...

JOANINHA (*conferindo no jornal*)

E trinta... e qua...tro... aqui... 'stão...
Vinte contos...⁴⁴

⁴⁴ Vinte contos...] Vinte contos.. – em FF.

BETA (*dramática*)

Vinte contos!...

JOANINHA (*trágica*)

Priminha, é quase um milhão!...

BETA (*com pasmo*)

Vinte contos!... que riqueza!...

JOANINHA (*dando um passo para mim*)⁴⁵

Coos lindos olhos que tem...

BETA (*adiante de Joanhinha*)

Se eu tivesse uns olhos desses...

JOANINHA

Eu se os tivesse também...

BETA (*com ternura*)

Uns olhos tão expressivos...

JOANINHA (*com meiguice*)

Que falam ao coração...

BETA (*tomando-me a mão direita*)

Que têm raios...

⁴⁵ A presença do “eu” entre os interlocutores, esta indicação cênica e duas outras logo adiante – “(tomando-me a mão direita)” e “(tomando-me a mão esquerda)” – permitem que se classifique a cena dramática no gênero lírico...

JOANINHA *(tomando-me a mão esquerda)*

Que têm brilho...

EU *(com diplomacia)*

E agora quase um milhão...

BETA *(con amore)*

Deixa que eu ame os seus olhos?

JOANINHA *(solto voce)*

Deixe que eu lhes beba a luz?

EU *(profundamente comovido)*

Deixo... sim... mas, o bilhete...

AMBAS

O bilhete?...

EU

É falso...

AMBAS

Cruz!...

(E ambas deram-me as costas, deixando-me na posição mais cômica da minha vida...)

V

Moreninha

- Moreninha, dás-me um beijo?⁴⁶
– E o que me dá, meu senhor?⁴⁷
– Este cravo...
– Ora, esse cravo!
De que me serve uma flor?
Há tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
É barato; guarde a flor.
- Dá-me o beijo, moreninha,
Dou-te um corte de cambraia. –
– Por um beijo tanto pano!
Compro de graça uma saia!
Olhe que perde na troca,
Como eu perdera coa flor;
Tanto pano por um beijo...
Sai-lhe caro, meu senhor.
- Anda cá... ouve um segredo...
– Ai, pois quer fiar-se em mim?
Deus o livre; eu falo muito,
Toda mulher é assim...
E um segredo... ora um segredo...
Pelos modos que lhe vejo
Quer o meu beijo de graça,
Um segredo por um beijo!?

⁴⁶ beijo?] beijo – em FF. O poeta, expressando a convicção de que receberia o beijo, poderia, também, ter usado o ponto-final, pois usa o presente do indicativo (“dás-me”). No primeiro verso da estrofe seguinte, o emprego do artigo definido “o” antes de “beijo” é ambíguo, pode confirmar essa interpretação.

⁴⁷ Este verso, em FF, vem um pouco mais deslocado para a direita. Adotamos, para o deslocamento dele, o mesmo critério que para os demais versos do poema.

- Quero dizer-te aos ouvidos
Que tu és uma rainha...
 - Acha, pois? e o que tem isso?
Quer ser rei, por vida minha?
- Quem dera que tu quisesses...
 - Não duvide, que o farei;
Meu senhor, case com ela,
A rainha o fará rei...
- Casar-me?... inda sou tão moço...
 - Como é criança esta ovelha!
Pois eu pra beijar crianças,
Adeusinho, já sou velha.

VI

Flora

Agora... agora!... murmurei baixinho
Nos ouvidos de Flora, a gentil Flora!
Não há tempo a perder, é pouco o tempo!
Dá-me o beijo de amor... agora!... agora!...

Agora... agora!... que propício instante
Para o beijo de amor que Amor implora!
Esconde o rosto por detrás do leque,
Como quem não me viu... agora... agora!...

Há mais de um ano que este amor faminto
Na esperança de um beijo se vigora!
Há tanto tempo!... meu amor... meu anjo!
Agora... agora! dá-me o beijo... agora!...

Voltou seu rosto: por detrás do leque
Por um triz eu beijara a gentil Flora,
Se o maldito do pai não vem saudar-me,
Perguntando a sorrir – não dança agora?!

Há mais de um ano que este amor faminto
Na esperança de um beijo se vigora;
E quando cuido havê-lo bate as asas...
Leve-te a breca o pai, querida Flora!

VII

O calote⁴⁸

(IMITAÇÃO DO FRANCÊS)

Saí da minha oficina
Inda não era o sol-posto;
Em meu caminho encontrei
Trigueira, gentil menina
Toda inteira de meu gosto:
Fui – junto dela parei.

Tomei-lhe as mãos trigueirinhas,
(Que macias mãos aquelas!)
Beije-as com frenesi...
– De todas as moreninhas,
Lhe disse, de todas elas
És a mais linda que vi!

– Vamos aos bosques, morena?
Vamos ver os arvoredos,
Que muitos há para ver!
A tarde vai tão serena...
E eu tenho tantos segredos
Que tos queria dizer...

Fui-lhe do braço travando,
Sem mostrar constrangimento,
Que eu a levasse deixou;
Porém, aos bosques chegando,
Com ares de sofrimento,
Em pranto se desatou.

⁴⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 166.

– Que tens, por que choras, bela?
Eu não te fiz resistência
Tu mesma o podes dizer?...
– Ai! soluçou, pobre dela!
Eu choro a minha inocência...
Que vais deitar a perder... –

– Está bem; por Deus, não chores!
Não tocarei a inocência
Que Deus manda respeitar;
Tornemos ao campo: as flores
Vai colher da adolescência,
Vai pelos campos saltar.

– Livre 'stás, podes agora,
Lhe disse ao campo chegando,
Podes rir, podes brincar; –
Vai ela, com voz sonora,
Negros olhos requebrando
Pôs-se zombando a cantar.

– Que tens pra cantar, trigueira?
Responde, por vida minha,
Que tens para assim cantar?
Respondeu; – a sua asneira!
Teve entre as mãos a galinha
E não soube depenar!... –

VIII

A filha do mestre Anselmo

Mestre Anselmo – sapateiro,
No seu ofício o primeiro,
(O primeiro remendão),
Tinha uma filha formosa,
Chamava-se a filha Rosa,
E era rosa em botão.

Como num trono assentado,
Mestre Anselmo repimpado
Na tripeça era um sultão;
Mas, à mímica de fregueses,
Passava meses a meses
Sem remontar um tacão.

Um dia o rei da craveira
Nomeia a filha caixeira,
E põe a filha ao balcão:
Acabaram-se os reveses,
Mestre Anselmo tem fregueses,
Já não pode medir mão.

De tão grande freguesia
O mundo todo dizia
Ter ganho o mestre um milhão;
Não que lho desse a craveira,
Mas os olhos da caixeira
Que tinha posto ao balcão...

Certo ou não certo o comento,
Por minha vez acrescento,
E tenho *certa razão*... →

Mestre Anselmo enriqueceu,
Mas filha... empobreceu
No *melhor* do seu *quinhão*!...

Quem quiser no seu ofício,
De mesquinho benefício,
Ser rico do pé pra a mão:⁴⁹
Tenha uma filha formosa,
E, como o patrão de Rosa,
Vá pondo a filha ao balcão.

⁴⁹ “do pé pra a mão”: pronuncie-se “do pé pra mão”. O poeta parece ter entendido que o “pra” (grafado à maneira da época “p’ra”) era forma sincopada de “para” (o que realmente é): devia-se entender “do pé para a mão”, forma que seria metricamente incorreta. O artigo “a” antes de “mão” concerta-se com o artigo “o” antes de “pé” – mas não é pronunciado.

IX

Ingenuidade

Pedi-te um beijo coraste!⁵⁰
Teus olhos no chão fitaste,
E a rosinha desfolhaste
Que te dei!
Foi um pedido inocente,
Impulso de afeto ardente;
Ofendi-te, seriamente
Não pensei!

– Pois eu também não cuidava,
Quando a rosa desfolhava,
Que tanta mágoa lhe dava
Que lhe dei!
O senhor pediu-me um beijo.
Eu também tinha desejo...
Mas, quando quis veio o pejo,
E... eu... corei!

– Inocente!... teve pejo!
Agora então, dás-me o beijo?⁵¹
É tão grande este desejo
Com que 'stou!...
– Não se amofina comigo?
– Ah! não vês? sou teu amigo...
– Veja o que diz!...
– É o que digo...
– Não lhe dou!

⁵⁰ Este verso, como o exigiria o diálogo mantido ao longo do poema, deveria vir precedido de travessão, assim como deveria trazer vírgula depois de “beijo”. Respeitamos a grafia do poeta, por reconhecer nela certo valor expressivo; o poeta que fala no verso encontra-se sob forte emoção, o que justificaria os lapsos.

⁵¹ Ver nota 46, à p. 89.

– Quisera que me dissesse
Que novos modos são esses
De tratar-me... só mereces
 Meu desdém!
Já não preciso de beijo,
Ou seja inocência ou pejo,
Boas-festas lhe desejo,
 Passar bem!

– Não ralhe que me entristeço!
O seu desdém não mereço...
Olhe... vê... como *ingordeço*...⁵²
 Olhe bem...
Não olha? 'stá mal comigo?
Olhe, para meu castigo
Veio tarde, meu amigo,
 Vou... ser mãe!⁵³

– É crível? na flor dos anos
Pôde haver entre os humanos
Quem ousasse... desenganos!
 É tal e qual!
Reparei... tinha uma pança
Aquele pobre criança,
Que poria em contradança
 Um arsenal!

—

Do sentimento no excesso,
Maldisse a luz do progresso,
Que deixa ver pelo avesso
 As ilusões!
Doído, sensivelmente,
Deixei aquela *inocente*
Dizendo piedosamente
 Coos meus botões:

– Pobre menina! tão cedo!
Abuso do século!... ai!
(Há de ser linda a criança...
Se, *ao menos*, eu fosse o pai?!)

⁵² Ver nota do autor no final do livro, à p. 166. Como ocorre na grafia, frequente no poeta, de “u” no lugar de “o” em sílabas pretônicas, é frequente, também, a grafia de “i” no lugar de “e” nessas sílabas. Esse alçamento de vogais é comum na língua oral – nós adotamos a grafia normal das palavras (com a exceção de *ingordeço*), porque essa grafia não impede o alçamento prosódico (já que não há, na língua, relação estrita entre a escrita e a fala). Ver nota 11, à p. 38.

⁵³ Observe-se a rima, que exige pronúncia à maneira lusitana: “bem/mãe”.

X

Laura

- Onde vens, Laura?
– De casa.
- Vais à festa?
– Já se vê?
- Tão sozinha?
– O que tem isso?
- Vou contigo...
– Para o quê?
- Para ensinar-te o caminho...
– Agradeço-lhe o favor;
Eu sei de cor estas bandas,
Obrigada, meu senhor.
- Olha o Demo se te encontra...
– Pergunto ao Demo o que quer?⁵⁴
- E se ele quiser um beijo?
– Dou-lhe até mais, se quiser.
- Ora, anda cá; dá-me o beijo,
Porque o Demônio em mim vês...
– Já me 'stava parecendo...
Ficará para outra vez.
- Vá desta vez um abraço...
– Abraço?...
– Sim, o que tem?
- Mamãe me disse outro dia...
– O que te disse a mamãe?⁵⁵

⁵⁴ Em FF, a expressão “o que quer?” vem precedida de ponto de princípio de interrogação, à espanhola.

⁵⁵ Observe-se a rima, de caráter lusitanizante: “tem/mamãe”.

– Que a rapariga solteira
Em abraçando um rapaz...
Ferve-lhe o sangue nas veias,
E depois...
– E depois?...
– Zás!

Arregaçando o vestido
Deitou-se Laura a correr;
Deixando-me boquiaberto
Coo sangue todo a ferver!

XI

Mal de um beijo

– Dá-me o beijo! pode um beijo
Deixar-te acaso senão?
E sei beijar tão de leve...
Dá-me o beijo, Lídia?
– *Não.*

– Mesquinha! pródigas outras⁵⁶
Quantos beijos aí dão?...
Não sejas pródiga, embora,
Mas... um beijo ao menos?
– *Não.*

– Não te peço um sacrifício
Em paga deste vulcão,
Que trago dentro do peito,
Dá-me um beijo em paga?
– *Não.*

– Inferno! Que amante és Lídia,
Pois sempre a dizer-me não,
Quando um beijo te suplico
Nos ardores da paixão?...

– Que me pedes para prova
De minha extrema paixão?
Vai dizendo, verás, Lídia,
Que não sei dizer-te – *Não.*

– Há de compor um romance,
Que fale somente em mim, →

⁵⁶ Em FF, este verso não traz travessão no início.

Que acima das moças todas
Me punha em beleza?

– *Sim.*

– Não há de deixar que eu viva
Por muitos meses assim?
Aborreço o meu estado...

– Sim, Lídia, três vezes sim.

– É toda a minha ventura⁵⁷
Casar-me, meu serafim;
Assim queiras... queres?

– *Quero!*

– Está dito... beijo?

– *Sim!*

E beijei-a... Mas o beijo
Arrefeceu a paixão...
Hei de compor-lhe o romance;
Mas casar com Lídia? – *Não.*

⁵⁷ Em FF, este verso não traz travessão no início.

XII

Francina

No templo de Deus, Francina
Devota rezando 'stava;
Seus negros olhos fitava
No lenho da redenção:
E em silêncio revelava
As preces do coração.

De joelhos, de mãos postas
Para o céu as levantava,
E mais formosa ficava
Nessa humilde posição:
Eu, que herege a contemplava,
Tinha fé e devoção...

De mãos postas, a⁵⁸ seu modo
Eu também me ajoelhava,
E rezava... oh! se rezava!
Com devoção... com fervor.
Mas... de Deus não me lembrava
Naqueles salmos d'amor!

Não me lembrava de Deus...⁵⁹
Não! o Deus, que eu adorava,
De quem a graça implorava
Nas preces do coração,
Seus negros olhos fitava
No lenho da redenção...

Era, sim, meu Deus Francina
Que a devoção me inspirava, →

⁵⁸ a] à – em FF.

⁵⁹ Deus...] Deus .. – em FF.

Era o Deus, que eu adorava
Das orações no fervor...
Como devoto rezava
Eu rebelde pecador!...

“Rezas para Deus, Francina?
Eu, Francina, para ti!
Minhas culpas, querubim,
Me pesam no coração!
Perdoa se te ofendi
Amando com devoção
A esses olhos serenos,
A esses lábios – rubins,
A essas faces – jasmins,
Essa toda – perfeição!
Pequei, pequei! ai de mim
Se morro sem teu perdão!
Volve teus olhos piedosos
Para o pecador – cristão!
Dá-lhe um riso! salvação
Para esperanças d’amor,
Que às bordas do inferno ’stão,
Com elas o pecador!
Pelo amor desses teus olhos,
Que fanais d’amores são,
Eu te exoro o meu perdão
D’amar-te com tanto amor!
Francina, tem compaixão!
Graça, graça ao pecador!”

De mãos postas, a⁶⁰ seu modo
Eu também me ajoelhava,
E deste modo rezava
Com devoção, com fervor;
Quem sabe se eu me salvava
Sendo sempre pecador?...

⁶⁰ a] à – em FF.

XIII

Ignez⁶¹

– Lembras-te, Ignez?
À sombra desta mangueira
Aquele vez?

– Eras então mais fagueira,
Não eras má!
E a vida mais prazenteira
Do que hoje 'stá!

– Tinhas talvez...
Tinhas... quantos anos tinhas,
Lembras-te, Ignez?

São cousas das Afonsinhas,
Já lá se vão...
Eu sei cá essas cousinhas
De quando são.

– Que desamor!
Não te lembras do passado?
– Eu não, senhor.⁶²

Anda-me o tempo ocupado
Dos dias meus
Coo meu maridinho amado,
O sô Mateus.

⁶¹ Em FF, neste poema, o poeta sinaliza de modo irregular o diálogo. Fomos obrigados a fazer diversas intervenções, uniformizando assim, pelo uso de travessão, a alternância dos interlocutores. Registramos em nota todas as intervenções feitas.

⁶² Em FF, este verso não traz travessão no início.

– Casaste, pois?
– Tal e qual...⁶³
– Tens bom marido?
– Vale por dois.⁶⁴

Seja-me o fado servido
De o conservar,
Como até hoje o tem sido
Desde o altar,

E eu lhe direi
Se a sorte de outra casada
Lhe invejarei.

Também fiel, desvelada
Mulher assim,
Não lhe há de ser apontada
Depois de mim.

– Com que então,
Fizeste um bom casamento?
– Foi de encher mão!⁶⁵

E tenho o contentamento⁶⁶
De lhe dizer
Que irei morrer num convento
Se *ele* morrer.

– Ora esta Ignez!
E há quantos anos casaste?
– Vai para um mês.⁶⁷

– Há poucos dias...
– Afaste!⁶⁸
Veja o que faz!
Querer-me beijar? sô traste!
É muito audaz!

– Como és cruel!
Não quero beijar-te, quero
Dar-te este anel.

⁶³ Em FF, este verso não traz travessão no início.

⁶⁴ Em FF, este verso não traz travessão no início.

⁶⁵ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁶⁶ Em FF, este verso traz aspas simples de fechamento no início.

⁶⁷ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁶⁸ Em FF, esta parte final do primeiro verso da estrofe não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

- Vá-se daí...⁶⁹
– Como é fero
Teu coração!
Não há peito mais austero,
Por Deus, que não!
- Prezo-me assim...⁷⁰
– Já não és a Ignez d'outrora...⁷¹
– Pois sim, pois sim!⁷²
- Adeus, Ignez, vou-me embora,
Deixa-te 'star!...
Toma o anel; deita-o fora
E este colar.
- Lá isso não,⁷³
Por soberba não rejeito
O que me dão.
- Então aceitas?
– Aceito...⁷⁴
– Querida Ignez!
Inda tens o mesmo peito...
– Eu não...⁷⁵
– Talvez...
- Valha-me Deus!
– Quem vem ali manquejando?⁷⁶
– É o sô Mateus!...⁷⁷
- Fuja, fuja! vá-se andando⁷⁸
Com pés de lã...
– Adeus, Ignez... até quando?
– Volte amanhã...⁷⁹

⁶⁹ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁷⁰ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁷¹ Em FF, este verso não traz travessão no início.

⁷² Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁷³ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁷⁴ Em FF, esta parte final do primeiro verso da estrofe não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁷⁵ Em FF, esta parte inicial do último verso da estrofe não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁷⁶ Em FF, este verso não traz travessão no início. Em nosso entendimento, quem fala no verso é o interlocutor de Ignez.

⁷⁷ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

⁷⁸ Em FF, este verso traz aspas simples de fechamento no início.

⁷⁹ Em FF, este verso não traz travessão no início, mas traz aspas simples de fechamento.

XIV

Lúcia céptica

[illegible]

⁸⁰ A forma verbal “falham” não concorda com “Juramento”. Isso, entretanto, parece ter valor expressivo: a concordância no plural sugere que quem faz tal juramento sempre o faz muitas vezes.

XV

Adeus às⁸¹ raparigas

Sabeis, raparigas! a mãe de Felícia,
Felícia a risonha, gentil costureira
Com quem pela páscoa, sem ser por malícia,⁸²
Gastei muitas *notas* da minha carteira;

Felícia a dos olhos mais negros que hei visto,
De faces coradas, cintura maneira,
E uns lábios de favos... de favos, é isto!
Beijei-os um dia, mas por brincadeira;

Felícia que, há meses, comigo jogando
Da mãe às ocultas, sentada na esteira,
Em vendo que a vela se 'stava apagando
Desmaia em meus braços... de certa maneira...

Felícia, a acoitada! que teve a desgraça
De ser descendente da velha parteira,
Que dizem (mas isto não chegue na praça),
Compor elixires de moça solteira...

Sabeis, raparigas! a tal criatura
Quer hoje que a filha professe de freira!
Por quê? veem a birra? da filha a cintura
Não vê como outrora delgada e maneira?!

E nisto a pé firme jurando aos bentinhos,
Não cede a pedidos nem a choradeira!
E o mais? não vos conto!... não disse aos vizinhos
Que eu era o culpado da filha ir ser freira?

⁸¹ às] as – em FF.

⁸² Com quem pela páscoa, sem ser por malícia,] Com quem pela páscoa, sem por malícia, – em FF (corrigido na “Advertência” ao final do volume).

Que tem a cintura da filha comigo,⁸³
Dizei, raparigas, não é forte asneira?
Mas isto é já sério, tão sério, vos digo,
Que tiro a desforra de tal maroteira!

Adeus, raparigas, estou decidido...
Não sou mais quem era, mudei de carreira;
Pois façam de conta que tenho morrido,
Que eu vou-me a ser frade no claustro da freira.

⁸³ Em FF, este verso começa por ponto de princípio de interrogação, à espanhola.

DISPERSAS⁸⁴

⁸⁴ Nas Notas do autor ao final do livro, não há separação entre as notas desta parte – “Dispersas” – e as da segunda – “Lucrécias”.

Canto extremo de um cego

(HISTÓRICO)

(A⁸⁵ José Caetano Pinto Júnior)

– “Eu tinha um único amigo,
Tinha só ele e não mais;
Vivia sempre comigo
No exílio da desventura:
Por mais feliz criatura
Não me deixava jamais.

Na minha infância primeira,
Meus débeis passos guiou;
Na pobreza, na cegueira
Meu condão amenizava:
E quando a esmola faltava
Ele nunca me faltou.

Era o meu único afecto,
Na cegueira o meu bordão;
Debaixo do humilde tecto,⁸⁶
Quando a febre me prostrava,
Quem dos meus males cuidava,
Era só ele – o meu cão.

Todo o dia ontem chamei-o,
Não latiu... não respondeu!
Já como dantes não veio!
Quem sabe se anda perdido,
Ou dalgum ferro transido
Quem sabe se não morreu?

⁸⁵ A] À – em FF.

⁸⁶ Embora a palavra “tecto” já não esteja registrada no VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa (versão *on-line*), conservamos a grafia antiga da palavra, por causa da rima com “afecto”, que ainda está registrada. Ficam facultadas as pronúncias “teto/afeto”.

Ou quem sabe se a velhice
Do cego o amedrontou?
Talvez, o ingrato... o que disse?...
Chamei-te de ingrato! amigo,
Perdão! não sei o que digo,
Que nem já sei o que sou!

Ingrato – não. Tu não tinhas,
Na pele envolta de cão
Uma irmã dessas – mesquinhas
Afeições vis – dos traidores,
Que vão mentir aos senhores⁸⁷
Nos régios palácios, não!

*

Ai de mim, tão desgraçado
Que nunca mais te hei de ter!
Quem hoje ao cego acurvado
Ao peso de tantos anos,
Quem virá dentre os humanos
Piedosa mão lhe estender?!

Quem lhe há de guiar os passos
Mendigando o escasso pão?
Ou quem lhe há de abrir os braços,
Quando, à míngua de alimento,
Ficar na rua ao relento?
Ninguém, ninguém... nem um cão!

*

Quem me vir o meu Pardinho,
Por piedade, pelos céus!⁸⁸
Tenha dó do coitadinho,
Que talvez defina à fome,
E dê-lhe do pão que come
Uma migalha, por Deus!

Mas, se o topar moribundo,
Pelo amor que a mãe lhe tem!...
Diga-lhe que neste mundo →

⁸⁷ Que vão mentir aos senhores] Que vão sorrir aos senhores – em FF (corrigido na “Advertência” ao final do volume).

⁸⁸ pelos céus!] pelos, céus! – em FF.

O cego que ele guiou,
Quando o seu cão lhe faltou,
Morreu de fome também!” –⁸⁹

⁸⁹ Morreu de fome também!” –] Morreu de fome também! –” – em FF. No início do poema, as aspas vêm depois do travessão inicial, antes da primeira palavra; por simetria, no fechamento do poema, entendemos que o melhor lugar para as aspas é antes do travessão.

As nuvens

As nuvens são virgens, que a terra deixaram,
*Da curva celeste povoam a amplidão,*⁹⁰
São virgens formosas, e o homem não pode,
Não sabe enxergá-las tais quais elas são.

*Aquelas que trajam alvacentas roupagens,*⁹¹
E pairam mais perto da vida daqui,
São virgens que sentem saudades da terra,
Querendo a existência da vida *dali*.

Aquelas que vestem roupagens de cisne,
E pairam mais perto das portas dos céus,
São virgens que os sonhos de amores da terra
Aqui não sonharam... sonharam com Deus.

Aquelas que em roupas da cor da tristeza
Se envolvem são virgens, que a terra ofendeu...
São pálidas virgens, que a terra maldizem,
Seus crimes espiam pra entrarem no céu!

*

As nuvens da noite são virgens tristonhas,
Que expiam seus crimes pra entrarem nos céus;
As nuvens da tarde são virgens *saudosas*,
As nuvens d'aurora – são noivas de Deus.

Aos 12 anos de idade.

⁹⁰ Sobre este verso e o primeiro da estrofe seguinte, ver nota do autor no final do livro, à p. 167. Leia-se:
Da curva celeste povo' amplidão.

⁹¹ Leia-se: *Aquelas que traj' alvacentas roupagens*.

Às donzelinhas

(CONTO)

Uma abelha disse à rosa;
– À rainha do vergel
A sultana da colmeia
Traz um beijo todo mel.

– Pois aceito, disse a rosa,
O teu beijo todo mel.
A sultana beija os seios
Da rainha do vergel.

*

Procurando aquele beijo,
A rainha do vergel,
Em seus seios ressequidos
Não achou gota de mel!

– Ai!... maldisse! E morre à mímica
Das doçuras de seu mel!
E a sultana da colmeia
Riu da incauta do vergel...

*

Inocentes, não se esqueçam
Da rainha do vergel:
As abelhas fazem favos
À custa de alheio mel!

Maria

Ai, Maria! na várzea d'esperanças⁹²
Desmaiaram as rosas de amores,
E não há de jamais outras flores
Essa várzea viçosas brotar!
Mas, não chores! as dores são minhas,
As insônias e o tédio da vida!
Ai, Maria! a ventura perdida
Nunca mais hei de eu vê-la tornar!

Tu verás o jambeiro vestir-se
Pelo outono de frutos e flores,
Aos da sorte benignos favores
Meiga a vida sorrir-te verás!
Terás tardes, manhãs prazenteiras,
Outras noites de sonhos mais belos:
E, cativo a teus gratos desvelos,
Outro amante mais f'lice terás!

Eu serei no abandono esquecido!
Tu serás no bulício entre galas,
A querida, a formosa das salas
Entre risos, e afectos de amor!
Amanhã entre as palmas ruidosas,
Entre a orquestra dos hinos e danças,
Hás de, certo, esquecer as lembranças
Dos amores do teu trovador!

Amanhã meus afectos e extremos,
Meus amores, meu nome, querida!
Nos prazeres da festa embebida
Hás de, certo, esquecer! amanhã!
Eu serei no abandono esquecido, →

⁹² O poema está composto em versos eneassílabos. Leia-se: “Ai, Maria! na várzea d’esp’ranças”.

Tu serás nos bulícios das salas,
Noiva envolta em cambraias de galas,
Dália branca entreabrindo louça!

Dormirás sobre leitos dourados
Perfumados do aroma das rosas,
Aos sons ternos de notas saudosas
De outra lira que a minha melhor!
Dormirás... e a teu lado, em vigília,
O ditoso tremendo de anelos,
Beijará teus castanhos cabelos
Nos delírios da febre de amor!

E depois... e depois... quantos beijos!...
Que de anseios! que arroubos! que sono!
E eu serei como a flor no abandono
Que a donzela por outra esqueceu!
Mas... não chores! as dores são minhas,
As insônias e o tédio da vida!
Ai, não chores, não chores, querida,
Só eu sei o que esta alma perdeu!

Por que choras, se tens de esquecer-me
Amanhã no renovo de amores?
Só minh'alma compr'ende estas dores!
Estas dores quem sente sou eu!
Para mim – não há flores nas várzeas,
Uma estrela no céu!... ai, não chores!
Para ti – lá vicejam mil flores,
Lá despontam mil astros no céu!

O meu segredo

Os que me veem sempre ledos,
Dizem que tenho o segredo
Do prazer;
Não sabem que um riso, às vezes,
Os lábios unta coas fezes
Do sofrer.

Cuidam que só a ventura
Risos tem!
No seio da desventura
Há-os também.

Triste sou; mostro-me ledos,
Não é que tenha o segredo
Do prazer;
É que, se andasse chorando,
Topara o mundo zombando
Do sofrer.

Ninguém não queira os sofreres
Para si,
E que sob falsos prazeres
Trago em mi'.⁹³

Vós, que pensais que meu peito
A prazeres vive afeito,
E dizeis:
Que a amor devo mil favores,
É que os mistérios de amores
Não sabeis.

⁹³ Embora a língua portuguesa tenha tido, em outros tempos, o pronome “mi”, equivalente ao atual “mim”, preservamos a grafia do autor, que sinaliza com apóstrofo a supressão do “m” final (tirando assim a nasalidade do “i”, para perfeição da rima).

É que em vós amor não passa
De um – querer
Querer de torpeza crassa,
Pra temer...

Se em vós amor fosse a chama
Em que a poesia se inflama
Na razão,
E não – ansiante desejo,
Que faz num toque, num beijo
Explosão;

Se em vós amor tão somente
Fosse – amar,
Não um louco, um veemente
Desejar;

O timbre de ser amado,
De ter o amor algemado
Noutro amor:
O timbre... mas... já diviso
Em vossos lábios o riso
Zombador!...

Eis por que mostro-me ledó,
Sem o ser;
Ri-se o mundo do segredo
Do sofrer!...

.....

Pois sim, ride, mofadores,
Profanos vis, se de amores
Do templo os umbrais sagrados
Um passo passais além:
Vamos de braços travados,
Sou ledó, vede, sou ledó!
Do prazer tenho o segredo,
Vede? – Eu rio-me também...

.....

Foi numa sala de festa,
Eu a vi; triste e modesta,
Branco lírio da floresta
No jardim do cortesão:
Indiferente às doudices
Das quadrilhas, nas ledices
Era a infeliz entre as f'lices
Das doudices do salão.

Tinha uns olhos langorosos,
Nos volveres vagarosos,
Entristecidos, medrosos,
Ou cismáticos talvez...
Indolentes, distraídos
Como da festa esquecidos,
Dos aplausos os ruídos
Davam-lhe mais languidez!

Com suas roupas singelas,
Entre as galhardas donzelas,
Foi a formosa entre elas,
A mais formosa que vi!
Oh! se eu cresse nas mulheres,
De seus solhos nos volveres,
Eu lhe contara os sofreres
Dos amores que sofri!

Fervia a dança! a donzela
Não tomava parte nela...
Oh! quem pudesse entendê-la
Da indiferença no amargor!...
Dizer-lhe palavras dessas
Tão próprias para as promessas,
Que o mancebo faz às pressas
Falando às pressas de amor...

Mentir! é santa a mentira,
Quando mentindo se aspira
Acender d'amor a pira,
E sondar obras d'amor!
Oh! se eu cresse nas mulheres,
De seus olhos nos volveres,
Eu lhe sondara os sofreres,
Mentindo sofrer pior!...

Mas eu? ai! não posso crê-las!
Tão fermentadas são elas!
Quanto mais lindas, mais belas
Tanto mais mentidas são...
Todas têm, por natureza,
Sob o véu da singeleza,
Abraçada coa beleza
A denigrada traição!

A brisa e a veiga

(À SINHAZINHA FELICIANA DE CASTILHO)

I

Risonha floresce a veiga,
A primavera a floriu;
Vem a brisa, enamorada
No seu regaço dormiu.

Na embriaguez dos perfumes
Sono profundo a tomou;
Passa o furacão do Norte,
Flores da veiga levou.

II

E a veiga fica despida
Do seu enfeite vernal,
Como um arbusto sem folhas
Em fria noite invernal.

III

Acorda a brisa estranhando
O regaço em que dormia,
Leito de amor e perfumes
Quando a veiga florescia.

E a brisa pergunta à veiga;
– Quem teus encantos levou?
Que é feito de tantas flores,
Que a primavera brotou?

E a veiga responde à brisa;
– Que responda o furacão!
Tu só me restas agora...
E a brisa desmente: – Eu, não!

Disse, e dizendo abandona
O regaço em que dormiu,
Que a brisa só ama a veiga,
Que a primavera floriu!

IV

A donzela é como a veiga,
A brisa como o traidor;
Perdendo aquela os encantos,
Este acaba o seu amor.

A vida é lenta

A vida é lenta como um velho trêmulo
Curvado aos anos,
Quando se vive como eu vivo, Eugênia,
Sem lar, sem pátria... mendigando afectos,
Mercês de Jânus!⁹⁴

—

Quando o talento desabrocha pálido
Por entre gelos!
E se desfolha⁹⁵ no embrião as rosas
Do poeta que anseia, e tem vinte anos,
Crenças e anelos!

—

Quando é preciso profanar as lágrimas
De amor e moço,
Para ter pátria, e na pátria um nome!
Para de pobre não sentir os travos
Do pão insosso!

—

Quando no exílio do desprezo o mérito
Geme caído,
Escárnio e alvo do canino acinte
De quem se eleva e a nação desonra
Engrandecido!

—

A vida é lenta como um velho trêmulo
Curvado aos anos,
Quando se vive na manhã da vida
Sem lar, sem pátria, mendigando afectos,
Mercês de Jânus!

⁹⁴ O VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa traz apenas a forma “Jano”. Grafamos “Jânus”, nesta e na ocorrência seguinte, como está em FF, pela rima com “anos”.

⁹⁵ Deveria ser “desfolham”. Descuido do autor? Erro tipográfico?

Cora

Esquiva, gentil morena,
Por esses olhos castanhos,
De que eu não sei me esquivar,
Se tu quisesses ter pena
Destes desejos tamanhos
Que tenho de te beijar;

Por essa mesma esquivança,
Por estes doces anelos
Que trago no coração,
Por tudo que dá 'sperança
Como os sorrisos singelos
De uns lábios como os teus são:

Se tu me desses um beijo,
Eu colibri, que me alento
Do mel que alguns lábios têm,
Te abraçará num adejo,
E, dos teus beijos sedento,
Dera-te... um beijo também.

À Julieta

Neste meu coração árido
Secou-se o vergel de amores!
Nem pétalas de poesia
Já me restam dessas flores!
Não vês, deste rosto pálido,
Enrugado pelas dores,
Não vês que a melancolia
Da vida murchou as cores?
Não me peças de poesia
Já nem pétalas, nem flores!

Pois estes meus olhos túrbidos,
Já sem luz e sem viveza,
Este sorrir contrafeito
Com que disfarço a tristeza
Não dizem – que o sangue tépido
(Faceira Flor de beleza)
Da vida esfria em meu peito?
Mas... com tanta singeleza
Não podes ver o efeito
Do rigor da natureza!

Ó Flor de beleza cândida,
Tu, sim! tu podes dar flores
De poesia – ao descontente,
Que só traz consigo dores!
Em tua capela angélica
Há tantos lírios de amores!
Em teu rosto alvorecente
Não tens a cor de amargores.
Dá-me tu que me avivente
Da poesia algumas flores...

À lua

(NO MAR)

Lua do mar, o que sondas
De tão alto sobre as ondas
Espargindo os raios teus?
Sultana destas alturas
Não tens amor, nem venturas
Tão perto do amor de Deus?

Pareces triste e saudosa
Como a virgem suspirosa
Imersa em saudosas mágoas!
Teus raios parecem gelos,
São frios nos meus cabelos,
São frios sobre estas águas!

Talvez sintas – que isolada
Pela amplidão azulada
Não venhas a ter amor;
Amor que a vida inebria
Em arroubos de poesia
Quando o rende um trovador?!

Sim, triste! quem há de amar-te?
Na soidão quem vai julgar-te?
Nesta soidão!... ai! ninguém!
A não ser o navegante
Que passa e vai ansiante
Buscando as terras dalém?

Eu tenho amores; se os queres,
Já não creio nas mulheres,
Dou-te amores, serei teu;
Embora vá de passagem,
Levarei a tua imagem
No peito que Deus me deu.

Amas tu? pálida e fria?
Eu te vejo tão sombria
No teu argênteo fulgor?...
Terás o peito indiferente
Àquele palpito ardente,
Que move as fibras de amor?

Quero amor, amor fervente,
Que de fogo se avivente
Como se aviventa o meu...
Mas teu amor... és tão fria!
Lua do mar, que poesia
Sente amor no peito teu?

Escuta; amor frio... gelo...
Porém, que é desse astro belo?
Lá descamba para o sul.
E eu busco o ponto oposto!
Oh! levai-lhe o meu desgosto,
Ondinhas do mar azul!

Quiproquó

(A F. J. Bethencourt da Silva)

Fez anos dona Ambrosina,
Houve essa noite *soirée*;
Morador do mesmo bairro
Fui-me a ele⁹⁶ – já se vê.

Como os demais convidados,
Lá caí como um pimpão:
Fui, ponto em branco;⁹⁷ era um noivo,
Noivo até no coração.

De lá vos trouxe este caso.
Quereis ouvi-lo? aí vai;
Que vos faça bom proveito,
Nous y voilà! – Escutai.

A confusão, de mãos dadas
Com o gênio da alegria
Não dá lugar a⁹⁸ etiquetas;
Reina completa folia.

Contam aqui namorados
Quantas namoradas têm;
Adiante um rapazinho
Pede sorvetes à mãe.⁹⁹

Ali fumam dous janotas
Às ventas dos próprios pais, →

⁹⁶ O poeta concorda “ele” com a ideia de “evento, baile” ou com “aniversário”. *Soirée* é palavra do gênero feminino.

⁹⁷ “*Armado de ponto em branco*. Vestido de todas as armas. Vestido com todo o apuro. A expressão vem do tempo da cavalaria; quer propriamente dizer: de sorte que a lança ou espada toque sempre em arma, que cubra o corpo (Morais). V. Said Ali, *Rev. de Cultura*, CCXI, 8.” (NASCENTES, 1966, p. 241)

⁹⁸ a] à – em FF.

⁹⁹ Observe-se a rima de caráter lusitanizante: “têm/mãe”.

Que se recordam saudosos
Dos tempos coloniais.

Aqui um grupo de imberbes
Aristarcos – de lunetas,
Da grande literatura
Improvisados planetas,

Notam erros e descuidos
Nos mais clássicos autores...
Mirândolas¹⁰⁰ de uma figa!
Ride comigo, leitores!...

Falam moços, falam velhos,
Velhas e moças também;
Reina completa folia
Neste completo *vaivém*.

Como um noivo, ponto em branco,
Noivo até no coração,
Eis-me também de conversa
No meio desta função.

Converso grave e sisudo;
Comigo pratica um velho,
Que, a propósito de valsas,
Me vem pedir um conselho.

– Entendo, (sou eu quem fala),
Entendo que não faz mal...
E que faça; é mal de muitos,
Não lhe parece?

– Tal qual.

– Está dito! vou-me à valsa...¹⁰¹
Mas... falta-me ainda o par!
Se quisesse dar-me o gosto...
– Sim, senhor, eu vou tirar.

– Mas cautela com a escolha,
Não tire alguma lampreia,
Alguma carcaça antiga,
Com olhos de centopeia.

¹⁰⁰ Provável alusão a Giovanni Pico della Mirandola – humanista e filósofo do Renascimento italiano.

¹⁰¹ – Está dito! vou-me à valsa...] – 'Está dito! vou-me à valsa... – em FF.

Veja se pesca peixinho
Rechonchudinho e corado,
Que tenha mãos de veludo,
Brando olhar, corpo delgado.

A quem se não tenha medo
De apertar ao coração.
Os seios que desabrochem
Como da rosa um botão.

Que... –
– Seja inocente ainda?
– Sim, senhor, muito inocente!¹⁰²
– Ora, espere que eu já volto;
Vou buscar-lhe um bom presente. –

Como um noivo, ponto em branco,
Noivo até no coração,
Fiz uma ótima escolha
Para aquele Jão-Ratão.

Apresento a dama ao gebo,
Mas, oh! fatal maravilha!
Ela ri-se; ele gagueja:
– Essa não... que é minha filha!...¹⁰³

¹⁰² – Sim, senhor, muito inocente!] Sim, senhor, muito inocente! (sem o travessão inicial, cujo espaço está vazio).

¹⁰³ – Essa não... que é minha filha!...] – 'Essa não... que é minha filha!.. – em FF.

Com febre

I

Eu sou como o cigano sem família,
Que adormeceu na tenda do deserto:
A caravana levantou pousada
Antes que fosse pelo sol desperto.¹⁰⁴

E como o vagabundo sonolento
Cantando, e rindo vai caminho incerto,
Eu vou pelo caminho da existência...
Como o cigano canto no deserto!

Não tenho rei, nem pátria, nem família;
Não rendo vassalage' à dependência:
E é por isso que tenho tanta febre,
Que me pode matar na adolescência!

Morrer!... como o cigano errante e vago!
Eu canto a vida namorando a morte!
Com a breca! se morro no caminho
Não levo desta vida o passaporte:

“Quem é? donde partiu? que é que pretende?”
Há de o diabo perguntar-me rindo;
– Sou eu; vim do Brasil; quero uma cama,
Que 'stou cansado de velar – dormindo!

“Explica-te; quem és?”¹⁰⁵

Tomo a palavra;
– Eu nasci nos sertões brasileiros;
Tive amores com todas as timbiras,
E fiz gaitas dos bicos de tucanos.

¹⁰⁴ Observe-se: “desperto” é adjetivo que qualifica “sol”, e rima com “deserto”. O entendimento, entretanto, deveria ser: “A caravana levantou pousada / Antes que fosse [despertada] pelo sol.”

¹⁰⁵ Em FF as aspas abertas no início do verso não se fecham.

Vivi, como os *pagões*¹⁰⁶ daquelas terras,
Cantando o fumo, as moças e a cachaça;¹⁰⁷
Andei três dias a roer as unhas,
E mais note que a fome não é graça!

Dormi, vim despertar na sepultura,
Que na existência caminhando incerto
A sina era morrer, sem passaporte,
Como acaba o cigano no deserto.

E o diabo, apesar de ser *fidalgo*,
Como pode provar coas suas pontas,
A¹⁰⁸ modo de um ministro enternecido,
Há de dar-me razão, por fim de contas.

II

Morrer?... há de morrer na flor dos anos,
Quando nos prados desabrocham flores,
Quem ama tanto o cheiro das boninas,
E chama as borboletas seus amores?

E tu, ó sócio das insônias minhas,
Ó meu cachimbo turco!... abandonado,
Neste vale de lágrimas e de órfãos,
Como um ex-anspeçada rebaixado?

Como eu levo saudades desta vida!
Se pudesse escapar-me do coveiro?
Pois eu hei de passar desenxabido
O sol da primavera num carneiro?

Não! não quero morrer!... de balde clamo!
Sinto em mim um vulcão! ferve-me o sangue!
Rouqueja o peito!... sofro sede e tosse,
Mofino o coração palpita exangue!

III

Vejamos o que vai por esta alcova,
De um pirrônico, um céptico, a guarida; →

¹⁰⁶ Assim, *pagões*, em FF.

¹⁰⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 167.

¹⁰⁸ A] Æ – em FF.

Antes que a morte venha desposar-me,
Aos meus trastes farei a despedida.

O que veem, olhos meus? “Este retrato
Cheio de teia e pó neste abandono!”
Retirai-vos daí, olhos de um dardo!
Ele dorme, ’stá claro que tem sono.

Tenho remorsos! por que tremo todo?
Desviai-vos daí, olhos daninhos!
Ele dorme no leito das aranhas!
Eu... estrebucho num colchão de espinhos!

IV

Ciúmes do Bardo, Inspirações de leigo,¹⁰⁹
Folhas caídas, Cantos matutinos;
Queixumes de Dirceu, Sombras e sonhos,
E vós outros, romances de meninos;

Adeus!... livros, adeus!

O meu criado
José, que também faz queixas em rimas,
Não vos há de deixar entregue às traças,
Que ele morre de amores pelas primas!

Adeus, Pigault-Lebrun, Voltaire saudoso,
Talleyrand, Rabelais, – arrenegados,
Meslier, Depuis¹¹⁰ – súcia antifrades,
E vós outros que tais excomungados,

Insolentes! estúpidos! canalha!
Malditos pregoeiros da verdade,
Que nas portas gritais do *Santo Ofício*,
Um frade mente sempre como um frade!

V

Anda cá George Sand,¹¹¹ cor de azeviche,
Garrafa de cognac, ao moribundo, →

¹⁰⁹ Ver nota do autor no final do livro, à p. 167.

¹¹⁰ Depuis – assim em FF. É provável que se trate de Carlos Dupuis (1742-1809), autor da *Origem de todos os cultos*.

¹¹¹ George Sand,] Géorg-Sand, – em FF. O “e” final de “George” não deve ser pronunciado.

Que tu fizeste em horas de tristezas
O mais ditoso Lamennais¹¹² do mundo,¹¹³

Mais um beijo dos teus! dá-me essa boca,
Que mata as dores e o prazer inspira!
Tu, sim, tu és mulher para os amores!
*Feliz quem junto a ti por ti suspira!*¹¹⁴

José te pague os beijos que me deste,
De dia em dia enchendo-te o vazio!
Acende-lhe no crânio uma fogueira,
Que o rapaz também é dos que têm frio!

Vem, meu nobre cachimbo, não te aflijas;
Amanhã, se encontrar o meu coveiro,
Improviso um soneto em que lhe peça
Que te deite comigo no carneiro.

E tu, moça gentil dos meus encantos,
Lua, deidade desse amor insosso,
Se eu morrer desta febre, reza à noite
Na minha sepultura – um Padre-nosso.

¹¹² Lamennais] Lamemnaís – em FF.

¹¹³ Ver nota do autor no final do livro, à p. 167.

¹¹⁴ Ver nota do autor no final do livro, à p. 168.

No dia dos meus anos

Folguemos coração! ainda agora
Comecei a ser gente na existência!
Vinte e dois anos só! sou mesmo um noivo,
Um jacinto de amor na adolescência!

O buço desabrocha levemente...
Que macio que vem, quão será lindo!
Ave! Íris da minha mocidade!
Sê bem-vindo, meu buço, sê bem-vindo!

Mas... que é isto? parece¹¹⁵ que entristeço?!
Olá, tristeza, olá!¹¹⁶ eu te esconjuro!
No dia dos meus anos... que lembrança!
De que me lembrei eu? do meu futuro!

Meu futuro...¹¹⁷
José!... traze charutos
E de passagem o cognac e vinho.
.....
Vai ali perguntar se é grega ou china
A palavra – futuro – ao meu vizinho.

É cousa, que há de vir?
Eu seja frade,
Se em cousas que hão de vir tenho 'speranças!¹¹⁸
Nasci... hei de viver!... sou fatalista,
Não creio em contos de ninar crianças!

¹¹⁵ parece] parace – em FF.

¹¹⁶ Olá, tristeza, olá! | Ó lá, tristeza, ó lá! – em FF.

¹¹⁷ Meu futuro...] Meu futuro.... – em FF. Esta é a única ocorrência de reticências com quatro pontos em todo o livro. Será porque “o futuro dura muito tempo”?

¹¹⁸ 'speranças!] speranças! – em FF.

Meu futuro é dormir as quentes sestras
Sobre a grama dos prados e boninas;
Andar aí com fome pelas ruas
Mendigando os amores das meninas!

Amor... falo em amor?...

Lembro-me agora...

Eu já tive uns amores... há dois anos,
Amei uma donzela... inocentinha...
Ela amava, comigo, a três maganos!

Dois rivais para um! não fui covarde,
Tive juízo, abandonei a praça;
Vim para casa, fiz uns versos tristes,
E daí... fui poeta... que desgraça!

Não... não quero na terra os meus amores!
Os duelos às vezes fazem danos...
É tão bom se viver... os dias passam...
No fim dos doze meses se faz anos!...

Os amores do céu têm mais poesia,
Ali deve-se amar a¹¹⁹ rédeas soltas;
Que no céu não há línguas de intrigantes,
Como as línguas daqui... tão desenvoltas...

A lua é uma cigana, arranja a vida
Com teteias de amor, se não me engano;
Vale a pena pedi-la em casamento,
Tenho uns modos assim... para cigano!

Fumo cigarros; sei tocar viola;
Canto modinhas com requebro e graça:
Para ser um cigano de mancheia
Só me falta vender – rimas na praça.

Palavra de honra (que no céu Deus haja),
Sinto dentro do crânio uma fragura!
Ora, se a lua é fria como dizem,
No colo da cigana... que frescura?!

Ó lá de cima! se te apraz um noivo,
Um pobre doudivanes¹²⁰ cá de baixo, →

¹¹⁹ a] à – em FF.

¹²⁰ Palavra não registrada no VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Encontra-se, entretanto, registrada no *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (1813) – assim: “DOUDIVANES, adj. Chulo, augment. de Doudo.”

Eu me apresento candidato a esposo,
E na lista de amor o nome encaixo!

Sou moço e forte; ouço missa às vezes;
Não creio nos Catões Americanos:
Detesto o servilismo... (c'est dommage!)
E fiz hoje, afinal, vinte e dois anos.

Conselho a Délia

Toma, Délia, um discreto conselho,
Não te queiras casar, Délia, não;
A prudência te sirva de espelho,
Deixa o mundo ralhar sem razão.

Tira os olhos da lente encantada
Porque ao longe te acena himeneu,
Vê-lo ao perto; verás pouco ou nada
Das venturas que te prometeu.

Esse *noivo* tão guapo, tão nédio
Que *hoje* vês junto à¹²¹ *noiva anelar*,
Amanhã, com *fastio*, com tédio
Há de ao *lado* da *esposa*¹²² *voltar*...

– Que juízo este meu!... bocejando
Lá consigo dirá: – ai, de mim!
Quem mandou-me casar? até quando
Tragarei este *fruto* ruim? –

Do seu lado a mulher *meia-sono*,¹²³
– Que marido! aborrida, dirá:
Quem mandou-me casar co’ este mono?
Que desgraça! que sina tão má! –

E marido e mulher descontentes
Têm assim de viver, sabe o céu
Até quando, clamando entre dentes
Contra o elo em que os prende himeneu!

¹²¹ à] a – em FF.

¹²² *esposa*] *espasa* – em FF.

¹²³ O VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa registra “meio-sono” como substantivo. Parece que o poeta, por derivação imprópria, empregou a palavra como adjetivo – daí a concordância de “meia” com “mulher”.

E naquele constante alarido
Há de a esposa, há de o esposo sofrer,
A primeira um *eterno marido*?
O segundo uma *eterna mulher*?

Inda lá o marido umas vezes
Pode a sorte cruel *variar*...
Mas a pobre mulher? há de as fezes
Dessa eterna apatia tragar!

E não deite a cabeça ao postigo
Do marido na ausência... Jesus!
É um crime de enorme castigo,
Mais enorme que morte na cruz!

Se ele o sabe?... já brama, já berra,
E os vizinhos, em coro, também,
– Que a mulher que ele erguera da terra,
Que não trouxe de dote um vintém,

– É vadia! não sai da janela!
Tenta a honra manchar-lhe e o brasão!
E daqui, e dali – tagarela...
E a si próprio nomeia – cab...¹²⁴

Toma Délia o discreto conselho,
Não te queiras casar, Délia, não;
A prudência te sirva de espelho
Deixa o mundo ralhar sem razão.

¹²⁴ Entenda-se: “cab...” é abreviatura de “cabrão”. Neste caso, a cada ponto das reticências corresponde uma das letras faltantes.

Enigma

(À NENA)

I

Tu foste a rola encantada,
Era meu peito um vulcão;
Pousaste sobre a cratera,
E não quebraste o condão.

II

Como as flores mudamente
Segredando amor a sós,
Falamos também de amores
Segredando também nós...

III

Queimava a prumo o sol da mocidade!
E tu – eras mulher!
E nunca te manchei a virgindade
Co' um aceno sequer...

IV

Soluças? tu não sabias
Que neste seio bebias
Amores que Deus bendiz?
Esqueceste esses amores...
Soluças? por quê? Não chores,
Não és assim mais feliz?

V

A vida é cheia de flores,
O mundo é todo um jardim...
Colhe as flores da existência...
Não te lembres mais de mim.

Perdão

(IGNOTO DEO)

Foi uma noite de febre,
Eu delirava, senhora!
Perdão, senhora, perdão!
Não vos amava! nessa hora,¹²⁵
Já tinha as crenças perdidas,
Já não tinha coração,
Aquele triste infeliz!
E eu disse cousas sem tino,
Como o volúvel menino,
Que falando às borboletas
Não reflete no que diz!
Chamei um nome, – foi vosso...
Juntei-lhe a palavra amor!
Ai! nesse meu desatino,
Pudera ter dito – ondas,
Oceano, concha ou flor,
Como um travesso menino!
Despertei... não despertasse...
Oh, que não! que são torturas
Por que passo nestas horas,
Vindas do inferno, senhora!

Vejo-vos! sois meiga e bela!
Em vossa frente se apura
Mocidade e formosura.
Vossos olhos de Andaluza,
E vossos negros cabelos
São elos, são brandos elos
Com que amor prende a razão!
Mas eu não amo esses olhos,
Vossos cabelos não amo! →

¹²⁵ Leia-se: “Não vos amava! ness’ hora, – para que o verso tenha as mesmas sete sílabas dos demais versos da composição.

Já, senhora, não me inflamo
No fogo que amorna o sangue
De que vive o coração!

Perdão! senhora, perdão!
Pela febril ilusão
Que nossas almas prendeu
Naquela noite de febre
Que tantas crenças vos deu!
Perdão! por vossos desvelos
Tão mal cabidos¹²⁶ em mim!
Por vossos seios de neve
Mais brancos que o bogarim!
Por vossos olhos brilhantes,
Por vosso inocente irmão!
Por mim! pálido e desfeito,
Que trago um vácuo no peito
Onde tive o coração...
Senhora, perdão! perdão!

¹²⁶ Embora registrado no VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa, “malcabido” é adjetivo. Conservamos a grafia “mal cabido” porque, em nosso entendimento, “mal” modifica o sentido do particípio “cabido” – funcionando, portanto, como advérbio.

CINZAS DE UM LIVRO¹²⁷

¹²⁷ Esta quarta parte de *Flores e frutos* foi publicada de forma avulsa em 1859, sob o título *As cinzas de um livro*, e reaproveitada, com variantes, nesta obra. (SEABRA, 1859) Essa primeira publicação não traz epígrafe. Agradecemos ao prof. Antônio Carlos Secchin, que nos repassou as informações.

Je ne fais pas une satire,
Et je ne veux que vous traduire
Une histoire de ce temps – ...
ALF. DE MUSSET

I

Era um livro, queimei-o; tinha frio,
Precisava aquecer-me: sou tão pobre,
E é tão cara a *lenha*...

Por minh'alma!

Morte de inquisição não lhe coubera
Se ao taverneiro conviesse a troca!

II

POETA

Patrão! vá desta feita um sacrifício!
Dê-me aí duas achas de pau seco
Em paga deste livro.

TAVERNEIRO

Quanto pesa?

POETA

Eu sei? não terá mais de meia libra!

TAVERNEIRO

Ai, meia libra! e quer só duas achas?
Olé, freguês! Tão moço e tão *francasso*
Vai a dar de uma vez coos vurros n'água!¹²⁸
A vintém pagarei neste formato
A resma de papel depois de impressa.
E vejo, agora vejo... é manuscrito!
Que letrinhas, que traz! sejamos francos;
Não vale as duas achas, nem lhe dava →

¹²⁸ n'água!] n água! – em FF.

Um vintém de palitos – *pelo cujo*.
Ora note você, isto é que é peso,
E que papel janota o deste livro!
E que letras gentis! assim gorduchas,
São como as raparigas nos domingos
Com saias de balão tomando as ruas!
E sabe a como nós temos *pagado*
A livra deste ilustre *petit-maître*?
A vintém cada libra, fora a capa.
E tal é como vê, cheio de versos!
Não se agrada você deste *librasso*?¹²⁹
Olhe, disse-me ali o Zé das Roscas,
Que *istos* são as histórias dos *brasilis*,
Que fez um brasileiro *d’ilustrado*;
E que são pouco mais ou pouco menos
As confederaxons das tartarugas.¹³⁰
É pechincha, não é? cento e sessenta,
E leva um mês de histórias para casa.
Quanto ao seu, nada val;¹³¹ – é papel mole,
Não resiste à¹³² gordura da manteiga.

III

Como sabe falar! quanta eloquência!
Aqui neste País de maravilhas
Só faltava um Longino de taverna!
Não convém criticar, nem cause pasmo,
Que Longino caísse no descoco
De trocar a missão de conselheiro
Da rainha Zenóbia pelos fastos,
Que na taverna um toucinheiro ostenta!
A vida é um *vai e vem* – e o homem segue
O movimento elástico da vida!
Janos o mundo tem desde que é mundo,
E Janos a fartar... fazem-se raros
Os que têm duas caras tão somente!
Aqui mesmo na pátria, que é tão nova,
Aponta-se com o dedo muitos Janos,
Gente, que arrenegou... eu sou criança,
Nos contos do país sou mesmo um leigo!

¹²⁹ Conservamos a grafia de FF: *librasso*.

¹³⁰ Ver nota do autor no final do livro, à p. 168.

¹³¹ val;] val’; – em FF.

¹³² à] a – em FF.

IV

Era um livro, queimei-o; tinha frio,
Precisava aquecer-me; sou tão pobre
E é tão cara a *lenha*...

Por minh'alma!

Morte de inquisição não lhe coubera
Se ao taverneiro conviesse a troca!
Meu pobre livro!...

Mas... eu tinha frio,

Nas medulas dos ossos tinha gelo!...

V

Tremendo auto de fé! quantas lembranças
De segredos de amor não consumiste?
Aqui – era uma página secreta,
Folha do coração íntima e santa!
Maldizia de *alguém* – ardido em zelos,
E chorava depois arrependido!
Ali – um meigo olhar de olhos serenos,
Lânguido às vezes, outras vezes vívido!
Além – um beijo a furto... um doce enleio
De seios, que amores se alimentam!¹³³
Ali – um segredar de ternas frases!
Além – um padecer... depois... sorrisos!
Um sonho, uma esperança, um eco ao longe
De harmonias de amor falando à vida!
Aqui – a palidez!... lírios e rosas!
Uma noite de estrelas! um delírio!
Uma noite de febre... outra de gelo!
Um suspiro de cismas no abandono!
Um jacinto de crenças de mancebo...
E...

Tantas recordações! perdidas todas!¹³⁴
Crenças, sonhos, amor, visões, saudades;¹³⁵
Dores, mágoas, delírios, beijos, 'sp'ranças;
Tardes, noites, manhãs, auroras, flores;
Prados, fontes, queixumes, risos, prantos... →

¹³³ Deve ser: “De seios, de que amores se alimentam!” – para que o verso tenha dez sílabas, como os demais (embora, com hiato entre “que” e “amores” o verso tenha as dez sílabas convencionais – versos frouxos, isto é, com hiatos, são frequentes no poeta).

¹³⁴ Este verso, considerado isoladamente, tem onze sílabas. Entretanto, o “E” inicial pode ficar absorvido na vogal final do verso anterior (“mancebo... e”), de modo que não é contado como sílaba métrica. O restante – “Tantas recordações! perdidas todas!” – constitui um decassílabo heroico.

¹³⁵ saudades;] suadades; – em FF.

Tantas recordações!... perdidas todas!
Meu pobre livro! Mas... eu tinha frio,
Nas medulas dos ossos tinha gelo!

VI

Ai! deixem-me chorar! ouço no peito
Gemer o coração!
E bradar contra mim exasperado
“Maldição! maldição!”

És réu! pois esse livro, agora cinzas,
Não era todo teu!
És réu! que me roubaste nesse livro
Um livro que era meu!

Cinzas! cinzas! um livro tão querido!
Maldição! maldição!
Leviano, que assim me deserdaste,
Não sou teu coração!”

Livro?... Meu coração?... nenhum responde!
De mim – quem terá dó?
O coração suicida-se no peito!
O livro – é cinzas só!

VII

Meu pobre livro!... mas... eu tinha frio,
Nas medulas dos ossos tinha gelo!
Meu pobre coração! morto! 'stá morto!
E era quase uma gema de poesia!

VIII

Reconheço esta voz... é Margarida!

MARGARIDA

O que tens – que te vejo sombrio?
Não respondes? meu Deus, o que tens?
Vem sorrir nos meus seios de noiva...
Não te moves? não falas? não vens?...

Foste sempre a falar-me o primeiro,
O primeiro a sorrir para mim;
O que tens que te vejo indiferente,
Mudo... sério... tão pálido assim?

Que é do livro dos nossos romances,
Nosso livro de lendas de amor?
Não respondes? meu Deus, que mudança!
Trovador, o que tens trovador?

Olha o sol... já descamba no outeiro...
Olha a tarde revendo-se em nós...
Olha a noiva que anseia de amores...
Nem um gesto... um suspiro... uma voz?!

Tens ciúmes? dúvidas? não sabes
Que de amores por ti me abrasei?
Que não tenho mais rosas de virgem
Dize ao menos que sabes...

POETA

Não sei!

MARGARIDA

Ironia!... tu mentes!... mentira!
Como ouvir-te dizer-me “não sei!”¹³⁶
Que é do livro dos nossos romances,
Das lembranças de amores?

POETA

Queime!

MARGARIDA

Tu queimaste o meu livro de amores,
Onde o¹³⁷ mundo de amores cismeis?
E a promessa? o noivado? e meus sonhos?
E a capela de virgem?

¹³⁶ dizer-me “não sei!”] dizer-me ” não sei! – em FF.

¹³⁷ o] os – em FF.

POETA

Não sei!

MARGARIDA

Não, não eras assim! dize que mentes!¹³⁸
Queres talvez exp'rimentar-me ainda?
Não hás de envilecer os meus amores...
Tenho quinze anos só... sou moça e linda! —

.....

.....

Ouves? eu sei cantar os teus romances?
Ai! vibra a lira, vem cantar comigo!
Ouves?... os passarinhos nos esperam...
Onde 'stás... onde 'stás?

POETA

No¹³⁹ meu jazigo!

IX

Desmaia a tarde já... e Margarida
Esqueceu-se de vir...
como eu anseio!
Parece que dormi...
sonhei com ela...
Aonde 'stava eu quando ela veio?!

X

O livro e o coração! falava delas...
Era um livro, queimei-o; tinha frio,
Precisava aquecer-me!
 'Stou mais leve!

Não tenho coração!...
 Sono! que sono!

É noite... vou dormir... →

¹³⁸ Neste final do diálogo com Margarida os versos têm 10 sílabas, ao passo que as estrofes anteriores tinham versos eneassílabos.

¹³⁹ No] Não – em FF.

À meia-noite,
Satã, me acordarás.

.....

XI

SATÃ

Alerta! alerta!
Sonhaste?

POETA

Muito.

SATÃ

É linda?

POETA

Como um anjo.

SATÃ

Olha; o rei Salomão devasso e torpe...¹⁴⁰

POETA

Pois o rei Salomão foi libertino?
Que o filho de David foi santo e sábio
Tenho ouvido dizer...

SATÃ

Pelos abades!
Salomão, sábio e rei o mais devasso,¹⁴¹
E torpe, e libertino de seu tempo...

POETA

(E nesse tempo não se lia Byron!)¹⁴²

¹⁴⁰ Ver nota do autor no final do livro, à p. 168.

¹⁴¹ Leia-se: “Salomão, sábi’ e rei o mais devasso” ou “Salomão, sábio [e] rei o mais devasso”.

¹⁴² Ver nota do autor no final do livro, à p. 168.

SATÃ

Não teve em seu harém de mil mulheres
Uma Laís¹⁴³ mais formosa que Fabrícia.
Entremos, é aqui...

POETA

Por teus infernos!
Não teve Henrique oitavo em seus palácios
Nenhum conde ou marquês com onze-letas
Mais sábio do que tu...

SATÃ

És inexperto!...

POETA

Como é bela a dormir!... os seus contornos...
Mas... que tem ela a soluçar em sonhos?

SATÃ

Sonha que se confessa, e o reverendo,
Que há três dias dormiu entre os seus braços,
Nega-lhe absolvição.
Reza comigo!

SATÃ E O POETA

“Deixa o mundo bradar que são teus lábios
Feira de beijos! que és imunda e torpe;
O mundo é louco, maldizendo os vícios
Cospe nas faces da virtude, e passa!

Virgem nasceste nos jardins da vida!
Flor maculada, quem manchou teus seios?
Ele, que te maldiz, e vem à noite
No leito adormecer dos teus ardores!

Não te arrependas! não! virtude e vício
Duas palavras são para um só facto;
Vício – é o vício nu, que não disfarça;
O vício disfarçado é que é virtude!

¹⁴³ Pronuncie-se “Lais”, com uma só sílaba.

Hipócrita não és; na várzea imunda,
Onde vicejam da volúpia as flores,
És o que dizes ser, – flor sem perfume;
És o que dizes ser, – rosa de orgias.”

SATÃ

Corre as cortinas, deita-te, poeta.

POETA

Obrigado, Satã; canta-me um hino!

XII

SATÃ

“Podes viver! tens a febre
Que te definha aos vinte anos!
Rasga o véu d’alma virgínea,
Faze coro coos profanos!
Vai, desfolha a primavera
No leito da cortesã!
Amanhã? há de ser noite,
Choverá gelo no ermo!
Então serás triste, enfermo!
Triste, enferma a tua irmã!

Terás os lábios queimados,
Pálidas faces rugosas!
Da fronte magra e sombria
Murchas, pálidas as rosas!
Terás, sim... que tens o inferno
Onde outrora o coração!
No crânio tens um dilúvio
De fantasmas incendiados,
Que te bradam nos ouvidos:
Sus! avante! avante, irmão!

Terás o sangue gelado,
Negro, negro nas artérias!
Em cada ruga das faces
Uma lenda de misérias!
Serás o truão das praças
E satisfeito de ti! →

Ao passares dirão elas,
As cortesãs acintosas,
“Nestas faces – quantas rosas!
Nos lábios – quanto carmi!”¹⁴⁴

Dirá o *mundo piedoso!*
Tão moço, perdido e louco!
Vai teu caminho e responde
– É pouco! inda é muito pouco!
Abram-me o crânio se querem
Ver do cinismo o vulcão!
E ri-te do moralista
Epicuro comovido;
E, em paga, moço perdido,
Chama-o tu – perdido e cão!”

XIII

Sonhei!... que sonho o meu! que febre tenho!
Como é tão bom adormecer ao fogo
De um livro que se queima!...
Quanta cinza!
José, traze o cognac, e varre a sala.

XIV

Eia, amigos; Proudhon,¹⁴⁵ tu me conduze!
Para o inferno que vás – irei contigo.
Se tivermos entrada no palácio
Onde Satã é rei, e os padres-mestres
Archeiros e bediés,¹⁴⁶ que regalada
Vida de eternidade ali teremos?!
E tu, mestre Savedra,¹⁴⁷ tu me ensina
A rir e a fazer rir à custa alheia,
Que este mundo de condes e marqueses
*Não se pode levar doutra maneira.*¹⁴⁸

¹⁴⁴ carmi!’”] carmi!’” – em FF.

¹⁴⁵ Ver nota do autor no final do livro, à p. 168.

¹⁴⁶ Palavra não registrada no VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa, nem em dicionários da língua portuguesa. Seria “bedéis”?

¹⁴⁷ Ver nota do autor no final do livro, à p. 169. Savedra: Miguel de Cervantes Saavedra.

¹⁴⁸ Ver nota do autor no final do livro, à p. 169.

NOTAS

Flores sem frutos e não *Flores e Frutos*, como querem muitos, intitulou o visconde d'Almeida Garrett a um dos seus últimos volumes de poesias que publicou.

E se devo – *comptar* – coo prêmio desta oferta, pág. V, vers. 7. [p. 29]¹⁴⁹
Advirto, aos que embicarem com este *comptar*, que irei adotando, té onde me chegarem as forças, e consciência, a ortografia do doctíssimo sr. dr. José Feliciano de Castilho, tão magistralmente esboçada nos apontamentos sobre a ortografia, ultimamente dados à luz.

E fazer seu *velo de ouro*
Do presente enamorado – pág. X, vers. 5 e 6. [p. 31]

Quem não tiver conhecimento da história do *Velocino* ou *velo de ouro* da Fábula, leia nos dicionários mitológicos as palavras, *Jasão*,¹⁵⁰ *Velocino*, *Medeia*, etc.; e bem assim os *Argonautas* de Apolônio Ródio. E se ignorar a língua de Apolônio recorra à¹⁵¹ tradução que fez desse poema o distinto literato português José Maria da Costa e Silva.

NOTAS ÀS ANINHAS

“Quem são estas Aninhas? (perguntará o curioso).

E eu, a modo de mouco, deixava-o em branco, se não estivesse minado do hábito do Filinto Elísio, que a todos respondia com pachorra de frade (único *senão*, pondo de lado os elogios às *trouxas de ovos* porque os reverendos freires são desmarcadamente perdidos, por onde se conhecia que ele vestira sotaina,¹⁵² fosse lá onde fosse).

¹⁴⁹ As indicações de página são da edição de 1862 de *Flores e frutos*. Entre colchetes, acrescentamos a página desta edição. Nas Notas de *Flores e frutos* a indicação do número do verso ou da estrofe diz respeito à página em que ele ou ela se encontra; não diz respeito ao poema.

¹⁵⁰ *Jasão*,] *Jason*, – em FF.

¹⁵¹ à] a – em FF.

¹⁵² sotaina,] soítana, – em FF.

“Com quê, quereis saber quem são estas Aninhas?

Eu vos satisfaço.

Estas Aninhas, meu caro senhor, perdão...

Em primeiro lugar, devo dizer-vos que estas Aninhas já não são, foram.

“Foram, pois, estas Aninhas uma interessante menina...

Torceis o nariz?

“Estas Aninhas *foram uma* interessante menina... é um enorme erro de gramática.

“Enormíssimo, concordo; apelo, entretanto, para a aritmética.

Bradareis que não sei multiplicar, visto que a tabuada¹⁵³ diz que, *uma vez uma menina*, é *uma menina*, ainda que se dê por paus e por pedras.

Neste caso, não há outro remédio, recorro ao patético.

Aviai-vos; tomai o vosso lenço, tendei-o sobre os joelhos, porque eu vou chorar.

Aninha, dizia, chamava-se uma interessante menina que eu conheci, quando mais ou menos ela entrava na duodécima primavera da vida, e, até por sinal, num baile dançando, creio eu, a duodécima quadrilha e isto com todas as forças dos seus pulmões.¹⁵⁴

Também a mesma cousa foi vê-la e amá-la a mesmíssima.

Nesse ponto, ela discordou.

Viu-me... e, incontinenti, de si para si, convencionou que era cega!

Isto é doloroso de contar-se... mas, leve a cruz ao calvário quem chegou até aqui.

Não se faz, com duas razões, uma pequena ideia do que pratiquei por merecer-lhe um meio sorriso daqueles lábios que, sem tirar nem pôr, hermeticamente fechadinhos eram mesmo dois rubis! Por um volver, já não direi brando, enraivecido que fosse, daqueles olhos negros, para os mais vivos! e para mim tão cegos!

Por um negalho dos seus cabelos da cor do mel, onde as flores assentavam tão bem e, ainda em cima, como que fazendo moessa das terníssimas olhadelas que eu lhes deitava a furto!

Fiz e refiz tudo o que pude, e, como contrapeso, o que ’stava além das minhas forças!

Debalde!

’*Stava escrito* que eu fosse vítima de uma *menina forte!*

Vencido, subjugado...

“Não há de ficar assim! (bradei ao coração); a grandes males grandes remédios, venha o amor platônico.

E amamos aquela ré-de-leso-amor-primeiro com o mais etéreo platonismo do mundo.

Senti melhoras... mas, eis senão quando, no meio da convalescença, aparece a recaída.

A moléstia manifestou-se capaz de fazer figas a todos os Hipócrates do globo.

Vira-se-me o platonismo às avessas, tão às avessas, que eu e um lobo faminto dir-se-iam gêmeos!

Numa palavra, soube que Aninha ia casar-se!

¹⁵³ tabuada] tabua da – em FF.

¹⁵⁴ *Se há quem tenha barriga nas pernas, não é muito que lá tenham também peito e bofes. (Resposta a um censor).* [Nota do autor, indicada pelo número 1 entre parênteses (1), no texto e no rodapé.]

O coração parecia querer sair-me pela boca fora.
Tinha fome de amor! era de amor toda a minha sede!
Se me atirassem pedras eu as comeria por amor!
Se me dessem fel e vinagre por amor os sorveria!
Nestas colisões, bufei uma noite inteira, e o dia correria do mesmo modo, se às sete horas da manhã não ouvisse bater na escada.
Levantei-me, abri a porta e tornando a meter-me entre os lençóis, gritei de mau humor:
“Entre, quem é.
Um momento... e aparece-me...
Ora, adivinhe, meu caro senhor curioso, quem era?
“Era Aninha...
Aninha! oh, sim! era ela justamente... quem não era!
Era um crioulo ’svelto e retinto, dos seus quinze anos de idade, e cujas calças e camisa, da cor deste papel, deixando-lhe os pés, as mãos e o resto do pescoço para cima ao ar livre, davam-lhe assim a figura de um ás de paus no meio do seu quadrado branco.
“Vim saber...
Mal foi abrindo a boca, e eu atalhando-o desapiedadamente:
“Em primeiro lugar, rapaz, quem és tu!
“Eu sou escravo, sim, senhor.
“Que és escravo não preciso que o digas; és negro e basta: não te pergunto por isso.
Faça-se-lhe justiça; eu não lhe havia perguntado outra cousa.
“Que é que queres? (prossegui).
“Minha senhora...
“Não sei quem é lá a tua senhora.
“É sinhazinha D. Aninha...
Oh...

*Melhor é exp’rimentá-lo que julgá-lo!
Mas, julgue-o quem não pode exp’rimentá-lo,¹⁵⁵*

do prazer e pasmo de que me possuí.

O rapaz recuou três passos adiante de mim, enquanto eu, dando inopinadamente um pulo fora da cama, me pus no meio da alcova em posição trágica, exclamando:

“Fala, fala, filho, o que mandou dizer a sinhazinha D. Aninha?

“Mandou (balbuciou o mísero, esforçando-se por conter, sem dúvida, duas tremendas gargalhadas que lhe excitavam os meus trejeitos); mandou saber se o nhonhô está doente.

“Às portas da morte! conta-lhe que ’stou às portas da morte desde ontem, quando soube que ela ia casar-se.¹⁵⁶

Aqui o rapaz não pôde sustentar-se.

Levou as mãos à barriga, fez um meio círculo com o corpo para a frente e desprende uma estrepitosa risada, com todas as regras da arte.

¹⁵⁵ Versos de Camões: *Os Lusíadas*, canto IX, estância 83.

¹⁵⁶ casar-se.] ca-/ar-se. – em FF.

Se eu me visse ao espelho na ocasião, faço ideia do triste conceito que faria de mim próprio, tirando as consequências do juízo pela analogia da cara que me ficou.

“Avia-te, brejeiro, (bradei-lhe enfurecendo-me), dize por que te ris; avia-te... senão...

“Meu senhor, eu não me ri de vosmecê (diz ele ainda rindo-se), é da minha senhora...

“Hein...

“Sim, senhor, é da minha senhora; pois vosmecê não tem vontade de rir, também, sabendo que ela vai casar-se? Ora faça o favor de olhar... lá está ela à janela... veja se aquilo é cousa que se case?

Oh! antítese das antíteses! equívoco dos equívocos! surpresa das surpresas!¹⁵⁷

Se eu fosse o mundo, saíra fora dos meus eixos!

Olhei...

O que acrescentarei, meu caro curioso, dizendo-vos que a tal sinhazinha do crioulo entrava, sem mais nem menos, pelo mínimo, no duodécimo lustro dos verdores da vida?

Foi o caso:

D. Aninha-segunda observara da sua janela, que ficava em frente à da minha alcova, todos os meus movimentos nervosos na tarde do dia antecedente.

Éramos vizinhos; pareci-lhe doente, mandou saber do meu estado.

“Este *século-feminino* (refleti, depois que mandei o rapaz embora) assim ou assado, interessa-se por mim;

Eu ’stou apaixonado;

A minha paixão é uma espécie de *cholera-morbus* moral, conhecido comumente sob o rançoso nome de amor;

Preciso de um remédio;

O único remédio capaz de curar semelhante moléstia é uma mulher:

“Inveni! inveni! *Eureka! eureka!*”

Empomadei-me, vesti-me e fui levar de viva voz os meus agradecimentos a tão desvelada vizinha.

Mais um dia, menos um dia, ’stávamos apaixonadíssimos um pelo outro inacreditavelmente.

Eu não era mais perdido pelos pães de ló com que Aninha me regalava do que ela o era pelas cançonetas,¹⁵⁸ que eu compunha impressionado pelas saudosas recordações de Aninha-primeira, e que lia à minha tetravó¹⁵⁹ como feitas à sua pessoa, capaz de inspirar... o suicídio a outrem que não fosse eu!

“Ufa!... aí ’stá como todos os poetas deviam ser! francos, ingênuos e leais como este (direis porventura).

E eu, acachapado pelo choque do elogio, perdi o fio da história e – moita!

¹⁵⁷ Em FF, este parágrafo vem alinhado à margem esquerda do texto, sem a entrada de parágrafo.

¹⁵⁸ Ver nota 3, à p. 31.

¹⁵⁹ tetravó] tretravó – em FF.

No deserto do peito miragens – pág. 3. [p. 34]

Verso de A. J. Franco de Sá, jovem poeta maranhense roubado à vida na flor dos anos quando estudava Direito em Olinda.

Basta lerem-se deste infeliz mancebo as poesias que vêm transcritas no *Parnaso Maranhense*, há pouco publicado, para ajuizar-se do brilhante papel que faria nas letras. A poesia que me emprestou este verso intitula-se *Meus namoros de Olinda*.

Olha!... os dourados insectos,
Nos seus enleios de afectos – pág. 6, estrofe 3. [p. 35]

Crença popular entre algumas tribos dos indígenas da minha terra.

Tinhas então doze anos,
Acecém – desabrochavas – pág. 9, estrofe 1. [p. 37]

Açucena chama-se a flor; chamei-a eu *acecém* pela mesma razão por que outros a chamam *cecém*.

Dá-lhe que imite o junquilha,
Que antes que o sol alvoreça,
Não deixa alastrar-se o chão
Das flores do seu festão – pág. 11, vers. 18 e seguintes. [p. 38]

Dá-se esse facto com uma planta, conhecida nos prados do Pará, pelo nome de junquilha dos campos.

E o nume, ai dele, o nume,
O triste amante da flor!
Pode matá-lo o ciúme,
O ciúme abrasador! – pág. 23, vers. 11 e seguintes. [p. 44]

Como aos arvoredos as Dríades, às¹⁶⁰ florestas as Napeias, às fontes as Náíades, aos montes as Oréades etc., os Silfos, ou numes, divindades invisíveis, tutelavam as

¹⁶⁰ às] as – em FF.

flores e isto sem laivos de amores terrestres. Eu, porém, que suponho-me incapaz, se fosse Silfo, de me aninhar no cálice de uma flor com indiferença 'stoica ou britânica, perdoem-me os Silfos, não 'stou por aquilo.

Deixem dizer!... Pode-se lá, a sangue frio, seja quem for, Deus ou homem, e até mesmo água ou pedra, proteger uma flor sem aspirar-se-lhe o perfume, sem uma vez ou outra beber-se-lhe uma gota do mel que porventura distilem seus seios?

Certo do contrário, acredito que os Silfos tivessem ciúmes e – juízo.

Tu és o bogarim; querem-te as brisas,
Levianas *coquettes* do vergel – pág. 27, vers. 1 e 2. [p. 47]

“A palavra *coquette* não é portuguesa. Mas não há remédio senão aceitá-la e dar-lhe a carta de naturalização, desde que a coisa se aforou tanto entre nós.” Almeida Garrett – Folhas caídas, nota à poesia – *Coquette dos Prados* –.¹⁶¹

O tangedor saudoso,
O tangedor que tão melodioso, etc. – pág. 30, vers. 14 e seguintes. [p. 48]

Ainda agora afigura-se-me (e já há uns bons pares de anos que isso foi!)¹⁶² à soleira de meus lares campestres apinhados os rapazes e raparigas da aldeia, pelas voltas das Ave-Marias,¹⁶³ em roda do velho tocador de viola incansável e folgazão respondendo aos versos que lhe atiravam de improviso.

Prazeirosos tempos que tão pouco duram e tantas saudades deixam!

Algazarras harmoniosas, alegrias sem ostentação, risos de verdadeiros afectos, palavras francas e leais, amigos rústicos mas certos e a toda a prova,¹⁶⁴ ainda hoje sinto remoçar em mim aquele amor à vida de que se enchem esses lugares e que o sol da corte prematuramente desbota!

A vida?

A vida, meus amigos de infância, é esse tranquilo viver à sombra dos vossos hospitaleiros casais.

Fora daí, tudo o mais são ilusões, hipocrisia, indiferença ou interesse... O interesse, o *nègre*¹⁶⁵ abutre que veio das profundezas do inferno asilar-se no meio da sociedade civilizada!

Que Deus se amercie¹⁶⁶ guardar-vos lá por toda a vida debaixo das vossas humildes palhoças!

¹⁶¹ Nesta nota, não atualizamos a grafia da palavra “coquete(s)” – grafamo-la como aparece em FF –, pois o que está em discussão é sua origem – do francês *coquette*.

¹⁶² Em FF, o ponto de exclamação vem fora dos parênteses.

¹⁶³ Ave-Marias,] Ave-Maria, – em FF.

¹⁶⁴ a toda a prova,] à toda aprova, – em FF.

¹⁶⁵ *nègre*] *negre* – em FF. Esta palavra francesa consta do VOCABULÁRIO de estrangeirismos, no site da Academia Brasileira de Letras. Ver: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-de-estrangeirismo>>.

¹⁶⁶ O poeta conjugou o verbo “amercear” pelo modelo dos verbos terminados em “-iar”, como “copiar”.

Flor de cardo – pág. 53. [p. 63]

Quem tiver lido esta estrofe de Régnier-Desmarais feita a M.^{me} de Rambouillet, e intitulada:

LA VIOLETTE

Modeste en ma couleur, modeste en mon séjour,
Franche d'ambition, je me cache sous l'herbe;
Mais si sur votre sein je puis me voir un jour,
La plus humble des fleurs sera la plus superbe,

dirá que a minha pobre flor de cardo nasceu depois que respirei o suavíssimo perfume que exala a mimosa vileta de Régnier. Não foi assim. E se assim tivesse sido, eu não me negara a honra de confessá-lo, que ninguém se desonrará nunca nos esforços que fizer para imitar a poetas como este. Mas, repito, não foi assim. Havia mais de um ano que a minha pobre flor vegetava quando travei conhecimento com esse autor.

Dirão as más línguas: – O mesmo diria o Álvares de Azevedo, se alguém lhe fosse dizer; – na Primavera do snr. dr.¹⁶⁷ Antônio Feliciano de Castilho leem-se os seguintes três versos:

Ali um pessegueiro, cujos frutos
Imitam de um mancebo a rósea face
Coa penugem subtil inda formosa.¹⁶⁸

Ipsis verbis com que o seu Johann da Noite da taverna revela o despontar do buço daquele Artur com quem jogava o bilhar, dizendo: *Leve buço lhe sombreava o lábio, e pela oval do rosto uma penugem dourada lhe assomava como a felpa que rebuça o pêssago.*¹⁶⁹

Dirão... deixá-las dizer o que quiserem.

¹⁶⁷ dr.] dr – em FF.

¹⁶⁸ *Primavera* 1.^a edic. pág. 79. [Nota do autor, indicada no texto e no rodapé pelo número 1 entre parênteses (1).]

¹⁶⁹ *Vid. Obras de Azev. tom. 2, Noite da Taverna cap. VI.* [Nota do autor, indicada no texto e no rodapé pelo número 1 entre parênteses (1).] Bruno Seabra, até 1862, só podia ter conhecido a edição das *Obras* de Manuel Antônio Álvares de Azevedo preparada por Jaci Monteiro. A primeira edição do v. 2 é de 1855; em 1862 saiu a segunda. Em ambas, o título da obra mencionada é “Noite na taverna”. Em FF, ao final da citação de Álvares de Azevedo, fecham-se aspas que não foram abertas; como a citação vem em itálico, suprimimos essas aspas de fechamento.

NOTAS ÀS LUCRÉCIAS

Falha-me aqui a pachorra para dar explicações sobre este título.

Amo-vos a todas vós,
Raparigas, – pág. 81, vers. 1 e 2, etc. [p. 79]

A respeito da palavra *rapariga* de que usou o sr. dr. Antônio Feliciano de Castilho na esmerada tradução dos *Amores* de Ovídio, ouçamos o que diz, com aquele vasto saber e erudição de que é tão vantajosamente cheio, o seu digno irmão o sr. dr. José Feliciano de Castilho, em uma das preciosas notas da – Grinalda Ovidiana – com que deu maior valor àquela tradução:

“RAPARIGA! *rapariga*! Santo breve da marca! que palavra tão plebeia!”¹⁷⁰

Sim?! Ora que tem, senhores acoimadores, que dizer de *rapariga*, para a proibirem aos poetas? quanto a nós, não só é palavra decente (não obstante o tomar-se em algumas partes de Portugal, como termo de pouco mais ou menos, e no Brasil se atirar às escravas), senão que a temos por muito graciosa e eufônica. Não sabemos vocábulo nosso, dando o sentido que traz, muitas vezes, nas poesias namoradas dos latinos, o diminutivo *puella*. Chamarem pobre à língua (que o não é), e depois quererem proscrever dela, sem nenhuma razão, termos necessários, formosos e gentis, é contradição que se não absolve, etc., etc.”

– Vid. *Grinalda Ovidiana* pág. 257 e seguintes.

Do rio gigante, que tira o seu nome
Daquelas guerreiras dos tempos dalém, pág. 83, vers. 5 e 6. [p. 80]

Será o Amazonas?¹⁷¹

Pois bem; das florestas, das matas virentes,
A mão da ventura me trouxe até aqui, pág. 86, vers. 13 e 14. [p. 81]

Declaro, entretanto, que não sou neto de nenhum Botucudo.

¹⁷⁰ plebeia!”] plébea!” – em FF.

¹⁷¹ A pergunta do poeta começa pelo ponto de princípio de interrogação, à espanhola.

O calote, pág. 104. [p. 92]

O original é o seguinte, ignoro o nome do autor:

LA PROMENADE

Après ma journée faite,
je m'en fus promener;
en mon chemin rencontre
une fille à mon gré.
Je la pris par sa main blanche,
dans les bois je l'ai menée.
Quand¹⁷² elle fut dans les bois,
elle se mit à pleurer;
“ah! qu'avez-vous la belle?
qu'avez-vous à pleurer?”
“Je pleure mon *innocence*...
que vou allez m'ôter.”
“Ne pleurez pas tant, la belle,
je vous la laisserai.”
Je la pris par sa main blanche
dans les champs je l'ai menée.
Quand elle fut dans les champs,
elle se mit à chanter.
“Ah! qu'avez-vous la belle?
qu'avez-vous à chanter?”
“Je chante votre bêtise
de me laisser aller;
Quand on tenait la poule,
il fallait la plumer.”

O seu desdém não mereço...

Olhe... vê... como *ingordeço*? – pág. 113, vers. 8 e 9. [p. 97]

Não foi a força da consoante que ali pôs aquele *ingordeço*, acreditem.

O facto deu-se e a ingênua não sabia gramática (o que não admira, porque gramática não é para todos). Aqui tinha eu pano para mangas se quisesse tomar contas a certos *literatos a barbas enxutas*, como chama o snr. Alexandre Herculano a esses *quidams* da família dos parlapatões.¹⁷³ Mas, Deus lhes perdoe, já que, como diz ainda o mesmo senhor, são *eruditos que lendo ainda por baixo, passam nas trevas como a coruja*.

¹⁷² Quand] Quant – em FF.

¹⁷³ Assim – parlapatões – em FF.

Da curva celeste povoam a amplidão – pág. 143, vers. 2.¹⁷⁴ [p. 114]
Aquelas que trajam alvacentas roupagens – idem, idem, vers. 5. [p. 114]

Destes versos estão cheios os poetas antigos de maior nomeada.
A elipse concerta-os assim:

Da curva celeste povoa' a amplidão;
Aquelas que traja' alvacentas, etc., etc.

Por modo algum, não se deve mais usar de semelhantes versos.
Do meu lado, são os únicos, e isto por não querer alterar a única poesia que me ficou da meninice.

Vivi, como os pagões daquelas terras,
Cantando o fumo, as moças e a cachaça – pág. 179,¹⁷⁵ vers. 1 e 2. [p. 133]

Quanto à¹⁷⁶ cachaça, é um aleive que a mim próprio levantarei.

Ciúmes do Bardo, Inspirações de leigo, etc., pág. 181, vers. 9. [p. 134]

Inspirações do Claustro, poesias de Junqueira Freire, outro jovem poeta brasileiro, também falecido prematuramente.

Anda cá, George Sand,¹⁷⁷ cor de azeviche,
Garrafa de cognac! ao moribundo,
Que tu fizeste em horas de tristezas
O mais ditoso Lamennais do mundo, pág. 182, estrofe 3. [p. 135]

Há aí quem ignore que o padre Lamennais teve uns namoricos rasgados com a romancista francesa George Sand?¹⁷⁸

¹⁷⁴ Esta Nota do autor (e as seguintes) já é da terceira parte do livro, das poesias “Dispersas” – não mais das “Lucrécias”.

¹⁷⁵ pág. 179,] pág. 179 – em FF.

¹⁷⁶ à] a – em FF.

¹⁷⁷ George Sand,] Georg-Sand, – em FF.

¹⁷⁸ George Sand?] Georg-Sand? – em FF.

Feliz quem junto a ti por ti suspira, pág. 182, vers. 16. [p. 135]

Verso de uma célebre ode de Safo, traduzida para o francês por Boileau e em português por Filinto Elísio.

NOTAS ÀS CINZAS DE UM LIVRO

As Confederaxons das tartarugas, pág. 205, vers. 9. [p. 148]

O taverneiro quis dizer, e não o ajudou a língua, Confederação dos Tamoios. Ainda não comprei outro livro mais barato do que um exemplar, que possuo, desse poema; comprei-o por 200rs.!

Que barateza! que nacionalidade! que apreço!
E que exemplos a futuros escritores!?¹⁷⁹

Olha, o rei Salomão devasso e torpe, etc., pág. 213, vers. 5. [p. 153]

Eu sou apenas o eco da voz do diabo.

E nesse tempo não se lia Byron! pág. 214, vers. 6. [p. 153]

Que é o modelo dos libertinos, segundo tenho lido nos jornais.

Eia, amigos; Proudhon, etc. pág. 219, vers. 3 e seguintes. [p. 156]

P. J. Proudhon, francês e escritor de reconhecido mérito, diz muitas verdades, que são duras de dizer-se,¹⁸⁰ ou antes de ouvir-se: tem o estilo agradável e persuasivo. Perde em alguns lugares por exaltado. Foi condenado pelo Tribunal Correcional de Paris, em 1858, a três anos de prisão e 4.000 frs. de multa, por haver publicado duas obras, que agradaram pouco, ou *a poucos*; foram elas: A Justiça na Revolução e na Igreja, e Proudhon ao Senado.

¹⁷⁹ Este último verso, excetuada a pontuação, é de Camões – *Os Lusíadas*, canto VII, estância 82.

¹⁸⁰ dizer-se,] diver-se, – em FF.

E tu, mestre Savedra... etc., idem, idem, vers. 9. [p. 156]

Miguel Cervantes Savedra, o autor do inimitável *D. Quixote*.¹⁸¹

..... este mundo de condes e marqueses
*Não se pode levar doutra maneira*¹⁸², no fim. [p. 156]

Cruzes!

Porque eu repito o que disse o moço, não se diga que eu tenho aversão aos fidalgos... pelo contrário, *sangue azul* por *sangue azul*, se é por isso, eu o tenho. Meu falecido pai, Caetano Henriques d'Almeida Seabra, natural do Pará, também tinha um *alqueire de cevada por dia, e mil-réis de moradia mensalmente*, por Especial Graça do sr. D. João VI. O que não deixou em dúvida a cor do seu sangue, porque o documento, ou Foral, em termo técnico, declara que a Mercê foi devida lá à linhagem do dito meu pai.

Não, senhores, não tenho aversão aos fidalgos; tenho sim fanatismo pelos naturalistas, que, entre outros, *Buffon, sont d'avis que l'homme descend du singe et de l'orang-outang, dont la race se serait perfectionnée par descroisements successifs*¹⁸³.

Entre tous les mortels que l'univers voit naître,¹⁸⁴
Peu doivent aux aïeux¹⁸⁵ dont ils tiennent leur être,¹⁸⁶
Le respect de la terre,¹⁸⁷ et la faveur des rois:
Deux moyens seulement d'illustrer leur *naissance*¹⁸⁸
Sont mis en leur puissance,¹⁸⁹
Les sublimes talents,¹⁹⁰ et les fameux exploits.

J.-B. Rousseau – ode 2.^a,¹⁹¹ livr. 4.^o

¹⁸¹ *D. Quixote*.] *D. Quixote*. – em FF. Savedra: Miguel de Cervantes Saavedra.

¹⁸² *Verso de Garrett*. [Nota do autor, indicada no texto e no rodapé pelo número 1 entre parênteses (1).]

¹⁸³ *Vid.* – A. Snider. *La Création et ses Mystères Dévoilés*. [Nota do autor, indicada no texto e no rodapé pelo número 1 entre parênteses (1).]

¹⁸⁴ voit naître,] voit-naître – em FF.

¹⁸⁵ Peu doivent aux aïeux] Peut doivent aux aïeux – em FF.

¹⁸⁶ être,] être – em FF.

¹⁸⁷ terre,] terre – em FF.

¹⁸⁸ Sem grifo na edição francesa consultada, pela qual acertamos ortografia e pontuação. [*Œuvres choisies de Rousseau*. Nouvelle édition. Paris: Aux dépens des Libraires Associés, 1770. p. 150.]

¹⁸⁹ puissance,] puissance: – em FF.

¹⁹⁰ talents,] talents – em FF.

¹⁹¹ Na edição francesa consultada (ver nota 179), esta estrofe pertence à “Ode I” (Livre Quatrième).

ÍNDICE

A Elas.....	V
A Eles.....	VII

ANINHAS

I Na aldeia.....	5
II Aninha.....	9
III Credo.....	14
IV O vestido carmesim.....	17
V Talismã.....	19
VI Caprichos.....	22
VII Dormindo.....	25
VIII Conselho.....	27
IX Tristeza.....	29
X Graziela.....	32
XI A um jasmineiro.....	35
XII	38
XIII De tarde.....	42
XIV Valsando.....	46
XV Retratação.....	50
XVI Flor de cardo.....	53
XVII Rosa Branca.....	57
XVIII Açucena.....	64
XIX Convite.....	68
XX A lagoa dos amores.....	71

LUCRÉCIAS

I Nós e vós.....	81
II Às Raparigas.....	83
III Teresa.....	88
IV Os meus olhos em leilão.....	93
V Moreninha.....	99
VI Flora.....	102
VII O calote.....	104
VIII A filha do mestre Anselmo.....	108

IX Ingenuidade.....	111
X Laura.....	115
XI Mal de um beijo.....	118
XII Francina.....	121
XIII Ignez.....	125
XIV Lúcia céptica.....	131
XV Adeus às Raparigas.....	133

DISPERSAS

Canto extremo de um cego.....	139
As nuvens.....	143
Às donzelinhas.....	145
Maria.....	147
O meu segredo.....	151
.	155
A brisa e a veiga.....	158
A vida é lenta.....	161
Cora.....	163
À Julieta.....	165
À lua.....	167
Quiproquó.....	171
Com febre.....	177
No dia dos meus anos.....	184
Conselho a Délia.....	189
Enigma.....	193
Perdão.....	195
Cinzas de um livro.....	199
Notas.....	221

ADVERTÊNCIA

Leia-se:

O verso 8, p. 34

Quando ela vive soluçando amores!

Os versos 17 e 18, pág. 74

Piloto que a pilotava
Nunca tão mal pilotou!

O verso 3, pág. 133

Com quem pela páscoa, sem ser por malícia,

O verso 11, pág. 141

Que vão mentir aos senhores

Referências

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Colégio das artes da Companhia de Jesu, 1712 [v. 1, v. 2] / 1713 [v. 3 e v. 4]; Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva, 1716 [v. 5] / 1720 [v. 6 e v. 7]; Lisboa Ocidental, 1721 [v. 8].

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 3. ed. Comentários por Augusto Epifânio da Silva Dias. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Departamento de Assuntos Culturais, 1972. Reprodução fac-similada da 2.^a edição (em 2 tomos – 1916/1918).

CASTILHO, Antônio Feliciano de. *Os amores*, de P. Ovídio Nasão. Paráfrase por Antônio Feliciano de Castilho; seguida pela Grinalda Ovidiana, por José Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Casa do Editor – Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. 1.^a impressão. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

ROUSSEAU, J.-B. *Œuvres choisies de Rousseau*. Nouvelle édition. Paris: Aux dépens des Libraires Associés, 1770.

SEABRA, Bruno. *As cinzas de um livro*. Episódio contemporâneo. Rio de Janeiro: Tip. de F. de Paula Brito, 1859.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

Endereços eletrônicos:

<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

DIWAN¹

DE

Augusto Soromenho

PORTO

¹ Esta palavra – Diwan – já se escrevia com “v” – Divan – em português, quando este livro foi publicado.. Atualmente se escreve “Divã”. Conservamos a grafia do autor, por seu sabor orientalizante. Adotamos o mesmo procedimento com outras palavras de origem árabe ou com ele relacionadas, pela mesma razão. Em sua sétima edição, de 1877, o *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, traz o seguinte interessante verbete: “**Divan**, s. m. (palav. adop. do Árab. e deriv. do verbo *dana*, que na 2ª conjug. significa, coligir escritos, escrever, ou fazer memória de tudo o que se passa). O Conselho de estado do Turco: a casa onde se ajunta: ‘no mesmo *divan* foi apunhalado’. § * Espécie de sofá. § Coleção de poesias árabes, cada uma das quais é chamada gazel. § Nome dado por Goethe, e à imitação dele por outros poetas, a uma coleção de poesias no gosto oriental.” Esta edição foi preparada com base na primeira, não datada, mas de 1855. O Prof. Francisco Topa, a quem agradecemos, enviou-nos um exemplar digitalizado, no qual nos baseamos. Editores: José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira.

AO SEU AMIGO

o Il.^{mo} e Exc.^{mo} Snr.

MANUEL DE CLAMOUSE BROWNE,

em testemunho de amizade

O. D. C.

O AUTOR.

**QUEM CANTA SEU MAL ESPANTA;
QUEM CHORA SEU MAL AUMENTA;
E EU CANTO PARA ESPALHAR
UMA DOR QUE ME ATORMENTA!**

DIWAN

I

Eis-me poeta. E que me importa o riso
Dos néscios? Bem conheço que é difícil,
Depois de João de Lemos,
Fazer coisa de jeito; mas, se todos
Pensassem desse modo, quantos versos,
Depois dos de Bocage
Ou Camões se fariam? – Quem, à noite,
Escuta o rouxinol, também às vezes
Ouve os pios do mocho,
E o coaxar da rã. Que tem que venha
O pobre quincalheiro,²
Oferecer-nos, a troco d’alguns cobres,
Cristais por esmeraldas e topázios?
Quem não quer, que os não compre!
Eu sei que os versos meus são muito pobres;
Porem, no lixo, às vezes, se deparam
Custosos diamantes
E pérolas de preço!

² quincalheiro,] quincalheiro. – em DIWAN. Essa palavra não consta do VOCABUÁRIO ortográfico da língua portuguesa (versão *on-line*). O *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, em sua 6ª edição, de 1858, dá a palavra como variante de “quinquilheiro” – o que vende quinquilharias.

II

Tu queres uma flor? Vou dar-te, Júlia,
Daquelas que só brotam
No jardim do meu peito. Ali não sentem
Mais que o triste sussurro
Dos meus suspiros. Rego-as de contínuo
Com o pranto dos meus olhos!
Tornei-me jardineiro;
E eis todo o meu prazer. Fiz do meu peito
A quinta onde cultivo
As flores de minha alma.
São mimosas, mas são imarcessíveis
Como a perpétua. Ofereço-te uma dessas:
Aí tens: É uma saudade!

III

Fui aos campos do passado,
Onde já vivi d'amor:
Rosas, em cujos espinhos
Me ferira, achei mirradas,
Murchas, pálidas, sem cor!
Belezas, viço, que tinham
Roubou-lhes do sol o ardor!
Tudo triste! Mas, ainda,
No lugar em que eu amara,
Estava isolada uma flor,
Linda, mas triste; parecia
Ter um reflexo de dor.
Sempre orvalhada de pranto!
Sempre em negra soledade!
Ai! era a flor da "saudade"
Era inda um resto d'amor!

IV

Amor! quem sabe o que és? Todos te sentem:
A ave que descanta,
A virgem que suspira,
E até eu mesmo. E qual de nós conhece
A causa dos pesares
Que sofre? Às vezes brotas, como a rosa,
Nos olhos da donzela;
Às vezes, no seu peito
Cantas; aí te aninhas e te encontram
Incautos curiosos
Que erguer o véu das graças
Pretendem! Mas que és tu: mel ou cicuta?
Se rosa és, tens espinhos;
Tens doçuras, se és mel!³ Onde é teu sólio?
Ai! tens do mundo o império!
Amor! amor! a Sphinx⁴ que te guarda
Não pode achar Édipo!⁵

³ mel!] fel! – em DIWAN (o que seria uma contradição, e não se justifica).

⁴ Forma latina da palavra “esfinge”.

⁵ Édipo (grafia alatinada de “Edipus”) – em consonância com “Sphinx” –; no verso, a palavra – Édipo – é paroxítona – o verso é hexassílabo.

V

O que é a vida? É uma rosa,
Que o medonho furacão,
Ora na haste a desfolha,
Ora arranca inda em botão.

Ai! quando o sopro da morte
Minhas folhas dispersar,
O mirrado, 'stéril⁶ tronco
Não mo deixem cá ficar.

Abram na terra uma vala
Bem funda, e enterrem-no ali;
Ponham-lhe em cima este lema:
“A vida termina aqui.”

⁶ 'stéril] stéril – em DIWAN.

VI

A vida é assim. Se digo o que a alma sente,
Em frases comezinhas
Não me creem e riem-se! Não sabem
Que pode a branda aragem
Da tempestade ser preságio;⁷ e o lago
De tranquila aparência
No âmago ocultar monstros! Misérias
Desta nossa existência!
Mas, se, em versos cadentes, falo em mágoas,
E rimo mil tristezas
Com outras tantas dores, todos dizem:
“Muito sofre este homem!”
E, diga-se a verdade, eu, raras vezes,
Fiz versos que os sentisse!⁸
Por isso é que não creio em ceticismos
Em verso apregoados!
Já tenho visto os Byrons da moda
Renderem culto às damas,
E dizerem depois – “não creio!” – Petas!
Tanto me fio eu nisso,
Como na água que leva agora o Douro!

⁷ A forma “preságio”, usada por diversos escritores (como Eça de Queirós, Aquilino Ribeiro, Coelho Neto) consta no VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa (versão *on-line*). O *Grande dicionário da língua portuguesa* (1949-1959) a dá como forma errada de “presságio”.

⁸ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Não é possível determinar com certeza se há, aqui, separação de estrofes.

VII

Se a alma se reflete
Nos olhos, como os céus
No lago, a minha imagem
Devo julgar impressa
Na tua, pois a vejo
Nos lindos olhos teus.

Não faças como o lago,
Que tudo em si retrata,
Se bem que a luz dos céus
É a mais constante. Eu quero
Ver só a minha imagem
Nos lindos olhos teus!

VIII

Ai! pobre coração! Pois vives triste?
Ora! deixa-te disso!
Não faças caso de pequenos nada
Em que se passa a vida.
O mundo é um leito, onde dormimos todos
O sono da existência.
E que importa ter sonhos tormentosos,
Ou sonhos de delícias?
Tudo acaba, por fim, quando desponta
O sol duma outra vida.

Para que gemes, pois? Quando acordares,
Já nem te lembras disso!

IX

Tu foste uma noite ao baile
E aqui sozinho fiquei!
Quis que de mim te lembrasses
Entre o bulício da dança,
E um adereço te formei.
Fui sentar-me sobre as rochas,
Meus prantos cristalizei;
Fiz das lágrimas as pérolas,
Com que o colo te adornei;
Dei-te um *bouquet* de suspiros...
Louco que eu fui! Não pensei
Que eles assim desfolhassem
Numa valsa. Hoje é que eu sei!⁹
E tu, nem, quando espalhadas,
Viste as flores que te eu dei.¹⁰
De mim te lembraste? É o mesmo!
Faço de conta que ao vento
Meus suspiros entreguei;
E os prantos...¹¹ isso, imagino
Que nas rochas os deixei.
A vida é um sonho; acabando
Que serve dizer – “gozei!”?

⁹ Em DIWAN o verso seguinte vem em outra página. Não é possível determinar se há, aqui, separação de estrofes.

¹⁰ dei.] dei – em DIWAN.

¹¹ Prantos...] prantos.... – em DIWAN.

X

No meu peito há sempre inverno;
Sempre a medonha estação
Me arranca as mimosas flores
Que brotam no coração.

Só uma lá vive isenta
Do furor da tempestade;
Nasceu dos restos dum beijo:
Chamam-lhe a flor da – *saudade* –.

XI

A morte é a noite. Enquanto é dia, amigos,
O tempo aproveitemos
Em ser úteis àqueles¹² que nos seguem
Neste vale de lágrimas.
Antes do pôr do sol, façamos contas,
Preparemos bagagens;
E, quando a hora soar para a partida,
Deixemos aos que sofrem
Uma herança de lágrimas e bênçãos.
Que melhor companhia
Que as orações daqueles que encontraram
Em nós socorro e alívio?

Feliz o que, ao soar da meia-noite,
Dormir plácido sono,
Sem visões pavorosas, sem remorsos,
No seu leito tranquilo!

¹² àqueles] à aqueles – em DIWAN.

XII

Perguntas por que suspiro?
Eu te vou dar a razão:

“Este suspiro é uma história
De triste recordação;
É uma página rasgada
No livro do coração!”¹³

Mas queres saber a causa?
Pois atenta nos meus olhos,
Que eles ta revelarão:
– Pela imagem que lá vires,
Todos meus suspiros são!

¹³ Em DIWAN, todos os versos desta estrofe trazem aspas de abertura no início.

XIII

Mal desperto do sono do impossível,
Ainda espreguiçando¹⁴ e abrindo a boca,
Quando, com passo incerto, ia da vida
O limiar transpor,
Veio o empresário deste grande *Scala*,
A que se chama o “Mundo”, escriturar-me
Para primeiro tenor.

Há vinte e duas récitas somente;
E que papéis que eu tenho feito! Bufo,
Galã, padre, tirano e jornalista;
E os mais que inda farei!
Hoje faço o de esposo e de poeta;
Talvez breve o de pai; mas de viúvo
Jamais o aceitarei!

Tenho feito *furor* e tido *bravos*!
Tenho feito *fiasco*, e, muitas vezes,
Sofrido pateada. Palmas, coroas
Só as quero ir ganhar
No céu. Espero só que a voz me falhe,
E que o empresário rasgue as escrituras,
Para me pôr a andar!

¹⁴ espreguiçando] espreguiçando – em DIWAN.

XIV

Que fraca sacerdotisa,
Que não sabe conservar
Sempre viva a chama ardente
Que na ara soube atear
Da minha alma! Extinto o fogo,¹⁵
Vem o vento dispersar
Estas cinzas; se as tu queres
Num cofrezinho guardar,
Guarda-as no peito. As saudades
Das venturas, que perdemos,
Sempre nos devem ficar!

¹⁵ No exemplar digitalizado de DIWAN não há essa vírgula.

XV

Gosto de estar ao pé de ti, se choras;
E pego na carteira
E escrevo as impressões que tu me causas.
Não penses que é cinismo: isto é poesia:
Poeta foi Petrarca
Sentado junto à fonte de Vaucluse;
E junto da Niágara
O foi Chateaubriand. Todos se inspiram
Da fonte que murmura,
Do regato que corre sussurrando,
E até da catarata que rebrame!
E eu, que, quando choras,
Tenho em ti fonte, rio e catarata,
Posso não ser poeta?
Tenho razões para o ser mais que Petrarca
E que o autor d'Atala!

XVI

Guarda-os; eu cá não tos quero:
Dás tanto apreço aos teus beijos
Como que se eles valessem
Mundos e fundos. Morrer?
Eu não morro de desejos;
Dá-os a quem tos quiser.
Nem eu sei que valha a pena
Dar valor à ninharia
Dos beijos duma mulher...¹⁶
Afimal de contas, estes
São como os doutra qualquer!
Mas crês que os teus valem muito?
Guarda-os; eu cá não preciso;
Dá-os a quem tos quiser!

¹⁶ Mulher...] mulher.... – em DIWAN.

XVII

Não chores. Deixa o pranto aos que imaginam
Tristezas minorar, gozar venturas
 À força de lamúrias.
De que vale chorar? o pranto é nulo!
 Ai! que se ele valesse,
Zuleikha aos braços de Zelim voltara,¹⁷
Aos de Camões Natércia; e aos de Petrarca
A idolatrada Laura. Pelas serras
 Da enamorada Cintra,
Bem carpiu Bernardim; e ela? escutou-o
A sua Beatriz? – Assim é sempre!
– Era bem bom que as lágrimas nos dessem
Aquilo que se quer! Até eu mesmo,
 Que cismo, há muito tempo,
Em possuir gentil, formosa dama,
 Chorava, se assim fosse!

¹⁷ Conservamos grafia dos nomes: Zuleika e Selim, do poema *The bride of Abidos: a Turkish tale*, de Lord Byron. Ver nota 1.

XVIII

Eu sofro, mas recebo com um sorriso
As mágoas, que me vêm;
E para que chorar? De que vale isso?
Olha: vês tu, além,
Um lago, em cuja face se retrata
A pura luz do céu?
Atira-lhe uma pedra...¹⁸ Oh! vês? apenas
O seio lhe fendeu,
Agitou-se, encrespou, gemeu, e logo
Tremendo, serenou!
– Tal é minha alma: agita-se e suspira
Se a dor a atravessou:
Mas, logo após, o riso costumado
Retoma os lábios meus;
Qual volta o lago, mal serena a face,
A retratar os céus!
E de que vale andar contando aos outros
Um íntimo sofrer?
Um doente, nas mãos da medicina,
Não deixa de morrer!

¹⁸ pedra...] pedra.... – em DIWAN.

XIX

Hei de amar-te enquanto exista;
E, quando a noite descer
Da morte, a campa comigo
Há de este amor envolver.

Depois, no dia terrível,
Comigo ressurgirá,
Perante o Juiz Supremo
No vale de Josafá.

XX

Solta-me o coração. Que gosto encontras
Em teres-mo cativo?
Apraz-te ouvir gemer encarcerado
O rouxinol prantivo?

Ó rouxinol! que é dessa liberdade,
Que tinhas na floresta?
Amor! amor! d'ouvirmos teus conselhos
A recompensa é esta!

XXI

Linda filha do vaqueiro,
Levava o gado a pastar...¹⁹
“Olha: o sol está muito ardente;
Pode-te a face crestar!”²⁰

E ela saltou-me ao pescoço;
Começou a me beijar...
“Foge! Não quero os teus beijos;
Não, que me podem matar!”

E ela fugiu de meus braços,
Foi-se no monte ocultar.
À tarde fui procurá-la...²¹
O gado andava a pastar...²²
“Linda filha do vaqueiro,
Por que dormes a chorar?”

¹⁹ pastar...] pastar.... – em DIWAN.

²⁰ Em DIWAN, este verso está ao pé da página e traz aspas também no início (o mesmo acontece no último verso das estrofes seguintes. Não é possível saber com certeza se há (ou não) aqui divisão de estrofes – a organização do texto sugere que sim.

²¹ procurá-la...] procurá-la ... – em DIWAN.

²² Pastar...] pastar.... – em DIWAN.

XXII

Como são lindos teus olhos!
Não me dirás, anjo meu,
Por que os dous mais belos astros
Hoje não brilham no céu?

XXIII

Não creias. Foi, por força, algum pedante,
Que te disse; “a alma acaba.”
Ágora!²³ Bem sabe ele disso! A alma
É um viajante eterno
A quem o corpo serve de veículo,
Para passar barrancos,
E atalhos perigosos, nesta estrada,
A que se chama a “vida”.
“Porém, dirás talvez, o corpo morre;
E a alma?” Pois não sabes?
Essa chega à portela do sepulcro,
E, ali, quebrando o carro,
Caminha a pé e só pra a Eternidade.

²³ Ágora!: ver a nota relativa a este poema ao final do livro.

XXIV

De que serve este mundo sem amigos?
Aprez-te ir passear,
Num jardim, onde, ao menos, uma rosa
Não podes encontrar?

Agrada-te uma noite, em que uma estrela
Não brilha na amplidão?
Gostas dum mar, onde não há um porto?
Gostas?! Pois olha: eu não!

A mim apraz-me a selva, onde se encontram,
Cantando, ao pôr do sol,
O verdelhão, o melro, a tutinegra,
A rola e o rouxinol!

Em cada um desses cânticos se encontra
O bálsamo a uma dor...²⁴
– Quem sabe se podia, sem o orvalho,
Viver no prado a flor!?

²⁴ dor...] dor.... – em DIWAN.

XXV

Sempre, sempre! O amor, que eu sinto,
Jamais se pode extinguir:
A minha alma já te amava,
Antes de o corpo existir!

Quanto te amo, em quanto²⁵ vivo,
Hei de amar-te inda nos céus:
Imortal, como a minha alma,
Este amor veio de Deus!

²⁵ em quanto – preservamos a grafia (sem atualizar para “enquanto”), porque faz sentido.

XXVI

A minha gentil amada
Muito linda é quando chora!
Parece a rosa orvalhada
Pelas lágrimas da aurora!

XXVII

“Vens comigo ao cemitério?”²⁶
– Vou, minha filha. – E parti.
Na capa que me cobria
Seu frágil corpo envolvi.
“Não é tão triste?” – É – “Procura-me
Uma campa que não tem
Mais que – *Aqui jaz* – mas sem nome;
E a data em branco também.”²⁷
– É esta? – “É. Vês a rosa?
Como a vida aqui nasceu:
Sempre próxima da morte,
Mas voltada para o céu.
Dele o orvalho recebia;
Mas na terra vegetou:
Seu perfume ao céu mandava;
Mas sobre a campa murchou.”²⁸
– Tens frio? – “Todo meu corpo
Já começa a arrefecer:
Minha mãe abre-me o seio:
Hei de me nele aquecer.
Fecha os olhos...”²⁹
Ao abri-los,
Inda a loisa ia a descer!

²⁶ Aqui termina a pergunta iniciada por aspas. Não as fechamos, por acreditar que há nisso algum sentido.

²⁷ Em DIWAN, todos os versos situados entre as aspas de abertura e de fechamento trazem aspas de abertura no início – o que ocorre ao longo de todo o poema.

²⁸ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Não é possível determinar se há, aqui, separação de estrofes. Acreditamos que não.

²⁹ olhos...] olhos.... – em DIWAN (nessa edição, este verso e os três que o antecedem trazem aspas de abertura no início). Normalmente, aqui as aspas deveriam ter sido fechadas... entretanto, como no primeiro verso do poema, não as fechamos, pelo mesmo motivo.

XXVIII

Podes abrir os teus olhos!
Já me não mata esse fogo,
Que agora neles transluz!
Já te não amo! E loucura
Era ser a mariposa,
Que se abrasa numa luz,
Que os outros mais alumia
E com seu brilho os seduz!
Podes abrir os teus olhos!
Já me não mata esse fogo,
Que agora neles transluz!

XXIX

Aonde vais, amigo? Pelas ruas
Em torno à casa dela,
Está tudo inundado com meus prantos;
E podes ir no enxurro
E afogar-te. Detém-te: vê que as rosas
Não brotam no Oceano.
É noite, e noite negra d'amargura;
O sol, bem vês, não brilha,
E a lua não surgiu. Vais às escuras
E podes-te perder
Pelas quelhas do amor, onde os espinhos
Vivem junto das rosas;
Rosas d'amor, mas rosas desfolhadas,
E murchas pelos beijos
Do rouxinol lascivo. Olha: nem hoje
As quer o turvo mocho!
E teimas! Vai; mas lembra-te que encontras,
Em vez de mel, cicuta!

XXX

É este o sítio onde eu amei outrora;
É esta a fonte, junto à qual eu vinha
Sentar-me a suspirar.
É este o monte, onde a encontrava às tardes;
É este o choupo, a cuja fresca sombra
Eu vinha repousar.

Inda o mesmo regato além murmura;
E a mesma faia ainda as folhas move
Em branda agitação!
Tudo é o mesmo; só eu, só ela, e as aves
Estamos tristes: cantamos as saudades
Em vez do amor d'então!

XXXI

Eu, quando, às vezes, te vejo
Tuas amigas beijar,
Sinto desejos de ir logo
Aos lábios delas buscar
Os beijos que lá deixaste.
Se não fosse o recear
Que com os delas mos trocassem!
Mas inda assim vale a pena.
Hei de os teus beijos roubar
Aos lábios onde os deixares;
Pois estou certo que, pedindo-os,
Mos hão de sempre negar!

XXXII

O amor é um tifo, é uma febre aguda;
Que a vida nos consome,
E a que o médico, a esperança, só receita,
Segundo a homeopatia,
As lágrimas! A minha é perniciosa
E não tarda o delírio!
Entreguei-me nas mãos da alopatia,
Que de meus pais tratara;
Porém estou pior que dantes estava,
E o médico assistente,
Abandonou-me; mas cá tenho ainda
Um cáustico, a saudade,
A espicaçar-me o peito. Vem, Maria,
E traze-me a esperança,
Que, sem ela, não sei que tenha alívio,
Esta cruel doença!

XXXIII

Não leias mais romances. Não pretendas
Passar por literata
Bas-bleu, praga enfadonha, que provoca
O riso dos que exercem
Das letras o mester. De que te serve
O ler Eugênio Sue,
Féval ou Soulié? Ficas sabendo,
Talvez amando, o vício,
E pervertida!³⁰ Deixa essas leituras,
Que te não dão proveito,
E te fazem perder essa pureza
De cândida inocência,
Que é tudo na mulher. Lê antes livros,
Onde aprendas doutrinas
De virtude. Sem ela, minha Júlia,
Há dique que estorve³¹
Das paixões a torrente impetuosa,
Que as afeições esmaga,
Que às flores d'alma as pétalas arranca,
E vai no mar do vício
Confundi-las nas ondas da torpeza!
Ai! deixa essas leituras!
Retoma o véu, que já deposto havias.
As coroas da virtude,
São mais belas que o riso dos que apontam
Uma mulher perdida!

³⁰ E pervertida!] E prevertida! – em DIWAN.

³¹ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

XXXIV

Como estás pálida, rosa!
Maltratou-te o rouxinol?
Beijou-te muito? E deixaste?!
Louquinha! pois não sabias,
Que o prazer é como o sol?!

XXXV

Eu li uns versos meus, de há muito tempo,
E ri-me com vontade
Daqueles despropósitos rimados,
Que eu consagrava à dama
Das minhas afeições. Mas que poesia!
Pareceu-me uma hecatombe
De palavrões por mim sacrificados
À consoante e ao metro.
Que doce vida aquela! Oh! quem me dera,
Não ser esse poeta,
Que era então; mas gozar, ter a alegria
Daqueles belos tempos
De crença e d'illusão! e das poesias
Somente desejava
Riscar-lhes o meu nome. Não sofria,
Ao menos, o desgosto³²
De ver os versos meus e os meus amores
De rastros pelas ruas!

Mulheres, que eu cantei nas minhas trovas,
Mal vós então pensáveis
Que inda um dia andaríeis pelas tendas
A embrulhar cominhos?

³² Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

XXXVI

Aonde há destas flores? – No meu peito.
Quem aí as cultiva? – A minha dor.
Com que as regas? – Com o pranto de meus olhos.
Qual é seu nome? – Chamam-lhe “saudades”.
Que te deu a semente? – Foi o amor!

XXXVII

Apareceu-me uma fada, uma tarde,³³
Que eu nadava sozinho no Douro:
“Vem comigo; anda ver um tesouro”;
E, abraçado com ela, descí.
Lá no fundo encontrei uma virgem,
Que seus braços para mim estendia;
E cantou-me o final da *Lucia*,³⁴
Como nunca em S. Carlos ouvi!

Que ternuras, que amor, que delírio!
Ai! que instantes de gozo e saudade!
Dei-lhe beijos, chamei-lhe deidade;
Fiz-lhe em prosa um protesto d’amor.
E depois...³⁵ ai! depois? Não to digo,
Pois talvez que, sabendo-o, lá fosses!...
Quando às tardes lá vou dá-me doces,
Dá-me beijos, Champagne e licor!

³³ Leia-se: “Apareceu-m’ ua fada, uma tarde”. O verso é eneassílabo.

³⁴ Não acentuamos o nome “Lúcia” (que teria em português), para preservar-lhe a pronúncia francesa – para que o verso tenha as mesmas nove sílabas dos demais.

³⁵ E depois...] E depois.... – em DIWAN.

XXXVIII

Maria, por que choras?
Tens medo de morrer?
Pois olha, que a existência³⁶
Não é melhor. Sofrer
Do berço até à tumba
Eis tudo. Nesta vida
É raro outro prazer.
Um dia, um mês, um ano,
E anos se nos passam
Na esperança de inda ver
Raia ditos dias...³⁷
Mas fica-nos o crer!
É tudo um sonho. Apenas
O que nós certo temos
É a morte. Essa não falta
Ao seu contrato. E choras³⁸
Com medo de morrer?
Pois olha que é preciso
Ter muito amor à vida
Para inda querer viver!

³⁶ Leia-se: “Pois olha, q’a existência” – o verso é hexassílabo.

³⁷ dias...] dias.... – em DIWAN.

³⁸ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

XXXIX

Não sabes em que eu pensava?
Olha: em ti não era, não;
Tinha agora o pensamento
Bem longe do coração.

*

Só penso em ti, de ti longe,
Quando me aperta a saudade:
Mas queres que te eu responda?
Pois vou dizer-te a verdade:
“Como anseio ter ventura,
Pensava na Eternidade!”³⁹

³⁹ Em DIWAN, este verso traz, no início, como o anterior, aspas de abertura.

XL

Rosa, por que não crês já nos meus versos?
Acaso conheceste
Que não eram sentidos? Mal tu sabes
O bem que me fizeste
Com essa descoberta! Que torturas,
Buscando um pensamento,
Às vezes, eu passei, para dar-te uns versos
De falso sentimento!
É sempre assim. Pedia ao Lusitano
Palavras retumbantes;
E adormeci mil vezes no Guerreiro
Buscando as consoantes!
Era um prazer; mas era um sacrifício,
Que tu me não merecias!
Gastei papel e tempo aproveitável
Fazendo-te poesias,⁴⁰
Que, só pelo trabalho, não pagavas
Com quanto⁴¹ amor tivesses!
Se os versos e os pedidos que eu fazia
Ao menos compreendesses!

Fizeste muito bem, Rosa; obrigado.
Desculpa se a mentira
O canto foi que eu sempre a ti sagrava
Na improvisada lira!

⁴⁰ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

⁴¹ Assim em DIWAN. Poderia ser “Conquanto”; porém, “Com quanto” também faz sentido.

XLI

Esses teus formosos olhos,
À flor da face mimosa,
Parecem dous pirilampos
Poisados sobre uma rosa!

XLII

A vida é breve, como é breve o tempo,
Que passa no Oratório
O condenado. E o que é mais o mundo
Que um Oratório! A tumba é o cadafalso,
Onde a morte, medonho algoz da vida,
Separa a alma do corpo!
Porém, dizia eu, a vida é breve!
É breve, sim, senhores;
Senão que o diga o padre Antônio Silos,
Que, tendo setenta anos,
Morreu dizendo: “Eu nada fiz na vida;
E agora começava
A viver e a ser útil ao meu próximo.
O tempo desperdiçado
Na mocidade, agora aproveitava-o
Em espalhar venturas⁴²
Por aqueles que sofrem. Mais um ano
E eu terminaria
A minha obra. Ó Deus! mais um momento!”⁴³
Mas ele foi-se andando⁴⁴

Sucede o mesmo a muito boa gente
Sem ser o padre Antônio!

⁴² Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

⁴³ Em DIWAN, todos os versos situados entre o que traz as aspas de abertura e este, que traz as de fechamento, têm aspas de abertura no início.

⁴⁴ Parece faltar alguma pontuação aqui: ponto-final? reticências? É comum, no processo de digitalização, desaparecer alguma pontuação.

XLIII

Sofre e resigna-te. Embora
Te não console ninguém!
Que valem glórias da vida,
Se a vida é nada? Não chores.
Já leste a vida do Tasso
E Ignês de Castro? Pois bem:
– Sucede o mesmo à virtude:
Depois de morto, coroadado
É sempre aquele que a tem!

XLIV

Tu deixas-me sozinho
E dormes; mas, sem véu,
Lá fulge a minha estrela!...⁴⁵
Aquela, sim, que ingrata
Jamais a encontrei eu!...⁴⁶
E tu!...⁴⁷ Ai! não. Eu amo-te...⁴⁸
Desprezo o brilho seu,
Que igual é para todos.
A luz desses teus olhos
Não é como a do céu,
Que a goza o lago e a fonte.
Meu astro! o brilho teu
O espelho em que reflete
É só no peito meu!...⁴⁹

⁴⁵ estrela!...] estrela!.. – em DIWAN.

⁴⁶ eu!...] eu!.. – em DIWAN.

⁴⁷ E tu!...] E tu!.. – em DIWAN.

⁴⁸ Eu amo-te...] Eu amo-te ... – em DIWAN. Haveria um ponto de exclamação antes das reticências?

⁴⁹ meu!...] meu! . – em DIWAN.

XLV

Que horrível noite! O vento, a chuva, tudo
Contra mim se conspira!
Trevas no céu, e trevas sobre a terra;
Em volta de mim trevas!
Apenas vejo além uma luzinha,
Sinal misterioso,
Que me faz ir chuchar um aguaceiro
A troco dum bilhete
Perfumado d'almíscar! – Triste coisa
É andar enamorado!
Eu quando penso no que tenho feito,
Por causa das mulheres,
Pasma! E a luz? Sumiu-se! Era o correio
Que vai para a Amarante!

XLVI

As casas formaram alas,
À luz pálida da lua,
Quando eu ia pela rua
Em frente da catedral.
O sino deu meia-noite...
Era o sinal. À janela
Assomou o rosto dela...⁵⁰
Já a lua se via mal.
Obrigado, ó astro amigo!
Vai, manda-me a escuridade;
Deixa-me aqui à vontade...⁵¹
Vai brilhar em outros céus.
Amanhã ver-me-ás mais triste.
Demorar-te-ás mais. Não tens
Quem te ofusque o brilho. Vens?
Pois sim; vem. Por hoje – adeus!

⁵⁰ dela...] dela.. – em DIWAN.

⁵¹ vontade...] vontade..... – em DIWAN.

XLVII

A mulher é uma flor: como ela brota
Da vida nos jardins; neles, mimosa,
Vive quatro estações. Na primavera,
Singela e recatada,
Em si guarda os tesouros da beleza,
Seus mágicos encantos.
No estio, como a noiva, se apresenta
De pérolas coberta,
De galas adornada,
Patenteando o seio,
E seu perfume a todos espalhando.
Depois segue-se o outono:
A cor desbota, as folhas vão secando,
Mirradas pelo ardor do sol do estio;
E vem, por fim, o inverno⁵²
Tirar-lhe as poucas pétalas, que restam,
Sem brilho e sem perfume; e o frágil tronco,
Quebrado pelo vento,
No pó fica sepulto!

*

Feliz ela se, ao menos, não tivesse
Outra sorte jamais! Porém, mil vezes,
Na primavera ainda,
Mão despiadosa⁵³ vai colhê-la ao tronco,
Para adornar um peito,
Ou guarnecer um vaso!
As galas são dum dia; as folhas caem,
E a mão que a arrebatara
Em breve a deita fora! Assim termina! →

⁵² Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

⁵³ A forma vocabular “despiadosa” (“despiadoso”) não consta do VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa, versão *on-line*. O dicionário Caldas Aulete digital traz “piadoso”, como forma antiga e popular de “piedoso”.

E aquele que aspirou seu doce aroma,
E lhe roubou as graças,
Passa sobre o seu túmulo sorrindo,
E não se lembra, ao menos,
Que lhe deu ele a morte prematura!

*

Mimosas flores! é mais belo o prado
Com todos seus matizes,
Que as ricas jarras dos salões doirados!

XLVIII

Ai! tu não me conheces!
Pois pedes à minha alma
O que ela já sentiu?!
Minha alma é como o espaço;
Buscar nele os indícios
Dum astro que fulgiu,
É ir buscar no oceano
Vestígios da derrota,
Que o Gama lá seguiu!
Tranquila como um lago,
O que no fundo encerra,
Quem é que o descobriu?
Não peças, não! Quem pode
Lembrar-se, e ter saudades
Do espinho que o feriu!?...⁵⁴

⁵⁴ feriu!?...] feriu!?! – em DIWAN.

XLIX

Amo-te muito! Que to diga a rola,
A quem eu confiei
As saudades que canta! A dar suspiros
Ao zéfiro ensinei;
Ele que diga os que me ouviu! As ondas,
A dar esses gemidos,
Gemendo, exercitei!
São meus. O rouxinol descanta amores;
Quem no ensinou fui eu,
Que o fiz meu confidente.
À noite repetíamos cantando
O doce nome teu,
Que os ecos entoavam! Quanto existe,
Ou animado ou não; quanto o céu guarda,
E quanto cobre o céu,
Se desejas saber quem foi seu mestre
D'amor – fui eu, fui eu!

L

Não me tens amor? É pena!
Mal tu sabes quanto o sinto!
Não durmo até com pesar;
Nem o caso é para menos.
Não me queres? – “Estão verdes!”
Disse a raposa das uvas,
Por lhes não poder chegar!
De tentações Deus nos livre,
Que são bem de recluir.
A raposa desdenhava;
Mas voltou logo o focinho
Para as uvas apanhar.
Mas não te voltes, que eu temo,
Que inda te possas tentar.

LI

Ó glória!⁵⁵ visão mágica d'encantos,
Que a mente nos fascinas
Nos sonhos da existência! Eu não te creio!
Ergam-te, embora, altares
Os que te adoram; que eu desprezo o culto
Dos que a ti sacrificam
Nos campos de batalha! Qual é o louco,
Que a vida inteira gasta
Em vãs fadigas para ganhar-te um dia?
A nuvem pela Juno, o pó por louros,
É o que, alfim, alcança!
Tu, glória, és um vão sonho, que nos deixas
À beira do sepulcro.
E ainda há quem pense que a existência vales!
Eu cá penso o contrário.
Deus sabe o que me custa⁵⁶
Consagrar-te estes versos. Que outros façam
Tremendos sacrifícios,
Não me importa; para mim não vales nada.
Se os dera noutro tempo,
Não dou hoje sequer por ti um passo!
A GLÓRIA, que eu buscava, essa é já minha;
Está comigo em casa!

⁵⁵ Ó glória!] Oh glória! – em DIWAN.

⁵⁶ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

LII

Na solidão da minha alma
Já não brota uma só flor.
Algumas poucas saudades
São as que existem; nas outras
Deu-lhes o *oidium* do amor.

LIII

A vida é a imagem dum dia:
Nasce o sol, e o que dormia
Desperta e vem-no saudar.
Luta, trabalha, e cansado
Só o repouso apetece;
E, da lida fatigado,
Mal o sol desaparece,
Vai tranquilo repouso;
Porque a noite não tem calma,
E quem tem sossego na alma,
Vai sossego nela achar!
Nada temas, pois, MARIA:
A vida é a imagem dum dia,
Que a noite vem terminar!

LIV

Deus é o *maestro* desta grande ópera,
A que ele chamou – “Vida”
E que, há tantos mil anos, pôs em cena!
Foi ele mesmo o poeta,
Que o *libretto* escreveu; foi ele o artista,
Que dirigiu o cenário.
Foi ele o ensaiador. Distribuiu partes:
Fez o Destino ponto,
E deu a contrarregra à Providência.
À voz do simples *fiat*,
O teatro criou; chamou-lhe – “Mundo.”
Fez ele mesmo a orquestra,
E mandou-a tocar a sinfonia
Solene *d’ouverture*.
Apenas terminou, ergueu-se o pano,
E viu-se o Paraíso.⁵⁷

Porém, como os atores lhe fugiram
Do ponto, mudou cena,
E viu-se um vasto espaço montanhoso,
Coberto de arvoredos,
Onde agora os atores representam.
A ópera é sublime.
Jamais outro *maestro* a fez tão bela!
As cenas são de efeito,
Como o banquete da *Lucrécia Bórgia*,
Como a cena final do *Rigoletto*.
Só nos finais dos atos
Lhe encontro uma cruel monotonia.
Terminam por um coro
De padres, que, entoando o *requiem æternum*, →

⁵⁷ Em DIWAN, o verso subsequente vem na página seguinte. Não é possível ter certeza de que haja aqui divisão de estrofes – o que nos parece lógico (razão pela qual a adotamos).

Me fazem recordar o Miserere
Do *Trovador* de Verdi!



LV

Eu faço como os beduínos:
Roubo e não mato. À mulher,
Que mais graças e beleza,
Mais atrativos tiver,
Hei de roubar com meus lábios
O cofrezinho dos beijos...
Só se, acaso, não puder!
Do mais pode estar tranquila,
Que nada tem que temer;
Pode entrar na minha tenda,
Nela gozar e viver;
Que eu faço como os beduínos:
Roubo e não mato a mulher!

LVI

É coisa singular! A variedade
Agrada a toda a gente,
No prado, nos jardins, em toda a parte.
E qual será a razão,
Por que não hão de todos gostar dela
Também no coração?

*

Será esquisitice; mas eu gosto,
E dou bastantes provas;
E creio que se um dia, por acaso,
Eu fosse Scharhriar,
Não poderia achar Scheherazada
Capaz de me prender por mais que um dia!
Eu gosto de mudar;
Apraz-me a variedade,
E, podes crê-lo, amigo,
Sinto nisto um prazer particular.

LVII

Que lindas espanholas
Em Cádiz encontrei!
Dos olhos seus ferido
Se acaso não ceguei,
Ai! foi SANTA LUZIA
Que fez esse milagre;
Porque eu por mim não sei
Como inda vivo e vejo!
Aquele andaluzinha,
Em quem eu te falei,
Ai! foi os meus pecados!
Porém eu te protesto
Que noutra não cairei...⁵⁸
– Pagou-me em *seguidillas*
Os duros que eu gastei!

⁵⁸ cairei...] cairei.... – em DIWAN.

LVIII

Perguntas bem! Eu não me lembro disso;
E, se to disse, crê que foi mentira,
 Pois nunca tal senti
Por nenhuma mulher – mesmo a mais linda! –
 E quanto mais por ti!

*

Isso, JÚLIA, são coisas que se dizem
Para passar o tempo; e mal fizeste,
 Se acreditaste em mim.
O desengano custa, eu bem conheço
Que tens muita razão; porém, que queres?
 A vida é toda assim!

*

Conforma-te com a sorte, e tem paciência,
Que é o remédio que tens. Em te afligires,
 Que podes tu ganhar?
O mal, JÚLIA, está feito; e nada fazes
 Com pores-te a chorar!

LIX

Ai! não chores mais, MARIA!
Peço a Deus que me desconte
Por cada lágrima um dia
Dos que tenho de viver.
Tenho sido o teu tormento!
Curva a fronte ao teu destino!
Mas nos céus o sofrimento
Tem um diadema divino,
Que lá deves receber,
Em paga das agonias,
Que te eu faço padecer!
E contudo ninguém te ama
Mais do que eu. Se te atormento,
É que não posso valer
Ao meu destino. O que eu sinto
É fazer-te chorar tanto,
Ser causa do teu sofrer
E, alfim de contas, deixar-te⁵⁹
Aqui sozinha... e morrer.⁶⁰

⁵⁹ deixar-te] deixar-t – em DIWAN.

⁶⁰ Aqui sozinha... e morrer.] Aqui sozinha.... e morrer – em DIWAN. O ponto-final pode ter desaparecido no processo de digitalização.

LX

É esta a casa, onde mora
A mulher, que, há um ano, amei.
Ainda sinto saudades
Das horas que aqui passei!

Ingrata! Lá vejo escritos!
Assim pretende inculcar
Que o meu lugar está vago;
Que outro qualquer pode amar!

Novo inquilino pretende
Para o lugar que eu perdi...
Assim pagas as saudades,
Mulher! que eu sofro por ti!

Mas, com a força dos ciúmes,
Fiz todo este aranzel,
Sem me passar pela ideia,
Que era agora o S. Miguel!

Mudas de casa? Pois muda:
Que hei de eu seguir-te também,
Para na rua em que habitares
Não deixar passar ninguém!

LXI

Não chores mais, minha filha;
Não estejas triste. Não sabes
Que ideia consoladora
É saber que, após a noite,
Vem uma formosa aurora!!

LXII

Que me vale o viver, se conto as mágoas
Pelos dias da vida? Antes morrer.
Estava, ao menos, tranquilo: não gozava,
Mas também nada tinha que sofrer!

E quem sabe? O que está telhas acima
É um mistério de Deus! Jamais voltou
Alguém, que nos contasse o que lá vira;
Se, acaso, padeceu, ou se gozou!

Morrer?! Nada: conheço o que é esta vida;
A outra é que eu não posso adivinhar
O que será. Gozemos o que é certo,
Que pelo incerto é bom nunca trocar.

Sofro? Outros sofrem mais. É ter paciência,
Que Job teve-a maior. Alfim morreu;
Mas quem pode saber o seu destino?
Há razões para crer que está no céu!

LXIII

Que poder que tu tens! Esses teus lábios
Fizeram mais milagres
Que a vara de Moisés! Mal me tocaste
Nos olhos, rebentaram duas fontes
De lágrimas, maiores
Que a da rocha de d'Horeb! As minhas faces
Não estavam sequiosas,
Como os Israelitas; mas quiseste
Gozar esse espetáculo?
Cruel! não te lembraste
Que, se o povo de Deus bebeu à farta,
Naquela única fonte,
Tu de duas fizeste o Mar Vermelho,
Onde afogar-te podes
Se, como Faraó, me perseguires
Com esse teu exército⁶¹
De lágrimas, suspiros, e ternuras?
Ai! fuge, que te afogas!
As costas volta ao mar, e não te aflijas
Se a ver-me não tornares,
Que eu fico otimamente, e sem saudades!
Assim dissessem todos!...

⁶¹ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

LXIV

Meu pobre coração, não te atormentes;
Conforma-te ao destino.
Ditosa primavera
Virá restituir-te essa alegria,
Que te roubou o inverno!
Há muito lindas flores
Nos jardins da existência, e a vida é larga...
Podes amar ainda!

LXV

É cruel este mistério; –
Mas quem pode penetrá-lo?
Nunca foste ao cemitério
Pelos mortos perguntar?
E que ouviste? Dos ciprestes
O tristonho murmurar.
A campa guarda um silêncio
Que nada pode alterar:
Nem as lágrimas da amante,
Nem da esposa o suspirar!
Este silêncio é terrível!
Ao menos quem vai às praias
Seus segredos indagar,
Ouve o rugido das vagas,
E sente agitar-se o mar.
Mas a campa é muda e fria;
Ninguém a pode abalar!

LXVI

As novas legiões da primavera
Arvoraram seus verdes estandartes
 Nos vales deleitosos.
Abre a terra os tesouros do seu seio,
 No inverno adquiridos,
E ao mundo os patenteia. Pelos prados
Assemelha-se a relva a um regimento
 De jovens papagaios,
Que de esmeralda as asas vão cobrindo!

Rouxinol! onde estás? Ouve os lamentos
 Da enamorada rosa,
Que no cálix o cofre te reserva
Das perfumadas pérolas da aurora!
 Oh! vem, cantor mimoso,
Na solidão da noite, os doces prantos⁶²
Receber da saudade; ouvir as queixas
 Prantivas do ciúme;
 Em beijos transformá-las,
E com beijos matar, morrer d'amores!

Ai! só para mim a primavera é morta;
 E a rosa que eu adoro,
Como a tua não é; dorme em silêncio
 No âmago da terra!

⁶² Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

LXVII

Já me és de todo indiferente!⁶³
Eis mais um sonho desfeito;
Mais extinta uma paixão!
Ceguei-me, e, cego d'amores,
Quis ganhar-te o coração:
Pus-me a caminho, julgando⁶⁴
Lá chegar; e achei a morte
Nos gelos da ingratidão!
Ai! é porque eu não sabia
Que teu peito era um Marão!
Vítima fui dos teus olhos,
Que na estrada me assaltaram...⁶⁵
Por que não fechas nas jaulas
Esses lobos? À traição
Quem não morre, se por ela
Morrera o próprio Sansão?!
Perdi-me, meu Deus, perdi-me
Nos gelos da ingratidão!!

⁶³ indiferente: leia-se “indif’rente”, com três sílabas.

⁶⁴ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

⁶⁵ assaltaram...] assaltaram.... – em DIWAN.

LXVIII

Tu chamas-me “a tua vida”;
Mas “tua alma” eu quero ser;
Que a vida morre com o corpo,
E a alma eterna há de ser!⁶⁶

⁶⁶ Vide notas no fim. [Nota do autor, assinalada por um asterisco entre parênteses ao final do verso e no rodapé.]

LXIX

Tu mandaste-me dous beijos
Por uma carta. Oh! cruel,
Pois tu queres que eu receba,
Como de teus próprios lábios,
Beijos dados num papel?

Nada sentir me fizeram,
Apesar de ter-te amor;
Mas é que os beijos são fruta
Que só na árvore colhida
É que tem algum sabor.

Se outra vez, porém, quiseses
Mandar-me beijos, por Deus,
Manda, ao menos, portadora,
Onde os eu possa com gosto
Receber, e dar-lhe os meus!

LXX⁶⁷

Amigo, dorme. Deves estar cansado
Da vida. Esta jornada
É longa. Abandonaste a karavana,
Que, há séculos, desfila
Pelo árido deserto deste mundo
Em direção à Mekka
Da Eternidade! E quantos companheiros
Lá jazem sepultados
Nas ondas do simún! Salvou-te o acaso;
Mas o ardor intenso
Do amor, que o coração te devorava,
Fez que real julgasses
A ilusória vista
Do serab, e correste apressurado
A saciar a sede;
E que encontraste? O nada⁶⁸
Da triste realidade! Ah! mas agora
Descansas da fadiga
No karavan-seray da sepultura!
Descansa que precisas!

*

Eu também para Mekka me encaminho;
E só Deus sabe o dia
Em que lá chegarei; mas tenho esperança⁶⁹
De lá te achar ainda!

⁶⁷ Vide notas no fim. [Nota do autor, assinalada por um asterisco entre parênteses junto ao algarismo romano e no rodapé.]

⁶⁸ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

⁶⁹ Leia-se: “Em que lá chegarei; mas tenho esp’rança” – o verso é decassílabo.

LXXI

Tu não me crês? Nem te eu peço
Que me creias. Tanto faz
Que tu penses que te adoro,
Como que não. A verdade
Só mais tarde a saberás.

*⁷⁰

É melhor deixar que o tempo
Venha a verdade mostrar;
Que os lábios, às vezes, mentem;
Porém o que o tempo afirma
Ninguém no pode negar!

*

Demos tempo ao tempo; e, um dia,
(Quando eu, talvez, não viver,)
Conhecerás se te eu amo,
Ou não; e então hás de ver,
Que o amor só se avalia
Quando se chega a perder!

*

Mas nem por isso te peço
Que me creias. Tanto faz
Que tu penses que te adoro,
Como que não. A verdade
Só mais tarde a saberás!



⁷⁰ Em DIWAN, a estrofe seguinte vem em outra página; não há este asterisco. Entretanto, todas as estrofes subsequentes são separadas uma da outra por asterisco (razão pela qual adotamos este, neste ponto).

LXXII

Mulher! teu coração quem o compreende?
Ó Sphinx⁷¹ insaciável,
Quem pode decifrar-te o estranho enigma,
Que, a troco de tormentos,
A troco até da vida,
Propões aos passageiros que caminham
Pela estrada do amor? Monstro cruento,
De formas sedutoras,
Quem te pode evitar, se o rosto lindo
E a voz encantadora oculta instintos
De crueldade incrível?
Arranca de teu peito
Esse enigma e oferece-mo, que, em breve,
O teu feroz Édipo⁷²
Ao mundo dará paz, gozo e ventura!

⁷¹ Ver nota 4.

⁷² Ver nota 5.

LXXIII

Eu já não faço poesias
Ignoto Deo. Não sei,
Mas não me engano, se é certo
Que a mulher que eu procurava,
Que via em sonhos, achei.

*

Poeta da realidade
Há muito tempo que o sou;
Chame-lhe embora prosaica
O idealista – que importa?
É que ele nunca a alcançou.

*

Por que trabalha, e que busca?
Talvez o que em sonhos viu.
Como chama então prosaica
A realidade, se ainda
O que quer não conseguiu?

*⁷³

Quando ele, porém, um dia,
Os seus sonhos realizar,
Sonhos da moda, acredite
Que tais pieguices na lira
Nunca mais torna a cantar!

*

Eu falo por experiência:
Também meus sonhos cantei, →

⁷³ Em DIWAN, não há este asterisco, porque a estrofe seguinte vem em outra página.

Que eram como os da outra gente,
Só por ser moda; mas breve
Essas tolices deixei!

*

Quando o coração encontra
Coração que o compreendeu,
Adeus, loucos romantismos!
Tornado em verdade um sonho,
Torna-se a terra num céu!



LXXIV

Ora tu tens razão! Ter eu, mil vezes,
Estado junto a ti, em tantos bailes
Sem nunca te falar
D'amor, e vir para casa fazer versos,
Descrevendo a paixão que me devora,
É para admirar!

Isto em mim é um mistério. Se desejas
Sabê-lo, hás de fazer-me aqui protesto
De nunca o revelar.
Queres saber por que to eu digo em verso?
“Porque, escrevendo, minto-te à vontade,
Sem medo de corar!”⁷⁴

⁷⁴ Em DIWAN, este verso traz aspas de abertura no início.

LXXV

Aqui, junto deste espelho,
Foi que a vez primeira a vi;
Aqui, junto deste espelho,
Foi que o sossego perdi!

Desde então, nem um momento
Deixei de nela pensar;
Vejo-a em sonhos, acordado,⁷⁵
Como um gênio benfazejo,
No céu, na terra e no mar!
Mas o seu nome é um segredo;
Não mo venham perguntar.⁷⁶
O que está do mar no fundo,
Quem no pode ir lá buscar?
Só a ti o seu retrato,
Vou em segredo mostrar:
Vem vê-lo aqui, neste espelho:
Do que eu tenho na minha alma
Hás de uma cópia lá achar!
Não é tão linda? Tu coras?
Julgas que a não devo amar?
Embora! É sina. Quem pode
O seu destino evitar?

Como posso eu ter ventura,
Se o meu sossego perdi,
Quando junto deste espelho,
Pela vez primeira a vi?



⁷⁵ Talvez seja – “Vejo-a em sonho, acordado,” – pois o poema é isométrico, em versos de sete sílabas.

⁷⁶ Em DIWAN, o verso seguinte a este encontra-se no alto da página seguinte; não é possível saber com certeza se há, aqui, separação de estrofes.

LXXVI

Chegou a primavera! As galas surgem
Dos vales e campinas;
Vestem os bosques o albornoz de folhas,
Como o que, diz a Bíblia,
Trajava o pai Adão. Três vezes, salve,
Ó doce primavera!
Adoro o teu poder! Dás vida ao prado,
E lanças-lhes, sorrindo,
O kaftan de flores e verdura!
O rouxinol prantivo
Já descanta; e eu, se choro, é que em meu peito
Fez o amor seu ninho;
Chocou, teve os filhinhos e sustenta-os
Das lágrimas que tira
Aos olhos meus, ferindo-me no seio!
Se, ao menos, não chiassem!⁷⁷
Mas fizeram dos olhos meus gaiola;
E lá empoleirados
Descantam mil protestos de ternura
Às damas que os encaram!
Ai! vem, ó frio inverno! Só tu podes
Deitá-los daqui fora!

⁷⁷ Em DIWAN, o verso seguinte a este vem em outra página; não é possível determinar se, neste ponto, há divisão de estrofes.

LXXVII

Doce amiga, vem, ó morte;
Vem pôr termo à minha dor,
Pois que vivo só no mundo
Sem ninguém me ter amor.

Quando, envolto na mortalha,
À sepultura eu baixar,
Anjo, vai, por alta noite,
Na minha campa chorar.

Vai... É só quanto te peço;
Dos homens nada terei;
Mas tu lembra-te um momento
De mim, que tanto te amei.

Será para o mundo um mistério
A causa do meu sofrer;
Na vida, como na morte,
Não o hei de a ninguém dizer!

Mas tu, se à campa fores perguntar-lhe
Por que eu morri,
Do seu seio uma voz há de dizer-te:
“Morreu por ti!”



LXXVIII

Reconheces estas folhas,
Mirradas, murchas, sem cor?
Vês nelas algum mistério,
Algum vestígio de amor?

*

Não?! Pois olha que esta rosa
Foi de ti,
Que, há muito tempo, uma noite
Recebi.

*

Não te lembras? Esquecida!
Lembro-me eu,
Que nunca o que me dá gosto
Me esqueceu.

*

Pensa bem. Não te recordas?
Pois, se queres, to direi.
Foram tantas essas noites!
Qual delas foi? Ah! já sei.

*

Tu vinhas contente
Correndo para mim;⁷⁸
Beijando-me as faces,
Disseste-me assim:

*

⁷⁸ Leia-se: “Correndo p’ra mim”. O verso é pentassílabo.

“Já tinha saudades.
De mim não tens dó?”⁷⁹
Bateram, fugiste,
Deixaste-me só.

*

Depois voltaste, e uma rosa
No teu seio descobri;
Perguntei-te para quem era,⁸⁰
Respondeste-me: “É para ti.”⁸¹

*

Guardei-a
No peito,
Que, afeito
A sofrer,
Pulsava
Orgulhoso
Vaidoso
De a ter.

*

Murchou-se!
E que importa
Se é morta
Se não,
Se noites
Ditosas
Mais rosas
Me dão?

*

Já te lembras? Bem sabia
Que te havias de lembrar.
Assim também tu te lembres
De outras rosas mais me dar!



⁷⁹ Em DIWAN, este verso traz aspas de abertura no início.

⁸⁰ Leia-se: “Perguntei-te p’ra quem era”. O verso é setissílabo.

⁸¹ Leia-se: “Respondeste-me: “É p’ra ti.” O verso é setissílabo.

LXXIX

Eu tenho um amigo, bom moço que é ele,
Que a todos pertende⁸² inculcar-se um Saphy;
Mas diz mil finezas d'amor a uma dama,
Bem linda, que, em paga,
Do céptico ri!

*

Mas ri-se com gosto d'ouvi-lo, em tom sério,
Contínuo a dizer-lhe: "Eu não creio." – "Eu morri!"
Misérias da moda, que estraga os rapazes!
Eu cá tendi sempre
Para ser Amaury.⁸³

*

LUÍS! não te canses, que nada consegues
Por esse sistema, de que ela se ri.
Com essas tendências, se queres ganhá-la,
Melhor fazer deves
Papel de Antony!

⁸² Forma antiga do verbo "pretender".

⁸³ Leia-se: "P'ra ser Amaury." O verso é pentassílabo.

LXXX

Quando em morrer, o meu túmulo
Quero-o no fundo do mar.
Quero ouvir o meu responso
A natureza entoar,
Se eu ouvir então; e às ondas
Meus segredos confiar.
Quero ter o céu por loisa,
Nas estrelas o epitáfio,
Onde possas encontrar
A conta dos meus martírios,
E o número das lágrimas
Que me fizestes⁸⁴ chorar.
E quando eu morrer, meu túmulo
Quero-o no fundo do mar,
Para que os astros fulgindo,
Para que as vagas rugindo
De mim te façam lembrar!

⁸⁴ Deve ser “fizeste”. Em verso anterior, o poeta empregou a segunda pessoa do singular: “possas”.

LXXXI⁸⁵

Sentado sobre o cimo da montanha,
Em extasis⁸⁶ de amor, lá junto aos céus,
No rouco trovejar da tempestade
Eu ouço-te, ó meu Deus!

*

Escuto a tua voz meiga e piedosa
Na branda aspiração do fim do dia;
E no límpido arroio que saltita
Com múrmura harmonia!

*

No manto recamado com que adornas
O campo onde a sorrir passeia a lua;
No prado, que tapizam lindas flores,
Eu vejo a imagem tua!

*⁸⁷

No rijo embate de espumantes vagas,
Que ansiosas lutam num cruel gemer;
No medonho estampido da procela
Adoro o teu poder!

*

Eu ouço os hinos teus no som cadente
Da fonte, que borbulha entre o rosal, →

⁸⁵ Vide notas no fim. [Nota do autor, assinalada por asterisco entre parênteses junto ao algarismo romano e no rodapé.]

⁸⁶ Forma antiga (e latina) de “êxtase”. “Extasis” não consta do VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa.

⁸⁷ Em DIWAN, a estrofe subsequente vem no alto da página seguinte, e não há, neste ponto, o asterisco que separa as estrofes do poema.

Casando-se aos gorjeios da avezinha
No canto matinal!

*

Todos... todos te louvam e bendizem
Em cânticos, a terra, o mar e os céus!
E d'alma e coração, bem mais que o mundo,
Eu amo-te, ó meu Deus!...



LXXXII

Apraz-me a saudade,
Que a vida amargura;
Que não há ventura
Que a possa abrandar!...
– Apraz-me! – E só ela
Meus males minora,
Pois só vivo agora,
Dum vão recordar!

Volver ao passado
Meus olhos saudosos;
Ver dias ditosos,
Que outrora gozei!
Pensar no presente,
Ver só negras dores...
Ai! são dissabores
Que... tantos!... Nem sei!

Gostei de, alta noite,
Lá quando alva lua
Saudosa flutua
Num límpido céu;
Ou brame a tormenta
Na face das águas;
E a terra é de mágoas
Um tétrico véu;

Ir triste e sozinho,
Lá sobre os rochedos,
Contar meus segredos
Às ondas do mar;
E ouvir a tormenta,
Que, em roucos bramidos, →

Meus pobres gemidos
Parecia imitar!⁸⁸

Amava das ondas
O surdo tumulto;
Das penhas o vulto,
Sua triste mudez;
E as vagas gigantes,
Cobertas de espuma,
Correndo – uma a uma
Morrer a meus pés!

Gostei de ir nos bosques,
Em tristes endechas,
Soltar minhas queixas,
Cantar minha dor;
E ouvir, lá na encosta,
Da rola um gemido...
– Queixume sentido
De mágoas de amor!

Amei um céu puro,
Coberto de estrelas,
Fulgindo tão belas
À luz do luar;
E as aves na selva,
Cantando saudosas,
Em noites de rosas,
Fadadas para amar!⁸⁹

Amei!... E que importa,
Se é longe o passado?...
Não tenho a meu lado
Quem possa dizer:
“Não chores! Despreza
Teu louco receio;
Estou junto a teu seio,⁹⁰
Que podes temer?!”⁹¹

Ai! era um preságio!⁹²
Vim breve a perdê-la!
Se chamo por ela...
Não me ouve ninguém!... →

⁸⁸ “Parecia imitar!”: leia-se: “Parec’ imitar!” – o verso é pentassílabo.

⁸⁹ “Fadadas para amar!”: leia-se “Fadadas p’ra amar!” O poema é isométrico, com versos de cinco sílabas.

⁹⁰ “Estou junto a teu seio”: leia-se: “‘Stou junto a teu seio.”

⁹¹ Os últimos três versos trazem aspas de abertura no início.

⁹² Ver nota 7.

– Distante!... entre ferros,
Em vãs ansiedades,
Se sente saudades,
Eu sinto-as também!

LXXXIII

De que te serve esse pranto?
– De refrigério a uma dor;
Como serve o orvalho à rosa,
Que o sol ardente abrasara,
Para lhe mitigar o ardor!⁹³

⁹³ “Para lhe mitigar o ardor!”: leia-se “P’ra lhe mitigar o ardor!”

LXXXIV

Quando eu nasci, dobravam por finados
Os sinos da cidade. Ao mesmo tempo
Eu vinha ao mundo, e um outro o abandonava!
Enquanto aqui ao céu se davam graças,
Além se entoava um último responso!
 Que triste mundo este!
O tempo foge mais veloz que o vento;
A primavera passa e chega o inverno!
Murcha a flor que brotara na campina;
As folhas do carvalho amarelecem;
O gelo cobre o cimo das montanhas;
E o frio impera onde existira a calma!
 Assim se passa a vida.
A mocidade é fumo, e da velhice
Vem a neve coroar-nos. Róseas faces
Enrugam-se ao soprar do norte agudo⁹⁴
Da idade; e a morte vem com mão de ferro
 Abrir-nos o sepulcro!
E acabou-se! Lá segue-se um mistério,
 Um escuro logogrifo,
De que apenas se pode achar conceito
 Chegando à Eternidade!

⁹⁴ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

LXXXV

Pois tu inda pensas
Que a vida é de rosas?
São crenças formosas;
Mas tens que sofrer!
Não vês que a serpente
Se enrosca nas flores?
Na vida, há mil dores,
Após um prazer!

LXXXVI

Oh! minha idealidade,
Minha crença, meu sonho e minha esperança,⁹⁵
Preguiça idolatrada!
Vem; eu quero fazer-te a apoteose
Em versos retumbantes.
“Tu és a doce, a amável companheira
Dos meus mais belos dias;
A ti devo os melhores da existência,
E as únicas saudades
Que tenho do passado!
Tu és a sócia amiga, inseparável
Das minhas horas d’ócio,
No regaço da qual tenho passado
Momentos inefáveis⁹⁶
De delicioso KEF!
Devo-te horas dulcíssimas d’encanto,
Quais não goza madraço *lazzaroni*,
Nos gozos embebido
Do seu *dolce far niente!*”⁹⁷ Amo-te muito.
Escuta as minhas súplicas
E vem. Quero tecer-te áureo diadema,
E no teu casto seio
A fronte reclinar. Ah! Vem... não tardes...
Apressa-te! Ei-la... e...⁹⁸

⁹⁵ “Minha crença, meu sonho e minha esperança,”: leia-se “Minha crença, meu sonho e minh’ esp’rança,” o poema está composto em versos decassílabos e seu quebrado, de seis sílabas.

⁹⁶ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

⁹⁷ *far niente!*] *farniente!*” – em DIWAN. Nessa edição todos os versos entre as aspas de abertura e as de fechamento trazem aspas de abertura no início.

⁹⁸ Apressa-te! Ei-la... e...] Apressa-te! Ei-la.... e.... – em DIWAN.

LXXXVII

Que tolice! Perguntas ao suspiro,
“Que sente o coração donde saiu”
 Como que possa o peixe,
Pelas ondas às praias arrojado,
Dizer o que no fundo do mar viu!

LXXXVIII

Ai! Santo Deus! que lamúria!
Tem mais cuidado com isso,
Pois, se vais nesse chorar,
Podes causar um dilúvio,
E toda a gente afogar!
Se um dique não pões depressa
A essas duas catadupas,
Adeus, mundo! Eu, à cautela,
Vou na arca do meu peito
O meu amor encerrar.
Ao menos, esta família
Não se há de assim acabar;
E eu, com a ajuda de Deus,
Espero que hei de escapar.
Essa tormenta desfaz-se...⁹⁹
Soltarei uma pombinha,
Quando o chuvaireiro passar;
E estou certo que um bilhete
Me hás de por ela mandar
Para um pacto d’aliança,
Que podemos já formar:
“Seja um beijo o arco-íris,
E escusas mais de chorar!”¹⁰⁰

⁹⁹ desfaz-se...] desfaz-se.... – em DIWAN (nessa edição, o verso subsequente encontra-se no alto da página seguinte; não é possível saber se há, neste ponto, separação de estrofes).

¹⁰⁰ Em DIWAN, as aspas de fechamento vêm no início do verso.

LXXXIX

A vida é o dia calmoso.
A morte é a noite sombria.
– É sol-posto... As sombras descem...
Tenho sono... Adeus, MARIA!

XL

Tu não sabes por que eu canto?
– “Ouvi nos bosques sombrios,
O rouxinol descantar;
E o vento, na harpa eólia
Da floresta, modular
Cantos de vaga harmonia;
E a tutinegra, a sombria
Doces cantos entoar.
– “Ouvi a voz da tormenta
Casar-se ao rugir das vagas
Nas ermas praias do mar,
E o álcion espavorido,
Como o gênio da tormenta,
Tétricos cantos soltar!¹⁰¹
– “E eu, que tinha na alma um eco
Que aos seus cantos respondia,
Reproduzindo-o em poesia
Qui-los também imitar!

¹⁰¹ Em DIWAN, o verso subsequente vem no alto da página seguinte; não é possível saber com certeza se há, aqui, divisão de estrofes.

XCI

Hei de contar meus tormentos
Ao vento, às aves e ao mar,
Para que nunca os meus gemidos¹⁰²
Possas deixar de escutar.

Hei de na terra escrevê-los;
Nos céus os hei de gravar,
Para que os possas à noite
Nas estrelas soletrar;
Para que os vejas na rua
Quando fores passear.

¹⁰² “Para que nunca os meus gemidos”: leia-se “P’ra que nunca os meus gemidos” – o verso é setissílabo.

XCII

Uma lágrima!? Bem-vinda
Sejas tu, sócia da dor.
Tens minha alma acompanhado,
Nos seus íntimos pesares,
Nos seus tormentos d'amor,
Não deves desampará-la
Neste momento! Isolada,
Cheia de calma, fenece,
Privada do orgulho, a flor,
Que na campina, sozinha
Sofrera do sol o ardor.
Bem-vinda, amiga, bem-vinda!
Vem mitigar minha dor!

XCIII

Perdida! embora perdida,
Não quero tornar-te a ver.
Este amor que eu sinto na alma,
Se é que é amor, está a morrer,
À minguá dos teus carinhos;
Mas não tos quero! Valer,
Já nada lhe vale! É tarde!
Nem na terra há medicina
Que me possa guarecer
Desta ferida. Já foi tempo
Em que podiam teus beijos
Algum efeito fazer!
Hoje, não; que o amor que eu tinha,
Ou morreu, ou está a morrer!
Perdida! embora perdida,
Não quero tornar-te a ver!

XCIV

Negras sombras do futuro,
Quem vos pode dissipar?
É débil a luz da esperança
Para as poder penetrar.
Essas trevas pavorosas
Que a alma enlutam, só à morte
Em luz é dado tornar:
Luz radiosa de glória,
Glória d'amor e ventura,
Que a morte só sabe dar!
Àquele¹⁰³ que o bem merece
É a campa um Capitólio
Aonde a vida o vai levar...
Uma auréola celeste¹⁰⁴
Lhe vai a fronte adornar...
Aos outros é noite escura,
Negra noite sem luar,
Onde a vista só depara
Densas trevas pavorosas,
Que não pode dissipar!

¹⁰³ Àquele] À aquele – em DIWAN.

¹⁰⁴ Em DIWAN, o verso seguinte vem em outra página. Certamente, aqui, não há separação de estrofes.

XCV

O que é a vida sem crenças?
É uma harpa sem acordes;
É um ai num cemitério!
É uma vaga sem praias;
É uma ave sem pouso;
É uma dor sem refrigério!

XCVI

Era no mar, sobre as rochas,
Em que a gôndola se abriu:
“Que me dás?” –¹⁰⁵ Dou-te esta trança. –
E o barqueiro repetiu:
“Que me dás?” – Este anel d’ouro. –
E o gondoleiro sorriu.

*

E o mar alto e furioso
Em torno às rochas bramiu:
“Que me dás?”¹⁰⁶ – Os meus tesouros. –¹⁰⁷
E o barqueiro repetiu:
“Que me dás?” – Eu dou-te um beijo. –¹⁰⁸
E o gondoleiro sorriu.

*

E de beijos fronte e rosto,
Boca e seio lhe cobriu.
“Que me dás?”¹⁰⁹ – Que mais desejas? –¹¹⁰
E o barqueiro repetiu:
“Minha?”¹¹¹ – Tua! – E neste instante,
Uma onda os confundiu!

¹⁰⁵ “Que me dás?” –] “Que me dás? –” – (com dois travessões) – em DIWAN. Uniformizamos a sinalização do diálogo ao longo do poema da forma que julgamos ser a mais razoável.

¹⁰⁶ Sem aspas de fechamento, aqui. Em DIWAN, neste verso, as aspas só se fecham no fim da linha.

¹⁰⁷ – Os meus tesouros. –] – Os meus tesouros.” (com aspas no lugar do travessão) – em DIWAN.

¹⁰⁸ – Eu dou-te um beijo. –] – Eu dou-te um beijo.” (com aspas no lugar do travessão) – em DIWAN.

¹⁰⁹ “Que me dás?”] “Que me dás? (sem as aspas de fechamento) – em DIWAN.

¹¹⁰ – Que mais desejas? –] – Que mais desejas?” (com aspas no lugar do travessão) – em DIWAN.

¹¹¹ “Minha?”] “Minha? (sem as aspas de fechamento) – em DIWAN.

XCVII

Quando leres estes versos,
Não rias do pobre autor,
Que te ris dum desgraçado,
Dum mártir do teu amor,
Que faz versos para alívio!...
Tu bem sabes quantas vezes
O sorriso oculta a dor!

XCVIII

Eu nunca tive saudades,
Ou não sei o que elas são;
Mas, ao menos, não me lembro
Com pesar, ou com tristeza,
Dos tempos que longe vão.

*

É singular! Toda a gente
Me fala do que sentiu
Com pesar de novamente
Não sentir; e ter agora
O que, há muito, lhe fugiu!

*

Só eu olho o meu passado
Sem desejos, nem pesar.
Não vejo nele venturas,
Que hoje não tenha; nem mágoas
Que precise de buscar.

*

De que serve à rosa o orvalho
Que no cálix recebeu,
Se lhe não dá refrigério
Quanto a cresta o sol ardente?
– Tal qual a rosa, sou eu.

*

De que serve a relembração
Daquilo que se gozou,
Se nada vale o desejo, →

Nem a lembrança? Que importa
Aquilo que já passou?

*

Eu não me canso, nem creio
Que o valha a pena o prazer.
O que eu gozei – não me importa;
O que sofri – já vai longe,
Para que possa volver.

*

O meu passado é o presente:
Tenho hoje o mesmo que então,
Se bem me lembro. O que é certo,¹¹²
É que eu não tenho saudades
Dos tempos que longe vão.

¹¹² certo,] certo. – em DIWAN.

XCIX

Quem mais fala d'amor menos o sente;
E quem mais sente amor é que o não diz.
Assim é o coração:
Vazio, tem desejos; cheio, é mudo.
E esta é a razão,
Por que fala em ventura o que a não goza;
Mas nunca o que é feliz!

C

Vivo tão triste, e cativo
Dos olhos teus, que não vivo,
Ou não vive o coração,
Pois, dos teus olhos ferido,
Tem tanto sangue vertido,
Que eu nem sei se vive ou não.
E mais teus olhos são belos,
E tanto que eu, só de vê-los,
Senti perdida a razão;
Perdida, sim, por amar-te,
Pois, sem amar-te, perdida,
Bem tinha eu de ver a vida,
E perdido o coração,
Que, magoado de deixar-te,
E dos olhos teus ferido,
Tem tanto sangue vertido,
Que eu nem sei se vive ou não!

CI

À hora em que o sol se esconde,
À hora final do dia;
Um consolo, aos céus, aos mares,
Sobre a praia, em vão, pedia!

E cansado, e sem esperança¹¹³
De um alívio à minha sorte,
Ao acaso, sobre a areia,
Chorando, pus: – *Só a morte!*

Era a única ventura
Que eu na terra apetecia;
Nem outra estrela, entre as trevas
Do meu coração, fulgia.

Mas uma vaga, ligeira
À praia veio correndo,
E uma sílaba apagando
Do que eu estava escrevendo,

Em lugar dum pensamento
Funéreo, e cheio de dor,
Deixou ver, à luz da esperança,¹¹⁴
As palavras: – *Só amor...*¹¹⁵

¹¹³ “E cansado, e sem esperança”: leia-se “E cansado e sem esp’rança” – o poema é isométrico, e todos os versos têm sete sílabas.

¹¹⁴ “Deixou ver, à luz da esperança,”: leia-se “Deixou ver, à luz da esp’rança,” – o poema é isométrico, e todos os versos têm sete sílabas.

¹¹⁵ As palavras: – *Só amor...*] Às palavras: – *Só amor..* – em DIWAN.

CII

É o corpo uma semente
Da existência ao sol secada,
E que é à terra lançada
Para nos céus frutificar,¹¹⁶
Se o sol na eira do mundo
Lhe deu o gérmen da vida;
Porque, sem ele, perdida,
Tem de na terra ficar
Estéril e apodrecida,
Para em terra se tornar!

¹¹⁶ “Para nos céus frutificar”: leia-se “P’ra nos céus frutificar,” – o poema é isométrico, e todos os versos têm sete sílabas.

CIII

Oh! minha adega, meu harém querido,
Oh! doce asilo, salve!
Eu venho em teu remanso
Buscar a paz, ao coração dar vida
E animação à mente!
A mim somente é dado
Gozar os teus encantos, e delícias!
Queridas odaliscas,
Sultanas e cadinas!
Erguei os véus...¹¹⁷ Ah! quanto sois formosas,
Amigas minhas todas!
Amável Malvasia,
Vem, eu quero morrer embriagado
Com o néctar dos teus beijos!
Vem, minha favorita,¹¹⁸
Ó *Hayati* mimosa, ó meu Champagne!
Eu venho sequioso
E quero saciar-me
Dos beijos teus, querida! Assim...¹¹⁹ mais outro...
E tu dá-me outro agora,
E outro...¹²⁰ Ah! vem, meu Porto,
Sultana-Validé, quero abraçar-te!...¹²¹
Os teus cabelos brancos
São para mim delícias,
São gozos inefáveis! Não me fujas!
Eu quero-te assim mesmo;
Viver quero contigo,
E contigo morrer unido¹²² aos lábios! →

¹¹⁷ Erguei os véus...] Erguei os véus.... – em DIWAN.

¹¹⁸ Em DIWAN, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte. Aqui não há divisão de estrofes.

¹¹⁹ Assim...] Assim.... – em DIWAN.

¹²⁰ E outro...] E outro.... em DIWAN.

¹²¹ abraçar-te!...] abraçar-te!.... – em DIWAN.

¹²² unido] unida – em DIWAN.

Oh! deliciosa adega...¹²³
Tu és o Paraíso
Pelo Profeta aos crentes prometido!
Adeus, huris formosas,
Xerez e Malvasia,
Champagne e Porto, adeus! Eu volto em breve,
Que o coração não pode
Por mais tempo sofrer tantas saudades!

¹²³ adega...] adega.... – em DIWAN.

CIV

Queres amor infinito?!
Não creio. Pois podes querer,
Uma tormenta infinita,
Um eterno padecer?

Queres sempre o sol intenso?
Não sabes que abrasa a flor;
Que, se não houvesse a noite,
Morria tudo ao calor?...¹²⁴

É tão bom, depois da calma,¹²⁵
Gozar da noite o frescor!
Tu bem sabes que os arrufos
São sempre belos no amor!

Vem depois do dia a noite,
O dia após esta vem;
Que a mudança agrade a todos,
Não levo a mal a ninguém;

Mas que tu só queiras calma,
Que só te agrade o calor,
Isso, hás de ter paciência,
É tolice e não amor!

¹²⁴ calor?...] calor?.. – em DIWAN.

¹²⁵ calma,] calma . – em DIWAN (talvez fosse “calma..”, que atualizaríamos para “calma...”).

CV

Ciúmes do que eu penso!? Ai! Santo Deus!
Pois tu queres fazer um monopólio
De quanto eu penso e sente o coração?!
Pois olha: põe teus lábios sobre os meus;
Bebe neles minha alma, e desde então
Todos meus pensamentos serão teus.

CVI

Eu estava, ontem de tarde, a ler o *Fausto*,
Deitado num sofá,
Quando senti abrir-se a porta e, rindo,
Entrar o diabo. “Olá!
Por aqui, é milagre!” – Mal tu sabes
O que eu venho pedir. –
“Não; decerto. Vejamos.” – É uma Bíblia. –
E desatou a rir...
“Uma Bíblia?!” disse eu. – E então, que pensas?
Não serei eu capaz
De a ler? Não ‘pode haver um literato
Chamado Satanás? –
“Pode. Aí tens... Mas que buscas?” – Eu to digo:
Estive, há pouco, a ler
O *Paraíso* de Milton, e há lá histórias¹²⁶
Que eu não posso saber
Onde as fosse buscar. Conta lá coisas
De mim, que nem eu sei;
E venho ver então se nesta Bíblia
Acaso as acharei. –
“Duvido.”¹²⁷ – E tu que lês? – “O *Fausto*.”¹²⁸ – O Goethe!
Esse foi mais ratão.
Ao menos, teve graça. O Mefistófeles
É um grande maganão.
O Fausto é que era um parvo. – “Assim há muitos!”
– E tu também o és. –
“Obrigado.” – E assentou-se folheando
Os Livros de Moisés.

Passado tempo, volto-me, e, que vejo!
Deitado sobre o chão →

¹²⁶ Em DIWAN, o verso subsequente a este vem no alto da página seguinte. Aqui não há divisão de estrofes.

¹²⁷ “Duvido.”] “Duvido ” – em DIWAN.

¹²⁸ “O *Fausto*.”] “O *Fausto* ” – em DIWAN.

O bom do Satanás, que adormecera
A ler o Salomão!...



CVII

Quando se extinga esta vida,
Já que ela tem de acabar,
Mandem com toda a cautela,
Embora sem envoltório,
Meu corpo à campa deitar.

—

Imagem que é uma obra,¹²⁹
Cujá edição se esgotou,
De que só resta um volume,
Que o autor, com mil cuidados,
Na sua estante guardou.

—

Mas não me chores. Essa obra,¹³⁰
Que apenas lembra ao leitor,
Há de aparecer inda um dia,¹³¹
Em nova edição, correta
E revista pelo autor!

¹²⁹ “Imagem que é uma obra,”: leia-se “Imagem que é um’ obra” – o verso é setissílabo.

¹³⁰ “Mas não me chores. Essa obra,”: leia-se “Mas não me chores. Ess’ obra,” – o verso é setissílabo.

¹³¹ “Há de aparecer inda um dia,” – este verso tem oito sílabas. Leitura sugerida: “Há de ap’recer inda um dia”.

CVIII

Tu pensas que eu estou cético?¹³²
Enganas-te; e contigo
Enganam-se os que dizem
Que eu já não posso amar.
Mentira! Eu sinto o mesmo...¹³³
Lá o dizer nuns versos
Que já não sinto... é peta,
E peta tão vulgar,
Que não há aí poeta¹³⁴
Que a não repita, e mente
Como eu menti! Mas choras?!
Por quê? Por esses versos?
Não chores, não, louquinha
Que eu fi-los a brincar!

¹³² “Tu pensas que eu estou cético?”: leia-se “Tu pensas que estou cético?” – todo o poema é isossilábico, com versos de seis sílabas.

¹³³ mesmo...] mesmo.... – em DIWAN.

¹³⁴ “Que não há aí poeta”: leia-se “Que não há í poeta” – todo o poema é isossilábico, com versos de seis sílabas. Essa solução nos parece melhor do que reduzir “poeta” a duas sílabas.

CIX

Ai! não me deixes, não! Sem ti, perdido,
Nas solidões do mundo,
Que seria de mi, louco de amores
E cheio de saudades,
Sem as poder matar? – Ao pobre nauta
Perdido no mar alto,
Quem lhe vale é nos céus a luz de esperança!¹³⁵

*

Ai! não me deixes, não! Perca-te, embora,
Se tenho de perder-te,
Mas quando o coração, de amar cansado,
Já não sentir prazeres.
Agora, não; que ainda meu peito sente¹³⁶
A sede abrasadora
De deleites, que tu só dar-lhe podes!¹³⁷

*

Ai! não me deixes, não, que a vida é triste,
Sem gozos, nem ventura!
Tu és para mim o kata do deserto,
Que alma a saciar-se
Me conduzes à fonte dos prazeres!
Viva longe do que ama
Quem pode, que eu, sem ti, viver não posso!

*

¹³⁵ “Quem lhe vale é nos céus a luz de esperança!”: leia-se “Quem lhe vale é nos céus a luz de esp’rança!” – o poema está composto em versos decassílabos combinados com seu quebrado (hexassílabo).

¹³⁶ “Agora não; que ainda meu peito sente”: leia-se “Agora não; qu’ inda meu peito sente”.

¹³⁷ Decassílabo de influência da lírica provençal, com acentos na 3^a, na 7^a e na 10^a sílabas.

Porém, se queres, vai! Não te atormentes
Com a ideia de deixar-me
Abandonado e só! Vai! Deus te guie...¹³⁸
Porém, quando voltares,
Só te peço que vás sobre o meu túmulo
Deitar-me algumas flores,
E, em paga deste amor que te consagro,
Rezar-me um “*Pater-noster!*”



¹³⁸ Deus te guie...] Deus te guie.... – em DIWAN.

CX

Acabo de ler Byron. Que saudades
Senti da minha aldeia! Transportado
Me achei àquele¹³⁹ monte, onde ela, às tardes,
Pastava o seu rebanho...
Passemos o regato... Aqui subamos...¹⁴⁰
Agora há uma clareira... ao lado esquerdo
Ficam dous castanheiros.
Bem! Agora paremos.
“Foi aqui. Neste sítio havia um choupo,
E à sombra dele, em tardes deleitosas,
Passei horas d’amor nos braços dela!
Além poisava o rouxinol, que vinha,
Iludido, cantar às lindas rosas
Do jardim do seu rosto. Aquém¹⁴¹ pastava,¹⁴²
Por entre os azinhais, o manso gado.
Aqui, em seu regaço
Recostado, lhe ouvi uns lindos versos
Que nunca me esqueceram.
Deu-me um beijo a sorrir, e a rir me disse:

“Meus olhos estão tão afeitos¹⁴³
A namorarem os teus,
Que, de tanto confundidos,
Nem já sei quais são os meus.”

E um beijo, e beijos mil se lhe seguiram,
Em estreitado abraço!...¹⁴⁴

¹³⁹ àquele] à aquele – em DIWAN.

¹⁴⁰ Aqui subamos...] Aqui subamos.... – em DIWAN.

¹⁴¹ Aquém] Áquem – em DIWAN.

¹⁴² Em DIWAN, o verso subsequente vem no alto da página seguinte. Aqui não há separação de estrofes.

¹⁴³ “Meus olhos estão tão afeitos”: leia-se “Meus olhos ’stão tão afeitos”. Os versos desta quadra são setissílabos.

¹⁴⁴ abraço!...] abraço!.... – em DIWAN. Todos os versos, desde a abertura das aspas, as trazem (aspas de abertura) no início; aqui elas deveriam ser fechadas (mas não se fecham...).

Oh! Byron, se esses versos te dissessem
Uns lábios adorados!!...¹⁴⁵



¹⁴⁵ adorados!!...] adorados!!.. – em DIWAN.

CXI

Aí tens, amigo, os meus primeiros versos,
Num livro coligidos.
Não sei que me recordam
Destas folhas do outono sem verdura
Que mal o choupo vestem;
O choupo que, ao que busca um grato asilo
À calma abrasadora,
Já dar não pode abrigo!
Não busques no meu livro um refrigerio
Às mágoas da existência;
Achar somente aí podes¹⁴⁶
O riso do prazer, o rir do gozo
Que o coração aprende
Na posse da ventura que encontrara,
E que buscava há muito!¹⁴⁷
Não sabes que a poesia
Só se encontra onde há dor, onde há saudades,
E eu nada disso sofro?
Vai ler antes Petrarca,
Que o Petrarca sofreu mágoas imensas;
E deixa que estas folhas,
Queimadas pelo sol de uma saudade,
Meu leito extremo cubram.
Não tenho outra ambição: junto ao meu corpo
Só quero ter as cinzas adoradas
Do que na vida amara; →

¹⁴⁶ “Achar somente aí podes”: leia-se “Achar soment’ i podes” – o poema está composto em versos decassílabos combinados com o seu quebrado (hexassílabo).

¹⁴⁷ Em DIWAN, o verso subsequente encontra-se no alto da página seguinte; não é possível determinar se há ou não divisão de estrofes neste ponto.

E este livro é o meu cofre, é o meu tesouro,
Onde reunidas todas
Estão minhas venturas!



NOTAS

Depois de escritos e impressos esses poucos versos que aí ficam, entendi dever acompanhar vários deles com notas explicativas, porque, na verdade, em alguns há um tanto de enigmático e obscuro. Aí vão, pois, as que julguei necessárias. O número romano corresponde a uma poesia com igual número.

I

“Eis-me poeta... etc.”¹⁴⁸

Estes versos são talvez a reminiscência doutros melhor inspirados, que se leem no *Diwan* de Beheschty, poeta turco de grande reputação. Para descargo de consciência, aí vão tais quais:

“Ó Beheschty! tu tens-te elogiado muito nos teus versos. É expores-te à crítica dos espíritos malévolos! Fica-te bem, porventura, tomar a lira e erigires-te em poeta, quando Djamy e Neway nos fazem ouvir seus cantos harmoniosos? Um e o outro, como dous rouxinóis enamorados, fazem pulsar nossos corações com a mais doce emoção. E tu, corvo mesquinho, quais são as tuas pretensões? Serás tão louco e imprudente que queiras pôr-te ao lado deles? Dirás tu, porém, que os homens indulgentes toleram, às vezes, a lisonja e a jactância quando têm por objeto facilitar a venda duma mercadoria medíocre. Que inconveniente há, pois, em que um vendedor de quincalharias, para atrair fregueses, chame topázios e rubis aos seus cristais coloridos?”¹⁴⁹

Eu creio, como não sei que escritor, que – *bien emprunter n'est pas voler*. Que, agora, digam o que quiserem os críticos.

¹⁴⁸ “Eis-me poeta... etc.”] “Eis-me poeta.... etc. – em DIWAN.

¹⁴⁹ Em DIWAN, entre a abertura e o fechamento de aspas, todas as linhas trazem aspas de abertura no início e aspas de fechamento no fim de todas elas.

IV

“Amor! quem sabe etc.”¹⁵⁰

Quem não sabe que a Sphinx era aquele monstro do Egito, que devorava os passageiros que lhe não decifravam os enigmas que lhes propunha, e que foi Édipo o que, decifrando-os, a pôde matar, como estava predito?

VI

“A vida é assim...”¹⁵¹

Há nestes versos uma verdade, que todos, os que escrevem versos, podem confirmar, digam o que disserem os sentimentalistas. O sentimento apregoado em verso é um passaporte dado ao leitor para o reino da incredulidade; que me perdoem o estilo os manes da *Fênix renascida*. Eu creio que nunca se pode exprimir o que se sente. “Há tanta distância daquilo que se sente ao que se escreve, disse Lamartine, como da alma às vinte e quatro letras¹⁵² do alfabeto.”¹⁵³ E é assim. No momento em que estamos sob uma impressão dolorosa, ou mesmo d’alegria, as palavras que buscamos e as que ele nos sugere são fracas, impotentes e incapazes de traduzir o que sente o coração. Quem há aí que não sinta diariamente a verdade do que afirmo? Podem negá-lo aqueles que pertendem¹⁵⁴ fazer passar os seus versos como sentidos e filhos do coração; mas, digo-lho eu alto e bem claro, é uma ridícula pretensão. Que os creiam as mulheres, que são quem sempre é burlado e perde nestas cousas, *transeat*; mas os homens, e os que escrevem!...

Passado esse momento, quando o sentimento se torna mais uma recordação do que impressão que era, então, sim, que se escreve e com sentimento mas com um sentimento de reflexão, com um sentimento-eco, se é lícito dizer-se. Esse mesmo, porém, é raro. Digam o que quiserem; eu tenho esta convicção, que nada, se Deus quiser, há de tirar-me.

E tudo isto a propósito duns versos! Às vezes assim é preciso.

¹⁵⁰ “Amor! quem sabe etc.”] Amor! quem sabe etc. – em DIWAN.

¹⁵¹ “A vida é assim...”] “A vida é assim....” –em DIWAN.

¹⁵² letras] letra – em DIWAN.

¹⁵³ Em DIWAN, todas as linhas, entre as aspas de abertura e as de fechamento, trazem aspas de abertura no início.

¹⁵⁴ Ver nota 82.

XV

“Gosto de estar etc...”¹⁵⁵

Quem não conhece a fonte de Vaucluse, junto da qual vinha buscar inspirações o apaixonado cantor da *diva Laura*? Quem não viu ainda aquela poética descrição da Niágara, feita pelo autor dos *Souvenirs d’Amérique*? Quem não leu, em francês, que na tradução recomendo que a não leiam, aquela linda novela de Chactas e Atala?

Só quem não conhece os divinos versos de Petrarca, e a bela prosa de Chateaubriand.

XVII

“Não chores...”¹⁵⁶

Zuleikha é o nome da *Noiva de Abidos* de Byron; e Zelim é o do seu amante, que morreu afogado no Helesponto.¹⁵⁷

Natércia, era, segundo dizem, D. Catarina d’Ataíde, de quem Camões estava apaixonado, e a quem, enquanto vivo, dedicou versos sentidíssimos.

Beatriz era a filha de el-rei D. Manuel, que casou com o duque de Saboia, e de quem Bernardim Ribeiro estava apaixonado.

XIX

“Hei de amar-te etc.”¹⁵⁸

Este pensamento é talvez o de Abuyezid, num quarteto citado por Hadj-Lotfali-Beg no seu *Atesch-Kedeh*:

“É preciso, diz ele à sua bela, que eu te fale, em duas palavras, do meu amor:

Seguir-me-á na noite do túmulo; e no dia em que os homens têm de comparecer ante o juiz eterno, ressuscitará comigo.”¹⁵⁹

¹⁵⁵ “Gosto de estar etc...”] “Gosto de estar...” – em DIWAN.

¹⁵⁶ “Não chores...”] “Não chores...” – em DIWAN.

¹⁵⁷ Helesponto.] Holesponto. – em DIWAN.

¹⁵⁸ “Hei de amar-te etc.”] “Hei de amar-te etc. – em DIWAN.

¹⁵⁹ Em DIWAN, todas as linhas, entre as aspas de abertura e as de fechamento, trazem aspas de abertura no início.

Será o mesmo? Eu chamo-lhe imitação, e essa, como diz Houdry, não é uma usurpação, mas uma semelhança. É a melhor apologia possível do plagiato.

XXIII

“Não creias etc.”¹⁶⁰

Que me perdoem os puristas de linguagem este – Ágora –. Está aí, escrevi-o de propósito, na acepção em que se usa no Minho geralmente, e que eu não posso, nem ninguém, expressar claramente doutro modo. Expliquem-me, se podem, por outras palavras, este exemplo:

“Não sabes? Morreu fulano.

– Ágora!?...¹⁶¹

Que quererá dizer? – Que me dizes?! – Pois isso é verdade?! – Mas é que a sua aplicação é mais ampla ainda.

“Estás dormindo?

– Ágora estou!...¹⁶²

E outras muitas, que, comparadas, fazem uma Babilônia de acepções e sentidos, em que será difícil achar uma ideia exata. Faria eu mal em empregar o termo? Pensem o que quiserem; eu creio que fiz muito bem.

XXIV

Os primeiros versos desta poesia são uma quase imitação¹⁶³ de Emry, poeta turco, de quem é o seguinte *beyt* (dístico):

“Que fazes tu neste mundo sem amigos?

Podes passear num jardim onde não há uma rosa?”¹⁶⁴

XXVIII

“Podes abrir...”¹⁶⁵

Ainda nestes versos um pensamento tirado aos poetas do Oriente. “Uma vez que esta desdenhosa bela se inclina para os meus rivais, cessarei de amá-la. Para que hei de

¹⁶⁰ “Não creias etc.”] “Não creias etc. – em DIWAN.

¹⁶¹ – Ágora!?...] – Ágora!?! – em DIWAN.

¹⁶² – Ágora estou!...] – Ágora estou!.. – em DIWAN.

¹⁶³ imitação] imitação – em DIWAN.

¹⁶⁴ Em DIWAN, depois das aspas iniciais, todas as linhas trazem aspas de abertura no início.

¹⁶⁵ “Podes abrir...”] “Podes abrir...” – em DIWAN.

eu ser a borboleta dum facho que prodigaliza a sua luz aos outros?”¹⁶⁶ – São estas as palavras do elegante e melodioso príncipe Helali, poeta persa, que imitei.

XXX

“É este o sítio em que...”¹⁶⁷

Há talvez nestes poucos versos um sentimento de saudade mal disfarçada pela forma em que se envolve. Há, que mo disse alguém, que em objetos de sentimento é mestre: uma mulher, que, ao coração de mulher, reúne um espírito cultivado e poético. Estaria ela enganada como eu?

XXXIII

“Não leias mais romances...”¹⁶⁸

Estes versos parecerão à primeira vista demasiado severos; mas é que não são extensivos a todas as leitoras. Para melhor se lhe compreender o alcance, vou copiar aqui uma carta, que, para conjurar a tempestade, escrevi a uma amiga minha:

Minha querida * * * *

.....
“Quando leres o meu *Diwan* e chegares à poesia XXXIII, se a primeira te não faltar demasiado, o que Deus não permita, hás de, talvez, lançar-me o teu *anathema*. O que, porém, é mais aterrador para o pobre autor do livro, é a *magna comitante caterva* de esconjuras, que, decerto, hás de com o teu almiré acarretar sobre ele; que o teu fácil lhe é conseguir que se converta em clemência.

Aqueles versos, não se entendem com aquelas, que, como tu, minha boa amiga, fazem uma bela e rigorosa escolha de livros, e, sobretudo, de romances. A mulher que avalia e compreende as belezas poéticas da Bíblia, que lê Kempis e Roselly de Lorgues; que à leitura do nosso Herculano e Garrett,¹⁶⁹ reúne a de Zorrilla e Espronceda; que decora páginas de Camões e do Tasso, e me repete os mais sentidos versos de Petrarca, não pode chamar-se uma leitora de romances. Felizes todos nós os que frequentamos a sociedade se sempre encontrássemos mulheres modestas e despretensiosas como tu, se me dás licença de te fazer este elogio. Encontro-as, às vezes, tão ridiculamente pretenciosas, que me fazem lembrar aquela célebre receita, que Bresciano aplica às

¹⁶⁶ Em DIWAN, desde as aspas iniciais, até o fechamento delas, todas as linhas trazem aspas de abertura no início e de fechamento no final.

¹⁶⁷ “É este o sítio em que...”] “É este o sítio em que...” – em DIWAN.

¹⁶⁸ “Não leias mais romances...”] “Não leias mais romances...” – em DIWAN.

¹⁶⁹ Garrett,] Garret, – em DIWAN.

damas italianas que manchavam a sua com a língua francesa.¹⁷⁰ Tu mesma, minha boa., que tanto tens ridicularizado essas *bas-bleus*,¹⁷¹ és da minha opinião. As que têm uma boa leitura, as que estudam têm uma conversa agradável e até instrutiva, de que, não raras vezes, se colhe proveito, porque, hás de permitir-me que to diga, a mulher verdadeiramente literata tem duplicado mérito que muitos homens de letras que por aí vejo, como * * para não ir mais longe.

Peço-te, pois, que não tomes esses versos senão como apropriados à Júlia C. ... e outras como ela, que o romance tem perdido, e que não podem tolerar-se com as suas listas de autores de novelas e de quantos livrinhos franceses há por aí sem mérito nenhum, senão o da imoralidade...¹⁷²

Remeto-te o Herder, que me pediste; mas recomendo-te que o leias com precaução, pois que as suas ideias a respeito da divindade dos nossos livros sagrados não são nada conformes às entre nós seguidas, como verás comparando-o com o J. Glaire.

Hoje vamos ter o *Thaumaturgo* do Brás Martins. Se quiseses dar-nos o prazer da tua companhia, manda-mo dizer; e crê-me

Teu etc. etc.”¹⁷³

Infelizmente há poucas neste caso. A nossa literatura podia ganhar muito, se algumas que eu conheço se dedicassem ao estudo, em vez de se entregarem à leitura dos romances, com que elas sempre perdem e nada ganham. E é que a maior desgraça é não darem valor a um romance moral e civilizador, porque, dizem elas, é *fóssil*!...

XXXV

“Eu li uns versos meus etc.”¹⁷⁴

Alguém me criminou já de cinismo nestes versos. À fé, que são a realidade. Sucede o mesmo a todos. Ninguém há que, passados tempos, não deseje apagar o seu nome de debaixo duma ou outra cousa que escrevera. Nem eu estou mesmo longe de pensar que desejarei fazer um dia o mesmo a estes versos. Por ora, graças a Deus, ainda os não acho tão maus como isso. Pensarão todos assim? Não o creio, sei-o mesmo com certeza, mas não me dá cuidado: *nec voto vivitur uno*.

¹⁷⁰ Em DIWAN, entre esta palavra e a seguinte há um número 1 entre parênteses, que remete a esta nota de rodapé do Autor: “Una specie ella é questa di mal francese, por guarirle dal quale un pezzo ci vorrebbe di Legno Santo, lungho per lo meno due braccia.” [Em DIWAN, a palavra inicial do período vem grafada “Uma”.]

¹⁷¹ *bas-bleus*,] *blas-bleu*, – em DIWAN.

¹⁷² Imoralidade...] imoralidade....” – em DIWAN.

¹⁷³ Teu etc. etc.”] “Teu etc. etc. – em DIWAN. Nessa edição, as aspas não se fecham neste ponto; e todas as linhas, desde a abertura das aspas, trazem aspas de abertura no início.

¹⁷⁴ “Eu li uns versos meus etc.”] “Eu li uns versos meus etc. – em DIWAN.

XL

“Rosa, por que não crês...”¹⁷⁵

Se as mulheres soubessem como geralmente se lhes fazem versos, acreditavam tanto neles como eu. Raro, muito raro sucede que em verso se diga o que se sente: “A paixão é a paixão, disse Byron; ou pelo menos, foi-o até que se tornou uma moda.”¹⁷⁶ Nós estamos neste último caso. Entre nós a poesia nem é um reflexo, nem uma expressão fiel do que sente o coração. Esses poucos versos, que, ainda, por felicidade nossa e honra da poesia, protestam contra esta ideia, são uma exceção raríssima e muito estimável. Mas a *moda* tem hoje acomodado a poesia a tudo. A mulher, porém, é o seu alvo predileto; a ela se dirigem todos os tiros desta batalha versegadora. E quando se diz a verdade? Que o diga essa rapsódia, essa reprodução contínua do mesmo pensamento, apresentado sempre com as mesmas formas, porque, nem, ao menos, há nisso variedade; esse sentimento e sofrimento íntimos que todos os dias se alardeiam em versos pela milésima vez escritos.

Se as mulheres soubessem o que pode uma tenção fixa, e uma cabeça sossegada, calculando ideias e fabricando versos, a sangue frio, não acreditaria tanto neles!

XLIII

“Sofre e resigna-te...”

Depois de impressos, vi nestes versos um erro de história. Podê-lo-á consentir a opinião pública à liberdade do poeta? Pode: já os consentiu em prosa e dos palmares, a um dos maiores homens do século passado.

LVI

“É coisa singular! a etc. – ...”¹⁷⁷

Quem é que ainda não leu as *Mil e uma noites*?

Schahriar era um sultão tártaro, que, em consequência duma infidelidade, mandava matar pela manhã a mulher com quem passava a noite.

Scheherazada foi a filha do Grã-Vizir, que, com os dotes da sua imaginação noveleira e poética, o soube atrair, e, por consequência, dilatar a vida por mil e uma noites, tendo-se proposto e oferecido para isso mesmo.

¹⁷⁵ “Rosa, por que não crês...”] “Rosa, por que não crês.... – em DIWAN.

¹⁷⁶ Em DIWAN, desde as aspas iniciais até este ponto, todas as linhas trazem aspas de abertura no início.

¹⁷⁷ “É coisa singular! a etc. – ...”] “É coisa singular! a etc. – – em DIWAN.

LXVIII

“Tu chamas-me...”¹⁷⁸

É esta a mimosa canção popular do Minho, que Byron imitou, tão digna a achou ele de figurar entre os seus versos. Darei em seguida a sua imitação, tal qual se lê nas *Miscelâneas* dele;

“Nos momentos consagrados ao prazer, tu exclamas com um acento de ternura: – Oh! minha vida! – palavras encantadoras que bastariam ao meu coração se a juventude não murchasse, nem morresse. Ah! mas as horas mais deliciosas conduzem à morte! Não repitas, pois, essas palavras; ou, em vez de me chamares: – Minha vida – chama-me antes: – Minha alma!¹⁷⁹ – A alma, ao menos, deve ser eterna como o meu amor.”¹⁸⁰

Apesar do gênio criador e poderoso de Byron, eu quisera antes ser autor do original.¹⁸¹ Aquele pensamento pode imitar-se; mas o conceituoso, o conciso e singelo do estilo é inimitável.

LXX

“Amigo, dorme...”¹⁸²

Karavan é uma palavra turca, que significa peregrinação. O tempo, porém, tem alterado esta significação, que se referia à romaria anual de Mekka, ordenada a todos os turcos que tinham meios ou não eram empregados. Os turcos diziam, como provérbio, a respeito desta karavana: “peregrinação e negócio.” E, na verdade, este último era mais o motivo da peregrinação, onde negociavam com os persas, com os índios e africanos. O número de pessoas que faziam esta peregrinação todos os anos subia de cinquenta mil, que se reuniam no monte Arefat. O principal chamava-se sura-emini, nomeado pelo Sultan para levar todos os anos a Mekka cinco mil sequins, um Koran coberto d’ouro, sobre um camelo, e um tapete de pano negro para cobrir o exterior do templo. O camelo que levava o Koran, à sua volta, era adornado de flores, e isento de trabalhar o resto da sua vida. Esta Karavana era guardada por alguns mil soldados, pagos pelo grã-senhor; mas isso nem sempre a livrava de ser acometida e roubada pelos árabes.

¹⁷⁸ “Tu chamas-me...”] “Tu chamas-me....” – em DIWAN.

¹⁷⁹ Em DIWAN, aqui há fechamento de aspas, cuja abertura deve estar antes do travessão que precede “Minha vida”. Esse travessão, entretanto, está em início de linha, e todos os inícios de linha trazem aspas de abertura. Entendemos que o melhor seria suprimir as aspas de fechamento.

¹⁸⁰ Em DIWAN, desde a abertura das aspas até seu fechamento aqui, todas as linhas trazem aspas de abertura no início e de fechamento no fim.

¹⁸¹ original.] original – em DIWAN.

¹⁸² “Amigo, dorme...”] “Amigo, dorme....” – em DIWAN.

Hoje esta palavra tem uma significação mais larga. Não só designa a peregrinação, senão a viagem e a multidão das pessoas que a empreendem.

– “O violento e destruidor vento, chamado no Egito camsin, e na Arábia simún, é um dos fenômenos mais maravilhosos da natureza. Quanto esta tempestade do deserto começa, os viajantes não podem atravessá-lo sem se arriscarem a morte quase certa. Os camelos, que sentem duas ou três horas antes a aproximação da terrível rajada, voltam-lhe as costas e fincam os pés na areia. Trabalho baldado fora querê-los tirar desta postura, ainda que estejam sem comer, nem beber, uns poucos de dias, que uns poucos deles dura, às vezes, o furacão. A Providência deu a estes animais semelhante instinto, que nunca os engana. Advertidos por este sinal, os homens tratam de tomar as necessárias precauções. Não basta pôr os cavalos nalguma abrigada; é preciso também cobrir-lhes a cabeça, e tapar-lhes as orelhas; aliás seriam afogados por turbilhões de areia sutilíssima, que o vento furioso traz diante de si. Os homens reúnem-se em tendas, cujas entradas e fendas tapam com todo o cuidado, depois de se terem provido de água, que põem em sítio onde facilmente possam lançar mão dela, deitando-se, depois, no chão com a cabeça bem embrulhada, e assim estão até passar o furacão devastador. Furiosas rajadas levantam nuvens de areia abrasada, que forma redemoinhos impetuosos, e derruba quanto encontra no caminho, e amontoa-se em grandes medões. Se toca em alguma parte do corpo humano, as carnes ficam queimadas, como se lhes houvessem chegado um ferro em brasa. A água chega a ponto de ferver, e a temperatura do ar nas tendas é a da mais quente estufa. Desgraçados daqueles que não puderam pôr-se a salvo da tormenta. Quando o simún chega a dar na cabeça a alguém, rebenta-lhe logo o sangue às golfadas pela boca e pelos narizes; a cara incha-lhe, faz-se-lhe negra, calcina-se como se tivesse sido metida num forno a arder, e o infeliz expira dentro de alguns minutos.

Este vento ardente é, por via de regra, precedido de um meteoro avermelhado, que enche grande porção do horizonte: um ativo cheiro de betume, que sai daquela-cerração avermelhada, anuncia o simún. A nuvem vai-se engrossando, por fim estoura, e a areia escurece o ar por tal modo, que é impossível ver nada a três varas adiante dos olhos. Alguns viajantes asseveram que tribos de árabes, e karavanas inteiras, têm sido sepultadas debaixo dos medões de areia que o vento amontoa; mas estas narrações são porventura exageradas.”¹⁸³ (Pan.)

– Os poetas d’árabes falam, muitas vezes, destes vapores que se elevam nos desertos quando o calor é excessivo, e que enganam o viajante sequioso, apresentando-lhe a aparência da água. Este fenômeno, conhecido pelo nome de – serab – (miragem), é o objeto duma dissertação científica do sábio Monge, no 1.º volume, pág. 64, das *Memoires sur l’Egypte pendant les campagnes du general Bonaparte*.

¹⁸³ Em DIWAN, entre as aspas de abertura e as de fechamento, não há nesta passagem, como de costume, as aspas de abertura no início de cada linha.

Na relação da marcha do exército francês na volta da expedição da Síria, inserta no número 31 do *Courrier de l’Egypte*, lê-se, à¹⁸⁴ pág. 3, a seguinte observação feita por ocasião de um reconhecimento da parte oriental do lago de Menzaleh, por muitos generais do exército francês:

“O ardor do sol era excessivo, e tornava as ilusões da miragem tão semelhantes à realidade, que, por muitas vezes, quase nos enganávamos.

Este fenômeno...¹⁸⁵ ofereceu-se, muitas vezes, aos nossos olhos no deserto. Não se imagina quanto o sentimento da sede se irrita por este engano do sol, que faz aparecer a imagem da água no meio dum espaço árido.”¹⁸⁶

Faz-se menção deste fenômeno no Koran (surah 24, v. 39, na edição de Hinchelmann, e na de G. Fluegel), fazendo comparação das ações dos ímpios a este vapor:

“Quanto aos incrédulos, as suas obras serão como a miragem do deserto, que o homem sequioso toma pela água, até que corre e não encontra nada.”¹⁸⁷

Beidawi diz que “se chama – serab – aquele fenômeno que se presenciar no deserto, produzido pelo resplendor do sol à hora do meio-dia: parece água que corre.”¹⁸⁸

A miragem vai retirando, vai-se apartando ao passo que os viajantes se aproximam do lugar onde julgavam encontrar a água.

Assim, torna-se um martírio interminável nas horas de maior calma, nas angústias de uma sede abrasadora no meio do ardor da aridez do deserto.

– A palavra seray é persa e significa um hotel. Os turcos aplicaram-na ao palácio do Sultão. Reunida a karavan, (karavan-seray), significa as hospedarias, os estabelecimentos que se encontram pelos caminhos para os viajantes descansarem.

LXXVI

“Chegou a primavera...”¹⁸⁹

A palavra kaftan significa – vestido de cerimônia. Todos os dicionários e vocabulários que consultei me dão apenas esta explicação. Diz, porém, Marcel que kaftan é o mesmo que *kissa* e *khilah*, e este último já eu li que era como o *hyke* dos Kabylas, que é o *peplus* dos antigos (J. Pollux. l. VII, c. XIII), e que é muito provável seja a *toga* dos romanos (Isid. *Origin*. l. XIX, c. XXIV), porque nas suas estátuas vemos

¹⁸⁴ à] a – em DIWAN.

¹⁸⁵ Este fenômeno...] “Este fenômeno.... – em DIWAN.

¹⁸⁶ Em DIWAN, entre as aspas de abertura e as de fechamento, todas as linhas do texto trazem aspas de abertura no início.

¹⁸⁷ Em DIWAN, este parágrafo traz aspas de abertura no início de todas as suas 4 linhas.

¹⁸⁸ Em DIWAN, entre as aspas de abertura e as de fechamento, todas as linhas do texto trazem aspas de abertura no início.

¹⁸⁹ “Chegou a primavera...”] “Chegou a primavera....” – em DIWAN.

que essa é como o *hyke*, com a diferença de que em vez da *fibula* dos antigos, os Kabylas usam um cordão cingido.

LXXXI

“Sentado sobre o cimo...”¹⁹⁰

Esta poesia, a seguinte, e a CI, publico-as, porque são, em consciência, as únicas já publicadas, que me não arrependo de ter escrito.

LXXXVI

“Oh! minha idealidade...”¹⁹¹

Kef é uma expressão, que, como outras muitas, não tem equivalente nas línguas europeias. Apenas o *dolce far niente*¹⁹² italiano pode dar uma fraquíssima e remota ideia da sua verdadeira significação.

É aquele estado de morbidez e languidez que segue a fadiga e prostração do corpo; aquele meio termo entre o sono e a vigília, em que o uso dos sentidos está como suspenso, e a cabeça se povoa de fantásticas e exóticas imagens.

É este o maior prazer dos turcos, que, cruzados sobre o seu diwan, e olhos cerrados, saboreiam o seu tschibukh, alternando-o com o aromático kavne.

CIII

“Oh! minha adega...”¹⁹³

Harém é o palácio das mulheres; única significação que lhe dá Preindl. As mulheres de que esse palácio se compõe dividem-se em Cadinhas, que são as mais nobres e as primeiras em dignidade;¹⁹⁴ Odaliscas que tratam do serviço doméstico; e Ustas, que fazem particularmente o serviço da *Sultana-Validé* (sultana mãe), das cadinas, etc. Favorita é a odalisca, que tem a ventura de merecer os amores do Sultão.

Estas diferentes mulheres quase sempre perdem o nome, e têm um alusivo às suas qualidades morais ou dotes físicos; como Hayati (que dá a vida); Safayi (que busca o prazer); etc. etc.

¹⁹⁰ “Sentado sobre o cimo...”] “Sentado sobre o cimo....” – em DIWAN.

¹⁹¹ “Oh! minha idealidade...”] “Oh! minha idealidade....” – em DIWAN.

¹⁹² *far niente*] *farniente* – em DIWAN.

¹⁹³ “Oh! minha adega...”] “Oh! minha adega....” – em DIWAN.

¹⁹⁴ dignidade;] dignidado; – em DIWAN.

No paraíso que Mahomet promete aos muçulmanos, há de haver lindas raparigas, chamadas *Hur al oyun*, por causa dos seus lindos olhos negros. Não são criadas de terra como as mulheres mortais; mas de puro almíscar. São isentas de todas as impurezas, de todos os defeitos e acidentes do seu sexo; são da mais perfeita modéstia e estão ocultas aos olhos do público por pavilhões feitos de pérolas ocas cada uma das quais, segundo alguns comentadores, pode cobrir, em todo o seu comprimento e largura, sessenta mil parasangas. Parasanga é uma medida itinerária pársia, que é de 3.750 passos. A este lugar chamam uns o *Jardim*, outros *Jardim do prazer*; outros finalmente o *Jardim do Paraíso*.

De *Hur* deriva, pois, o nome de *huri*.

CIX

“Ai! não me deixes...”¹⁹⁵

Kata é uma ave cinzenta, que voa sempre em bando, e que indica aos árabes do deserto os lugares onde há água. No *Lamiyyat-Alarab*, poema de Schanfara, que era da tribo de Azd e do número daqueles que se distinguiam pela ligeireza na corrida, o poeta, depois de ter feito o elogio do modo por que suporta a fome, pinta a rapidez da sua marcha, quando, para procurar uma¹⁹⁶ cisterna para saciar a sede, vence o *kata*.

“Os *katas*, diz ele, de plumagem cinzenta, que têm voado toda uma noite para encontrar uma cisterna, agitando o ar com o estrépito de suas asas, não bebem senão o resto das águas onde eu me saciei. Partimos ao tempo para apagar a sede; corremos à porfia para obter o objeto dos nossos desejos; eles parecem embaraçados no seu voo, enquanto, sem me apressar, lhes tomo a frente, como se fosse o chefe do seu bando.

Retirei-me e deixei-os, depois de apagada a sede; extenuados de fadiga, arrojaram-se precipitadamente sobre as bordas úmidas da cisterna, e mergulham no limo o pescoço e o papo. A bulha que eles fazem em volta deste mar, é como a¹⁹⁷ de um rancho de viajantes no momento em que para a karavana para acampar. Correm de diversas partes para a cisterna; ela reúne as suas tropas num centro comum, como os cavalos dum acampamento de árabes se reúnem em volta de um bebedeiro. Beberam até à saciedade, e, retomando o voo, partiram logo, semelhando, no momento em que os primeiros raios do sol alumiam a sua retirada, a uma karavana da¹⁹⁸ tribo de Odah, que apressa a sua partida.”¹⁹⁹

¹⁹⁵ “Ai! não me deixes...”] “Ai! não me deixes....” – em DIWAN.

¹⁹⁶ uma] um – em DIWAN.

¹⁹⁷ a] o – em DIWAN.

¹⁹⁸ da] de – em DIWAN.

¹⁹⁹ Em DIWAN, depois das aspas de abertura, há também aspas de abertura no segundo parágrafo (antes de “Retirei-me”) da citação que termina aqui com aspas de fechamento.

No 2.^o volume, pág. 369, da 2.^a edição da *Chrestomathie*²⁰⁰ arabe, de M. Silvestre de Sacy, vem a tradução da descrição que dá do *Kata* o autor árabe, Zacaria - ben - Mohammed - ben - Mahmud - Kaswini.

Esta ave é a consolação do árabe do deserto.

CX

“Acabo de ler...”²⁰¹

Estes poucos versos foram escritos depois da leitura daquela imitação de Byron, que já citei na nota LXVIII; e os versos que apresento aqui na boca de uma camponesa são realmente uma canção popular, mimosa e terna, como geralmente entre o nosso povo se encontram muitas.

O príncipe dos nossos poetas líricos, o sr. João de Lemos, nuns lindos versos seus parece ter imitado, como o fizera Byron, a doce inspiração das musas bucólicas do Minho.

Postos nos meus os teus olhos,
Nesse olhar tão confundidos,
Que, no doce confundir,
Eu já dos meus não sabia,
Que disseste, então, MARIA?²⁰²

São estes os seus versos, se me não engano, pois os cito de memória; e perdoe-me o ilustre poeta o arrojo. Não pude resistir ao desejo, de, depois de ter apresentado o Byron inspirado duns versos populares, apresentar também ao seu lado o melhor dos nossos poetas, João de Lemos!



²⁰⁰ *Chrestomathie*] *Chrestomathia* – em DIWAN.

²⁰¹ “Acabo de ler...”] “Acabo de ler.....” – em DIWAN.

²⁰² Em DIWAN, todos estes versos vêm deslocados para a direita, alinhados entre si, com aspas de abertura no início de todos eles; e há aspas de fechamento no final do último. O espacejamento entre os versos é o mesmo do texto – havendo espaço maior apenas depois do último (antes do primeiro não é possível ter certeza, porque o verso vem em alto de página).

Referências

BYRON, Lord. *The bride of Abidos*. A Turkish tale. London: John Murray, 1813.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Tipografia de Antônio José da Rocha, 1858. 2t.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Tipografia de Joaquim Germano de Sousa Neves, abril-1877. 2t.

SILVA, Antônio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. revista, corrigida, muito aumentada e atualizada por Augusto Moreno. Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12v.

SOROMENHO, Augusto. *Diwan*. Porto: Tip. do Portugal, 1862.
<https://www.google.com.br/books/edition/Diwan/0KVbAAAAcAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=diwan&printsec=frontcover>

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Versão 2021-2022. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

Referências eletrônicas

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Versão 2021-2022. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

M. DE VIGNY

SERVIDÃO E GRANDEZA MILITARES* (Fragmento)

Em tempos antigos, ou mesmo sempre, numa sociedade em início de formação, a poesia, longe de ser uma espécie de devaneio individual e de mania nobre, como se vê nas sociedades avançadas, foi uma faculdade humana, geral, popular, tão pouco individual quanto possível, uma obra sentida por todos, cantada por todos, criada evidentemente por alguém, fruto de uma inspiração só no início, e logo em seguida apropriada e modificada pelo povo da tribo, da nação.¹ À medida que a civilização avança, que a sociedade se organiza e se aperfeiçoa, a poesia, primitivamente dispersa, concentra-se em alguns espíritos e se individualiza cada vez mais. Há um momento formidável em que a elite, se não o conjunto de uma sociedade, permanecendo ainda capaz de participar da obra poética, mas apenas pelo interesse que ela lhe traz; aquela obra acabada, bem elaborada, é posta à sua disposição por indivíduos privilegiados que adquiriram e desenvolveram a arte de seduzir com profundidade, de ensinar com encantamento. Passadas essas épocas gloriosas que um conjunto de circunstâncias produz, muitas vezes durante séculos, o interesse geral e social se dispersa, se afasta mais e mais das obras eminentes de poesia, que multiplicam todavia a educação, o

* Título de obra de Vigny (publicada em 1835). No original, *Servitude et grandeur militaires*. A tradução brasileira, feita por Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Holanda, saiu em 1960, pela editora Biblioteca do Exército. A tradução do texto de Sainte-Beuve aqui apresentada foi feita a partir da seguinte edição: SAINTE-BEUVE, C. A. *Nouveaux portraits et critiques littéraires*. Tome III. Bruxelles: Societé Belge de Librairie, Etc. Hauman, Cattoir et C^e., 1836. Tradução livre por José Américo Miranda e Nilton de Paiva Pinto, que agradecem a atenção e as sugestões do prof. Alex Sander Luiz Campos. Machado de Assis possuía, em sua biblioteca, muitos volumes da obra de Sainte-Beuve, inclusive 5 volumes dos *Portraits contemporains* (em edições de 1870 e 1871).

¹ O crítico faz aqui uma oposição entre a “inspiração” (que é individual), ponto de origem da poesia (afinal, alguém há de ter cantado “a poesia” ou “o poema” sozinho pela primeira vez), e a apropriação dela pela “coletividade”.

exemplo, o capricho das imaginações precoces e superexcitadas. Os acasos da moda, a mobilidade dos sistemas e dos gostos, substituem as garantias e as consagrações certas da glória. O artista sofre e chega, à primeira vista, sob o peso dos séculos precedentes, mas também sob seu aguilhão, a um mundo em que os primeiros papéis da poesia e da arte estão tomados e de qualquer modo usurpados pelos antigos. Esta dificuldade, como é comum nas naturezas generosas, não faz senão incitá-lo; ele se esforça; ele faz recuar, ele luta para abrir seu caminho; às vezes se esforça por desconhecer, às vezes por recuperar. Ele busca no céu e na terra espaços ainda inexplorados, um lugar onde colocar sua estátua como num cemitério já atravancado. Ele sonda as profundidades, ele se lança às alturas. Cada geração de jovens esbanja assim sua flor mais delicada nesses empreendimentos cheios de ansiedade, contraditórios, sempre interrompidos e sempre retomados. O número dos poetas, dos artistas *in petto*, apesar da sociedade e sem que ela saiba, aumenta numa progressão assustadora, ao mesmo tempo que os amplos caminhos fáceis e as saídas possíveis parecem diminuir. Na primeira forma de sociedade, entre os Klephtes, entre os montanhese das Astúrias, por exemplo, cada indivíduo era mais ou menos poeta, cada um dirigia ao céu seu poema ou sua canção, e vivia assim melhor e mais alegremente, com todas as saudáveis e enérgicas capacidades da alma e do corpo. Aqui, nesta outra fase extrema da sociedade, cria-se uma situação inversa. A faculdade poética que, nas épocas intermediárias, foi paulatinamente enfraquecida e abrandada em muitas organizações dedicadas a outras ocupações, mas preservada em algumas altas organizações da elite, aquela faculdade retorna, numa espécie de recrudescência, e se desloca, instala-se num número cada vez maior de espíritos jovens. Ela retorna, não mais como faculdade feliz e natural, mas como uma doença penetrante, sutil, um tormento mais que um dom, um orvalho amargo em têmporas doloridas. A sutileza ingênua dessas almas sensíveis, apaixonadas, santamente ambiciosas, em oposição à atmosfera adversa em que elas vivem, se altera logo e contrai quase infalivelmente uma irritação, uma agrura oculta, que passa à arte, e que a serenidade das belas obras antigas não conhecia. As obras novas, que surgem dessas lutas infundáveis, desses mundos interiores feitos de sofrimentos, de análises, de pormenores, podem ser belas ainda, belas como donzelas criadas e aprisionadas nas angústias, belas da brancura dos mármore, de compleição azulada, com veias, peroladas e nacaradas, mas sem certa vivacidade primitiva e saudável.

Se as obras da poesia primitiva, que ainda não alcançou certo grau de cultura, podem-se comparar a frutos silvestres, muito azedos ou às vezes doces demais, produzidos espontaneamente, sem cultivo, por árvores expostas aos ventos; se em meio a essa natureza agreste, alguns grandes poemas sublimes, criados não se sabe a partir do quê, parecem frutos caídos dos fabulosos jardins das Hespérides; se as obras da poesia regularmente cultivada são como esses magníficos frutos saborosos, amadurecidos e colhidos nos pomares das nações poderosas e dos reis, pode-se dizer que as obras dessa poesia das épocas obscuras e já arruinadas não são *frutos*, a bem dizer, são produtos raros, talvez preciosos, mas não nutritivos. Há nas flores cores brilhantes e belezas que são verdadeiras degenerescências disfarçadas. A pérola, tão cara aos poetas, não é outra coisa, diz-se, senão uma produção doentia de um habitante das conchas submarinas, que restauram, como podem, sua carapaça rompida. O incenso, não menos caro à poesia, e que por seu perfume lembra muito bem aquele de certas obras misticamente requintadas de que vamos falar, o incenso, ele próprio, não passa de uma aberração da seiva verdadeira, riqueza que se exala lentamente de uma ferida, e dolorosa sem dúvida ao tronco que o secreta. Se a arte, a poesia, jamais se devem dizer produto precioso de um mal interno, não é da arte, da poesia de Homero e de Sófocles, nem da de Dante, nem da de Shakespeare, de Molière e de Racine, que se pode dizer isto: esses tipos de poesias, ainda que pareçam muito trabalhadas, continuam sendo o rico e feliz coroamento da natureza, *ramis felicibus arbos*; mas é bem da poesia de Jean-Jacques, de Cowper, de Chatterton, já do Tasso, de Gilbert, de Werther, de Hoffman, e de seu músico Kreisler, e de seu pintor Berthold da *Église des Jésuits*, e de seu pintor Traugott da *Cour d'Arthur*; é de todas essas poesias, e é também daquela de Stello, que se pode legitimamente dizê-lo.

M. de Vigny não foi apenas, no *Stello*² e no *Chatterton*,³ o mais fino, o mais sutil, o mais comovente monógrafo e pintor dessa incurável doença do artista de épocas como a nossa, ele foi e é poeta; ele começou por ser poeta puro, entusiasta, confiante, poeta de uma **poesia loura**⁴ e ingênua. Esse escalpelo que ele empunha tão bem, que ele

² Romance de Alfred de Vigny (1797-1863), publicado em 1832: é, ao mesmo tempo romance, ensaio, diálogo filosófico, obra íntima e “espécie de poema épico sobre a desilusão”, segundo Vigny. *Stello* é uma obra compósita e inclassificável, que põe em cena o *Docteur Noir* e *Stello*, seu paciente, inclinado ao tédio (spleen) e à neurastenia. Ver: <<https://www.wook.pt/livro/stello-alfred-de-vigny/7663028>>.

³ Peça teatral de Alfred de Vigny, encenada no mesmo ano da publicação de *Servitude et grandeur militaires* – ou seja, em 1835.

⁴ Expressão citada por Machado de Assis. Negrito nosso.

dirige com tanta segurança ao longo das mais discretas nervuras do coração ou da frente, ele o conquistou tarde, depois da espada, depois da harpa; ele tentou ser, entre todos os de sua idade, poeta antigo, bardo bíblico, cavaleiro-trovador.⁵ Que ferimento profundo o fez mudar de rumo? Como a afecção, o mal sagrado da arte, o conhecimento paulatino da vida, o conduziram gradualmente a essa transformação ou pelo menos a essa junção do poeta com o sábio, daquele que canta com aquele que analisa? Que rede de dores íntimas e inexplicáveis desenhou nele todas essas fibras ramificadas e sutis do poeta sofredor que ele devia mais tarde revelar? Para nós, que o admiramos em ambas as formas e que esperamos que uma delas não anule irrevogavelmente a outra, nós tentaremos segui-lo em sua bela vida de poeta disfarçado e complicado; segui-lo desde o ponto de partida até sua obra nova de hoje.

⁵ Na obra poética de Alfred de Vigny há um “livro antigo” (antiguidades bíblicas e homéricas), e um “livro moderno”.

ARTIGOS

**A PRIMEIRA RESENHA CRÍTICA DE MACHADO DE ASSIS:
ELA SIGNIFICA ALGUMA COISA?***

*Nilton de Paiva Pinto
José Américo Miranda*

Resumo: Este artigo avalia a primeira resenha literária publicada por Machado de Assis, em 1862, – “Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra. 1862. Garnier, editor.” –, e procura situá-la na trajetória do escritor, assim como avaliar sua significação. Com a publicação deste texto de natureza crítica, o escritor deu sinais claros de migração do campo do jornalismo para o da literatura.

Palavras-chave: Jornalismo; crítica literária; literatura; Machado de Assis.

A carreira de Machado de Assis teve início, todos o sabemos, pela poesia; e mais, pela poesia publicada em jornais. Poesia, teatro e jornalismo foram as primeiras atividades profissionais do futuro escritor. Em 10 e 12 de janeiro de 1859, em artigo publicado em duas partes no *Correio Mercantil*, o então jornalista fez enfática defesa do jornal face ao livro – o título do artigo era justamente “O jornal e o livro”. Nesse texto, a posição machadiana é francamente favorável ao jornal; escreveu ele: “O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.”¹

Reconhecendo a vitória do jornal sobre o livro, mostrando-lhe as excelências – ser mais democrático e de alcance mais popular, ser reflexo mais ágil dos movimentos

* Este artigo foi originalmente publicado no periódico eletrônico *Machado de Assis em Linha*, v. 16, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mael/a/zcR6XD9h5XbQmfZtQKRrTYg/?format=pdf&lang=pt>>. Para esta publicação, algumas alterações foram introduzidas, para adequação às normas deste periódico.

¹ ASSIS, 2013, p. 72-73.

intelectuais contemporâneos do que o livro –, e realçando o sentido civilizacional de sua ascensão no século XIX, ele diz: “O livro não está decerto nestas condições [de ser “literatura cotidiana”, “reprodução diária do espírito do povo, espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de um homem, mas a ideia popular”]: – há aí [no livro] alguma coisa de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é – movimento. Ora, o livro não se presta a esta necessidade, como o jornal.”² Porém, prudentemente, avisa: “Admitido o aniquilamento do livro pelo jornal, esse aniquilamento não pode ser total.”³

Como se vê, Machado de Assis introduz um contraponto ao seu próprio raciocínio quando diz que o livro não desaparecerá. Poderíamos ver aí, talvez ainda em sua forma inicial, o “pensamento dialético” de que fala Astrojildo Pereira: “seu [de Machado de Assis] processo de pensar e de exprimir-se é um processo dialético”; “o processo dialético era nele coisa a bem dizer do berço, instintiva, congênita”.⁴

Ele próprio, Machado de Assis, faz a defesa do livro, sem, entretanto, deter-se em sua utilidade específica (talvez pela limitação de espaço no jornal – o artigo já era relativamente extenso, pois foi dividido em duas partes publicadas em datas diferentes):

Quem enxergasse na minha ideia uma idolatria pelo jornal *teria concebido uma convicção parva*. Se argumento assim, se procuro demonstrar a possibilidade do aniquilamento do livro diante do jornal, é porque o jornal é uma expressão, é um sintoma de democracia; a democracia é o povo, é a humanidade.⁵

O jornalismo o obrigava à diversidade: suas resenhas eram, em geral, breves, e dedicadas a mais de uma obra. O apego à diversidade se desenvolveu depois principalmente nas crônicas. Não é por acaso que uma de suas primeiras grandes séries de folhetins, publicada no *Diário do Rio de Janeiro* entre 5 de junho de 1864 e 16 de maio de 1865, recebeu o título de “Ao acaso”. Escreveu ele em sua primeira crônica:

Resumi o programa no título. O folhetim não é outra cousa mais do que o acaso, o vago, o indeterminado; é o acontecimento que há de haver, o livro que se há de imprimir, o sarau que se há de dar; é o dito

² ASSIS, 2013, p. 74.

³ ASSIS, 2013, p. 76.

⁴ PEREIRA, 1991, p. 135.

⁵ ASSIS, 2013, p. 76, grifo nosso.

que escapa, a anedota que circula, o boato que se espalha; é o capricho do tempo, o capricho da pena, o capricho da fantasia; é a chuva e o sol, a elegia e o cântico; o folhetim reside no dia seguinte, vive do futuro, sai do ventre de todas as semanas, – às vezes Minerva armada, – às vezes *ridiculus mus*.⁶

O folhetim se compõe, pois, de múltiplos assuntos, é coisa muito variada.

Por ser diferente disso, por ter uma unidade temática e um único objeto, consideramos a resenha sobre *Flores e frutos*, de Bruno Seabra, a primeira peça de crítica, no sentido estrito, da carreira machadiana: trata-se de um texto exclusivamente dedicado a uma obra literária – e mais, a uma obra poética. Devemos observar, no entanto, que nas resenhas dedicadas a mais de uma obra, já o crítico atuava com base em princípios que fundamentariam praticamente o seu método de análise. Veja-se o caso da crítica feita a versos de Antônio Feliciano de Castilho, em resenha publicada também no *Diário do Rio de Janeiro*, em 22 de fevereiro de 1862.

Devemos observar, também, que Machado de Assis já havia, sim, dedicado textos inteiros a certas obras – todas, porém, obras teatrais. Em 29 de março de 1860, no *Diário do Rio de Janeiro*, ele publicara uma resenha crítica da peça *Mãe*, encenada sem indicação de autoria, no Ginásio Dramático;⁷ nessa avaliação, o crítico expõe alguns de seus princípios de crítica teatral⁸ e se estende sobre o desempenho dos atores no palco. Não é, portanto, um texto apenas de crítica literária – trata-se, mais, de um texto de crítica teatral. O drama *Mãe* só foi publicado pela primeira vez, sob o nome de seu autor, em 1862.⁹ Machado de Assis, em 22 de fevereiro de 1862, no *Diário do Rio de Janeiro*, dá notícia do aparecimento do livro, e diz: “Por este meio está facilitada a apreciação, a frio e no gabinete, das incontestáveis belezas dessa composição.”¹⁰ Fica aí uma distinção entre crítica literária, feita “a frio e no gabinete”, e crítica teatral, feita sob as impressões do espectador de uma peça – poderíamos concluir que uma crítica literária demanda mais meditação.

Outro texto em que ele aborda uma única obra, publicado no *Diário do Rio de Janeiro* em 24 de julho de 1861, é o dedicado a *Os mineiros da desgraça*, peça teatral de

⁶ ASSIS, 1864, p. 1.

⁷ Cf. ALENCAR, 1977, v. II, p. 253.

⁸ As ideias aí expressas são anúncio das concepções expostas mais tarde, em 1865, no texto “Ideal do crítico”, em que expande o seu pensamento para a crítica literária em geral. (Ver ASSIS, 2013, p. 236-240)

⁹ Cf. SOUSA, 1960, t. II, p. 22.

¹⁰ ASSIS, 1932, p. 94.

Quintino Bocaiuva – nesse caso, a peça estava publicada, e o crítico menciona tanto a publicação como a encenação, que ocorreu no Ginásio Dramático, em 18 de julho de 1861.¹¹

Por fim, outros textos escritos por Machado de Assis, dedicados a uma única obra, não se destinavam à publicidade: eram os pareceres escritos, na condição de censor, para o Conservatório Dramático.¹²

Os princípios que o guiavam na atividade crítica, Machado de Assis os expôs três anos depois no artigo “Ideal do crítico”, publicado também no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1865. Essa atividade exige concentração e estudo, e o foco direcionado para um só objeto – o texto literário. Machado de Assis, no artigo mencionado, define a crítica com uma só palavra: “Crítica é análise.” E diz mais, sobre o crítico:

[...] longe de resumir em duas linhas – cujas frases já o tipógrafo as tem feitas – o julgamento de uma obra, cumpre-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção.¹³

Na resenha de *Flores e frutos*, em que o intuito de exercer plenamente a crítica é visível, Machado de Assis já reconhece o espaço do jornal como limitação da atividade – diz ele, a certa altura: “Tenho míngua de espaço. Citarei apenas esta primeira estrofe da “Moreninha”, como amostra de graça e facilidade: [segue a citação].”¹⁴

Como se vê, uma crítica plena exige espaço, pois o crítico, segundo ele, precisa ser minucioso, deve conhecer “a matéria em que fala, procurar o espírito de um livro, descarná-lo, aprofundá-lo, até encontrar-lhe a alma, indagar constantemente as leis do belo [...]”.¹⁵

Se o texto em que Machado de Assis afirma o que transcrevemos é de 1865, e a resenha sobre *Flores e frutos* é de 1862, caberia perguntar se já estavam claros para o crítico, àquela altura (1862), os princípios que mencionou mais tarde. O que diz o crítico na parte introdutória da avaliação que fez do drama *Mãe*, publicada em 1860, dá a entender que a resposta a essa pergunta é “sim”.

¹¹ Cf. FARIA, 2008, p. 240-244; SOUSA, 1960, p. 122-123.

¹² Cf. SOUSA, 1955, *passim*.

¹³ ASSIS, 2013, p. 237.

¹⁴ ASSIS, 2013, p. 105, grifo nosso.

¹⁵ ASSIS, 2013, p. 240.

Se, como supomos, o crítico já possuía (pelo menos internamente, em pensamento e convicção) um método de abordagem da obra literária (poética, no caso de *Flores e frutos*), ele só o expôs com clareza, e ainda assim metaforicamente, cerca de 20 anos depois – isso se deu na carta-prefácio ao livro *Miragens*, de Eneias Galvão, publicado em 1885. Eis o que ele lá diz, dirigindo-se ao poeta que se estreava:

[...] no esmero do verso não vá ao ponto de cercear a *inspiração*. Esta é a *alma* da poesia, e como toda a alma precisa de um *corpo*, força é dar-lho, e quanto mais belo, melhor; mas nem tudo [deve] ser corpo. A perfeição, neste caso, é a *harmonia das partes*.¹⁶

Machado de Assis foi um estilista até na crítica literária; muito frequentemente usava subentendidos, ironia e linguagem figurada (como no caso da passagem citada). Na carta-prefácio endereçada a Eneias Galvão, o escritor – com isenção e honestidade intelectual – vê e aponta limitações na obra analisada: primeiro, limitações no tocante à matéria com que lida o poeta – trata-se de um livro confessional (“é a [hora] das confidências pessoais”) –, e o crítico o aconselha a alargar seus horizontes (“lance os olhos além de si mesmo”); segundo, limitações na composição estilística do verso – a técnica da versificação é boa –, e o crítico recomenda a ampliação de seus recursos linguísticos (“uma vez que enriqueça o vocabulário, ele [o verso] lhe sairá perfeito”). No apontar essas limitações, Machado de Assis separa claramente o aspecto interno, – a matéria de que trata o poeta –, do aspecto externo – a linguagem e a técnica da versificação. Fica clara, então, a distinção entre a aparência exterior do poema – que, na passagem citada, se vê na ideia de “corpo” – e as ideias e sensações de que falam os versos, o lado interior, imaterial, do poema – que é a “inspiração”, a “alma” da poesia. Na sequência, o crítico afirma a necessidade da adequação desses dois aspectos entre si – a “harmonia das partes”.

Eis aí o método: toda análise (lembremos: “crítica é análise”) deve abordar os aspectos externos, que são percebidos por nossos sentidos (a língua, a correção gramatical, os sons, os versos, a técnica poética – rima e metro –, o estilo), e os aspectos internos, imagens e ideias que os versos suscitam na nossa mente (adequação e limitações do assunto, ponto de vista, verossimilhança). Além disso, há de haver adequação entre as duas instâncias, os dois planos: o externo e o interno.

¹⁶ ASSIS, 2013, p. 561, grifos nossos.

Nesses tópicos abordados pode-se reconhecer facilmente certas categorias da teoria literária desenvolvida no século XX. Os aspectos que Machado de Assis, em sua atividade crítica, isola e estuda, na estrutura da obra literária, são os que, teoricamente, constituem sua forma.¹⁷ Nessa nomenclatura, a palavra forma “engloba todos os aspectos da obra literária” – tanto a forma exterior (que era o que antigamente se entendia por “forma”) como a forma interior (que era entendida como “conteúdo”). A totalidade resultante das combinações entre esses dois grandes planos consolida a obra literária como arte – cujos objetos são autônomos em relação ao mundo empírico.¹⁸

Mas voltemos a Machado de Assis e à resenha sobre *Flores e frutos*. Vimos que na carta-prefácio ao livro *Miragens*, os dois planos da forma literária são avaliados separadamente, e, com toda clareza, o crítico defende a combinação de ambos entre si através da expressão “harmonia das partes”.

A resenha começa pela comparação de uma obra de autor português – o *Diwan*, de Augusto Soromenho (1855) – com o livro recente de Bruno Seabra (1862); comparação que resulta numa avaliação positiva do livro novo, superior ao do poeta português. Inicialmente, o crítico aponta “novidades” no *Diwan*, obra inspirada em poetas árabes – portanto, rica em exotismos; em seguida, sobrepõe *Flores e frutos* à outra obra, com a qual ela partilha “a mesma riqueza de graça, facilidade de rima e virgindade de ideias”. Além disso, a obra do poeta brasileiro estreante foi julgada “uma prova mais séria para admissão no lar das musas.”

A partir da leitura de *Diwan* e de *Flores e frutos*, podemos aventar a hipótese de que o poeta criticado também o lera. Dois pontos, pelo menos, chamam a atenção: ele, ocasionalmente, usa imagens e referências do mundo árabe; e sempre, como o poeta português, liga por hífen (traço de união) os pronomes oblíquos antepostos aos verbos.

Exemplos de palavras e expressões que evocam o universo árabe: “harém”, “árabe errante”, “acecém”, “açucena”, “zagal”, “sultão”, “sultana”, “caravana”, “Andaluza”, “deserto”, “tenda do deserto”, “cachimbo turco”.

Exemplos de pronome oblíquo anteposto ao verbo, ligado a este por traço de união:

¹⁷ As principais correntes críticas do século XX partem da noção de “forma” da obra literária alcançada pelos formalistas russos. Algumas dessas teorias – as mais pertinentes para o caso aqui em discussão – podem ser encontradas em obras que constam das referências bibliográficas deste artigo.

¹⁸ Cf. DUARTE, 1997.

Lá te-encontrei – já dançavas! (“Aninha”, p. 9)

A rainha o-fará rei... (“Moreninha”, p. 101)

De lá vos-trouxe este caso. (“Quiproquó”, p. 172)

(E nesse tempo não se-lia Byron!) – (“Cinzas de um livro”, p. 214)

Na avaliação de Machado de Assis, o julgamento (que é o que a palavra “crítica” significa), já está feito quando o texto se inicia. O parecer emitido nas primeiras linhas encontra seus fundamentos na análise subsequente. O analista desce do todo às partes, e aos detalhes. Do ponto de vista lógico, o raciocínio da avaliação da obra começa pelo fim (o julgamento é a conclusão a que se chega pela análise) – estrutura que lembra, transpostos os termos da lógica para uma estrutura temporal (uma narrativa), o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado cerca de 20 anos depois, em que a história começa pelo fim.

Na separação dos elementos que compõem a obra (que é o que a palavra “análise” significa), fracionamento primeiro em partes, depois exame dos poemas (de cada parte), “a análise tende a se apoiar nas características aparentes” do livro.¹⁹ Machado de Assis começa sua avaliação pela afirmação de que o livro se divide em partes; ele identifica três: “Aninhas”, “Lucrécias” e “Dispersas” – cada uma tem suas características. As “Aninhas” exprimem “a ingenuidade dos afetos” do jovem poeta; nas “Lucrécias”, “cala-se o coração do poeta”; das “Dispersas” como conjunto nada diz o crítico – ele apenas menciona o último poema do livro e o opõe às “Aninhas”. Assim, as “Lucrécias”, como o último poema, são caracterizadas por oposição às “Aninhas”, o que as coloca [as “Aninhas”] como centro de gravidade da obra, sua melhor parte (portanto).

Em *Flores e frutos*, o que se vê nas três partes apontadas pelo crítico é que todas elas são precedidas por um frontispício divisório, que traz o título de cada uma. Entretanto, há no livro outros dois frontispícios divisórios: o que traz o título “Cinzas de um livro” e o que separa as “Notas” dos poemas. A julgar por essas características, divergiríamos da constatação de Machado de Assis, dizendo que o livro se divide em quatro (ou cinco, se considerarmos as “Notas”) partes.

¹⁹ Aproveitamos aqui palavras de Antonio Candido (2008, p. 81), aplicadas por ele à análise de poemas.

As “Cinzas de um livro” haviam sido publicadas avulsamente em 1859, sob o título *As cinzas de um livro*, e com o subtítulo “Episódio contemporâneo”, mas sem a epígrafe que aparece no livro. O texto em *Flores e frutos* apresenta variantes, com relação à edição de 1859.²⁰

Há, porém, outros dados, que podem ter fundamentado a divisão escolhida por Machado de Assis. No “índice” que vem ao final do livro, nas páginas 241-243, as três primeiras seções vêm discriminadas como partes (que são), ao passo que as duas últimas (“Cinzas de um livro” e “Notas”) aparecem ao pé da lista dos poemas da terceira parte, sem qualquer distinção com relação a eles (como se fossem itens desta subdivisão).

No estudo das “Aninhas”, como na crítica toda, Machado de Assis começa pelo julgamento: “A ingenuidade dos afectos está traduzida na simplicidade da expressão.” Essa ingenuidade, continua ele, “quando verdadeira e simples, é rara e inestimável.” Fica entendido que Bruno Seabra pertence ao grupo dos poucos poetas que “a têm simples e verdadeira”. Ao final do texto, quando compara o último poema do livro aos da primeira parte, afirma: “*Aninhas* me agradam mais, pelos sentimentos que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.”

Só depois da avaliação positiva da primeira parte é que o crítico desce concretamente a um exemplo: e o exemplo dado é justamente do primeiro poema da primeira parte, em que o poeta faz o elogio da vida simples, na “casinha de sapé”, por oposição à vida na corte (nos salões). Eis uns versos não transcritos por Machado de Assis:

Não cuides ser a ventura
Esse ouropel que fulgura
Sob os tetos dos salões,
Onde a mentira prospera,
E o perfume degenera
Das flores das afeições.²¹

A estrofe escolhida pelo crítico (para exemplo) nos parece, de fato, mais apropriada para a situação, porque contém nela mesma a oposição de que fala o poeta –

²⁰ Agradecemos ao prof. Antônio Carlos Secchin, que nos forneceu essas informações.

²¹ SEABRA, 1862, p. 7.

os três primeiros versos falam de “ruidosos fastos” (como está em *Flores e frutos*), ao passo que os três últimos falam da felicidade verdadeira, na “casinha de sapé”:

Que valem ruidosos fastos,
Quando os corações vão gastos
De afectos, de amor, de fé?
A ventura verdadeira
Vive à sombra hospitaleira
*Da casinha de sapé.*²²

O que se vê aí é um uso romântico de um *tópos*, o *fugere urbem* (tão comum em Gonzaga, por exemplo), em que o ideal da vida no campo se contrapõe com vantagens à vida na cidade – o que inscreve o poeta numa forte linha da tradição poética ocidental. O poeta Gonzaga também comparece na obra de Bruno Seabra: Dirceu é mencionado no poema “Com febre”, terceira parte (“Dispersas”). Outro poema que tem esse tema, associado a laivos de indianismo, é “Convite” (poema XIX de “Aninhas”). Uma limitação que Machado de Assis, em sua prática de crítico literário, frequentemente observava nos poetas iniciantes era a da poesia pessoal, confessional – o que gerava, por consequência, a recomendação de que não falassem apenas de si mesmos, de que alargassem seus horizontes. Ele não fez isso com Bruno Seabra...

Quando passa às “Lucrécias” (segunda parte do livro), o crítico menciona diversos poemas de “notável merecimento”, e é justamente nessa parte de seu texto crítico que ele se queixa da “míngua de espaço”. Por essa razão, ele lamenta “não poder transcrevê-las [as composições]”. Apesar disso, transcreve trechos de dois poemas – “Teresa” e “Moreninha” –, ao passo que das “Aninhas” transcrevera fragmento de um só – “Na aldeia”. Quanto às “Lucrécias”, examinemos as escolhas do crítico. O primeiro poema citado é “Teresa”; vejamos como o faz nestes versos (o poeta se dirige mentalmente a Teresa que acaba de sair da igreja em que se casou):

Deixe-se de soberbias,
Lembre-se daqueles dias
À sombra dos cafezais...
Descora... não tenha medo!
Vá tranquila que o segredo
Da minha boca... jamais....²³

²² SEABRA, in: ASSIS, 1862, p. 1; grifo nosso; o jornal traz “vaidosos” no lugar de “ruidosos”; corrigimos conforme o livro.

²³ SEABRA, in ASSIS, 1862, p. 1.

Nesse trecho, como em outros, a transcrição dos versos não reproduz exatamente o livro de Bruno Seabra, em que há vírgula depois de “dias”, no segundo verso, e em que as reticências invariavelmente têm três pontos (com uma única exceção, no poema “No dia dos meus anos”, das “Dispersas”, sem qualquer aparente razão para o uso de quatro pontos). Essas reticências, no contexto do poema citado, são mais expressivas do que as anteriores (na mesma estrofe); elas foram postas (muito provavelmente) por Machado de Assis – por incidirem na passagem mais maliciosa do texto poético. O crítico, muito provavelmente, deixou seu entendimento marcado, acrescentando um ponto às reticências. Em outro texto machadiano, já constatamos o emprego dessa maneira de pontuar, com finalidades específicas.²⁴

Parece confirmar essa interpretação as reticências empregadas no outro trecho citado, do poema “Moreninha”:

– Moreninha, dá-me um beijo?
– E o que me dá, meu senhor?
– Este cravo....
– Ora, esse cravo!
De que me serve uma flor?
Há tantas flores nos campos!
Hei de agora, meu senhor,
Dar-lhe um beijo por um cravo?
É barato; guarde a flor.²⁵

Também nesta passagem, as reticências, que em *Flores e frutos* têm três pontos, são de quatro pontos – muito provavelmente o quarto ponto foi introduzido por Machado de Assis, pois elas podem indicar o cunho erótico da referência: a palavra “cravo” pertence ao conjunto daquelas que podem ser usadas para referência ao órgão sexual masculino.²⁶

Cravo e rosa são dois nomes de flores que se associam a órgãos sexuais – o primeiro, masculino; o segundo, feminino. Em outro poema das “Lucrécias”, o poema IX – “Ingenuidade” –, não citado por Machado de Assis, as referências sexuais são explícitas. Eis o poema:

²⁴ Ver as notas 85, 89 e 92 de “Antes da missa” (In: *Machadiana Eletrônica*, v. 5, n. 9, p. 210 e p. 211, jan.-jun. 2022).

²⁵ SEABRA, *in* ASSIS, 1862, p. 1.

²⁶ Cf. SOUZA, 2007, p. 205.

– Pedi-te um beijo coraste!
Teus olhos no chão fitaste,
E a *rosinha* desfolhaste
Que te dei!
Foi um pedido inocente,
Impulso de afeto ardente;
Ofendi-te, seriamente
Não pensei!

– Pois eu também não cuidava,
Quando a *rosa* desfolhava,
Que tanta mágoa lhe dava
Que lhe dei!
O senhor pediu-me um beijo.
Eu também tinha desejo...
Mas, quando quis veio o pejo,
E... eu... corei!

– Inocente!.. teve pejo!
Agora então, dás-me o beijo?
É tão grande este desejo
Com que 'stou!..
– Não se amofina comigo?
– Ah! não vês? sou teu amigo...
– Veja o que diz!..
– É o que digo...
– Não lhe dou!

– Quisera que me dissesses
Que novos modos são esses
De tratar-me... só mereces
Meu desdém!
Já não preciso de beijo,
Ou seja inocência ou pejo,
Boas-festas lhe desejo,
Passar bem!

– Não ralhe que me entristeço!
O seu desdém não mereço...
Olhe... vê... como *ingordeço*...
Olhe bem...
Não olha! 'stá mal comigo?
Olhe, para meu castigo
Veio tarde, meu amigo,
Vou... ser mãe!

– É crível? Na flor dos anos
Pode haver entre os humanos
Quem ousasse... desenganos!
É tal e qual!
Reparei... tinha uma pança

Aquela pobre criança,
Que poria em contradança
Um arsenal!²⁷

Sabemos muito bem que Machado de Assis era um escritor moralista e discreto, embora não fugisse a temas espinhosos; ele, como escritor, como ficcionista ou poeta, e mesmo como crítico, não era dado à sensualidade exuberante, às notas violentas e carnavais, à materialidade, aos instintos canibais, às “fomes bestiais”, às “carnes febris”, aos “vermes sensuais”; não tinha a “mão descautelosa” que aponta em outro poeta (Carvalho Júnior), no ensaio “A Nova geração”, de 1879.²⁸ Não admira, pois, que não tenha citado poemas tão explícitos como este.

Ao final de sua resenha, Machado de Assis toma o poema “Cinzas de um livro” como representante das “Dispersas”. Nessa avaliação final (e do poema final do livro de Bruno Seabra), o crítico menciona “as qualidades de forma de todos os versos”, como que estendendo essas qualidades ao conjunto de todo o livro. Vimos que a resenha começara pelo fim, ou seja, pelo julgamento do crítico. Naquele início, foram mencionadas a “riqueza de graça”, a “facilidade de rima e [a] virgindade de ideias”. Na avaliação das “Aninhas”, primeira parte do livro, que parece ser a preferida do crítico, a grande qualidade consiste no fato de que a “ingenuidade dos afectos está traduzida na simplicidade da expressão” – ou seja, há harmonia entre as partes, adequação entre a forma exterior e a forma interior – o que é apontado como a grande qualidade do livro. Quando passa à segunda parte, às “Lucrécias”, diz severo o crítico: “Cala-se o coração do poeta.” – como se passasse a uma parte menos interessante da obra. Ele diz que o coração se cala, mas não diz do que falam os poemas nem o que neles fala – poderíamos dizer, de nossa parte, que fala a inteligência do poeta, que se manifesta principalmente pelo humor. Essas duas partes são, de fato, as melhores do livro.

* * *

Passada em revista a resenha machadiana, é tempo de voltar ao início deste artigo: a crítica de *Flores e frutos*, na trajetória do autor, significa alguma coisa? Parece-nos que sim.

²⁷ SEABRA, 1862, p. 111-114, grifos nossos, exceto em “ingordeço”.

²⁸ Cf. ASSIS, 2013, p. 498-502.

Em sua longa trajetória de escritor, de 1854 (ano da primeira publicação) a 1908 (ano em que morreu), diversos momentos de crise podem ser assinalados. Momentos de crise são esquinas (ou ângulos, pontos de virada dispostos ao longo do tempo) em que o rumo a seguir parece dar uma guinada numa ou noutra direção – como se o norte tivesse mudado. Exemplos: primeiro – em *Falenas* (1870), na passagem da primeira para a segunda parte do livro, o poeta abandona a “poesia pessoal”, livra-se de si mesmo, e se eleva a nível mais alto – dá o salto do particular ao universal, semelhante ao que Manuel Bandeira assinalou no poema “Mocidade e morte” na trajetória de Castro Alves,²⁹ segundo – com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e de *Papéis avulsos* (1882) entra o escritor em sua “fase madura”, fato geralmente reconhecido pela crítica, assim descrito por John Gledson:

Papéis avulsos foi publicado no fim de 1882, dois anos depois de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Com estes dois livros, Machado de Assis marca uma quebra com o passado, no estilo, na narração, nos assuntos de que trata. Mais que nada, o escritor finalmente solta as rédeas à ironia, que invade os dois livros, proporcionando boa parte do prazer da leitura, mas que também pode desnortear.³⁰

Com essas mudanças, aos poucos, ao longo do tempo, as coisas foram-se ajeitando, com paulatinos aperfeiçoamentos. E por isso mesmo, se há uma figura no início da carreira, e outra no fim – e outras no meio, – as duas, ou todas elas, são a mesma figura.

A resenha de *Flores e frutos* foi um desses momentos de crise, talvez o primeiro, em que o autor passa do jornalismo de assuntos variados (o folhetim) a uma atividade concentrada e voltada para a poesia (a literatura) – não considerando aqui as atividades práticas de poeta e de dramaturgo, que ele já exercia (ambas na condição de iniciante). O momento dessa resenha – em que o distanciamento crítico predomina – nos dá a figura de um escritor que põe um dos pés (tirando-o da barca do jornalismo) na literatura, no seu estudo, e no esforço para compreendê-la. De jornalista ele torna-se, justo nesse ponto do tempo, predominantemente escritor, revelando e confirmando os conhecimentos técnicos que já acumulara da arte literária – em nosso entendimento, esse é o significado dessa primeira resenha crítica de Machado de Assis.

²⁹ Cf. MIRANDA, 2017, p. 100-103; e BANDEIRA, 1954, p. 77-85.

³⁰ GLEDSON, 2011, p. 7, grifo nosso.

THE FIRST CRITICAL REVIEW OF MACHADO DE ASSIS: DOES IT MEAN ANYTHING?

Abstract: This paper evaluates the first literary review published by Machado de Assis in 1862 – “Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra. 1862. Garnier, editor.” (“Flowers and fruits. Poems by Bruno Seabra. 1862. Garnier, editor.”) –, and seeks to situate it in the writer’s trajectory, as well as to assess its significance. With the publication of this critical text, the writer gave clear signs of migration from the field of journalism to literature.

Keywords: Journalism; literary criticism; literature; Machado de Assis.

Referências

- ALENCAR, José de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977. 2v.
- ASSIS, Machado de [M. de A.]. Revista dramática. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XL, n. 5, p. 1, 29 mar. 1860.
- ASSIS, Machado de [M. A.]. Ao acaso. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 155, p. 1, 5 jun. 1864.
- ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. In: AZEVEDO; DUSILEK; CALLIPO, 2013, p. 69-77.
- ASSIS, Machado de. *Flores e frutos*. Poesias por Bruno Seabra. 1862. Garnier, Editor. In: AZEVEDO; DUSILEK; CALLIPO, 2013, p. 102-106.
- ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. In: AZEVEDO; DUSILEK; CALLIPO, 2013, p. 236-240.
- ASSIS, Machado de. A nova geração. In: AZEVEDO; DUSILEK; CALLIPO, 2013, p. 489-529.
- ASSIS, Machado de. *Miragens*. Eneias Galvão. In: AZEVEDO; DUSILEK; CALLIPO, 2013, p. 560-561.
- AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. (Org.) *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- BANDEIRA, Manuel. Um poema de Castro Alves. In: *De poetas e de poesia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954. p. 77-85.
- CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 8. ed. 10ª impressão. São Paulo: Ática, 2008.

DUARTE, Rodrigo. (Org.) *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

FARIA, João Roberto. (Org.) *Machado de Assis: do teatro*. Textos críticos e escritos diversos. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GLEDSON, John. Prefácio – *Papéis avulsos: um livro brasileiro?* In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Introdução de John Gledson; notas de Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

MIRANDA, José Américo. Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 87-107, 2017.

PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

SEABRA, Bruno. *As cinzas de um livro: episódio contemporâneo*. Rio de Janeiro: Tip. de F. de Paula Brito, 1859.

SEABRA, Bruno. *Flores e frutos*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862.

SOROMENHO, Augusto. *Diwan*. Porto: Tip. do Portugal, [1855].

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

SOUZA, Vivian Regina Orsi Galdino de. *Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano*. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista, 2007. [Dissertação de mestrado]

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. (Org.) *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1978.

ÍNDICES

ÍNDICES (atualizados até v. 9, n. 18)

TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS TÍTULOS:

- [A Antônio Martins Marinhas] – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- A + B (12 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 7 e p. 33.
- A + B (16 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 11 e p. 41.
- A + B (22 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 15 e p. 49.
- A + B (28 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 17 e p. 57.
- A + B (4 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 21 e p. 65.
- A + B (14 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 25 e p. 73.
- A + B (24 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 29 e p. 81.
- A Caridade – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- A Ch. F., filho de um proscrito – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- A chinela turca – v. 8, n. 15, p. 25 e p. 99.
- A Elvira – v. 9, n. 17, p. 35 e p. 89.
- A folha do salgueiro – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- A lanterna de Diógenes – v. 6, n. 11, p. 23 e p. 93.
- A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- A nova geração – v. 2, n. 4, p. 7 e p. 39.
- A reforma pelo jornal – v. 6, n. 11, p. 55 e p. 141.
- A S. M. I. – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- A saudade – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 25.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 30.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 36.

- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 40.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 46.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 50.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 54.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 59.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 65.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 70.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 76.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 83.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 88.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 94.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 98.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 102.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 108.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 120.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 126.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 132.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 138.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 145.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 150.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 156.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 162.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 168.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 172.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 178.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 184.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 190.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 194.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 199.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 204.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 210.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 216.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 220.

- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 226.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 232.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 238.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 242.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 248.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 254.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 261.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 266.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 272.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 278.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 282.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 288.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 294.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 300.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 306.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 312.
- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 16.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 22.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 28.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 34.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 40.
- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 47.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 54.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 60.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 66.
- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 70.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 74.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 80.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 84.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 88.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 94.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 100.

- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 106.
- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 112.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 118.
- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 123.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 128.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 132.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 138.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 144.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 150.
- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 156.
- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 162.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 168.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 174.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 180.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 186.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 190.
- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 196.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 202.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 208.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 214.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 220.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 226.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 232.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 239.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 247.
- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 254.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 262.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 269.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 276.
- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 283.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 288.
- A Semana – 183 (1º de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 33.

- A Semana – 184 (8 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 41.
- A Semana – 185 (15 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 47.
- A Semana – 186 (22 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 53.
- A Semana – 187 (29 de dezembro de 1895) – v. 7, n. 14, p. 61.
- A Semana – 188 (5 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 67.
- A Semana – 189 (12 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 73.
- A Semana – 190 (19 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 81.
- A Semana – 191 (26 de janeiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 89.
- A Semana – 192 (2 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 97.
- A Semana – 193 (9 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 103.
- A Semana – 194 (16 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 111.
- A Semana – 195 (23 de fevereiro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 117.
- A Semana – 196 (1º de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 123.
- A Semana – 197 (8 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 133.
- A Semana – 198 (15 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 141.
- A Semana – 199 (22 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 145.
- A Semana – 200 (29 de março de 1896) – v. 7, n. 14, p. 153.
- A Semana – 201 (5 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 161.
- A Semana – 202 (12 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 167.
- A Semana – 203 (19 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 173.
- A Semana – 204 (26 de abril de 1896) – v. 7, n. 14, p. 179.
- A Semana – 205 (3 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 185.
- A Semana – 206 (10 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 191.
- A Semana – 207 (17 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 199.
- A Semana – 208 (24 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 205.
- A Semana – 209 (31 de maio de 1896) – v. 7, n. 14, p. 211.
- A Semana – 210 (7 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 217.
- A Semana – 211 (14 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 225.
- A Semana – 212 (21 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 231.
- A Semana – 213 (28 de junho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 237.
- A Semana – 214 (5 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 241.
- A Semana – 215 (12 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 253.

- A Semana – 216 (19 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 259.
- A Semana – 217 (26 de julho de 1896) – v. 7, n. 14, p. 267.
- A Semana – 218 (2 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 275.
- A Semana – 219 (9 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 281.
- A Semana – 220 (16 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 287.
- A Semana – 221 (23 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 295.
- A Semana – 222 (30 de agosto de 1896) – v. 7, n. 14, p. 303.
- A Semana – 223 (6 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 309.
- A Semana – 224 (13 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 313.
- A Semana – 225 (20 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 321.
- A Semana – 226 (27 de setembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 329.
- A Semana – 227 (4 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 337.
- A Semana – 228 (11 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 345.
- A Semana – 229 (18 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 351.
- A Semana – 230 (25 de outubro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 357.
- A Semana – 231 (1º de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 361.
- A Semana – 232 (8 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 367.
- A Semana – 233 (15 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 373.
- A Semana – 234 (22 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 379.
- A Semana – 235 (29 de novembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 385.
- A Semana – 236 (6 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 401.
- A Semana – 237 (13 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 407.
- A Semana – 238 (20 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 413.
- A Semana – 239 (27 de dezembro de 1896) – v. 7, n. 14, p. 419.
- A Semana – 240 (3 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 427.
- A Semana – 241 (10 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 433.
- A Semana – 242 (17 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 439.
- A Semana – 243 (24 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 445.
- A Semana – 244 (31 de janeiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 451.
- A Semana – 245 (7 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 459.
- A Semana – 246 (14 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 463.
- A Semana – 247 (21 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 469.

- A Semana – 248 (28 de fevereiro de 1897) – v. 7, n. 14, p. 475.
- A Sereníssima República – v. 8, n. 15, p. 67 e p. 163.
- A um legista – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- A uma menina – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- A uma mulher – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente – v. 1, n. 1, p. 9 e p. 25.
- Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Antes da missa – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Aquarelas I. Os fanqueiros literários – v. 6, n. 11, p. 35 e p. 109.
- Aquarelas II. O parasita – v. 6, n. 11, p. 39 e p. 115.
- Aquarelas II. O parasita (continuação) – v. 6, n. 11, p. 43 e p. 121.
- Aquarelas III. O empregado público aposentado – v. 6, n. 11, p. 47 e p. 129.
- Aquarelas IV. O folhetinista – v. 6, n. 11, p. 51 e p. 135.
- As flores e os pinheiros – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.
- As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- As rosas – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- As ventoinhas – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aspiração – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- [Carta do Gatinho preto] – v. 4, n. 7, p. 33 e p. 77.
- [Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] – v. 4, n. 7, p. 25 e p. 59.
- Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Coração triste falando ao sol – v. 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- [Crônica] – 249 (4 de novembro de 1900) – v. 7, n. 14, p. 491.
- [Crônica] – 250 (11 de novembro de 1900) – v. 7, n. 14, p. 503.
- D. Benedita – v. 8, n. 15, p. 43 e p. 127.
- D. Jucunda – v. 8, n. 16, p. 21 e p. 45.
- Elegia – v. 6, n. 12, p. 39 e p. 99.

- Epitáfio do México – v. 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- Errata da primeira edição das *Poesias completas* (1901) – v. 1, n. 1, p. 55.
- Erro – v. 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Fé – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Flor da mocidade – v. 9, n. 17, p. 15 e p. 51.
- Flores e frutos. Poesias por Bruno Seabra. 1862. Garnier, Editor. – v. 9, n. 18, p. 13 e p. 19.
- Gabriela da Cunha – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Horas vivas – v. 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Ideal do crítico – v. 6, n. 11, p. 77 e p. 201.
- Ite, missa est – v. 9, n. 17, p. 27 e p. 73.
- La marchesa de Miramar – v. 9, n. 17, p. 21 e p. 63.
- Lágrimas de cera – v. 9, n. 17, p. 37 e p. 93.
- Lira chinesa: Nota D – v. 7, n. 13, p. 19.
- Livros e flores – v. 9, n. 17, p. 39 e p. 97.
- Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Luz entre sombras – v. 9, n. 17, p. 47 e p. 111.
- Manhã de inverno – v. 9, n. 17, p. 19 e p. 59.
- Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Menina e moça – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa consolatrix – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- Musa dos olhos verdes – v. 9, n. 17, p. 31 e p. 81.
- Na arca – v. 8, n. 15, p. 35 e p. 115.
- [No álbum de Carlos Gomes] – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- No álbum do Sr. F. G. Braga – v. 8, n. 16, p. 19 e p. 41.
- No espaço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- No limiar – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- Noivado – v. 9, n. 17, p. 33 e p. 85.

- [Notas de leitura] – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 79.
- [Notas de leitura (segunda parte)] – v. 6, n. 11, p. 69 e p. 175.
- Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade – v. 6, n. 11, p. 59 e p. 145.
- O dilúvio – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- O espelho – v. 4, n. 7, p. 17 e p. 45; e v. 8, n. 15, p. 75 e p. 177.
- O imperador – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
- O jornal e o livro – v. 6, n. 11, p. 27 e p. 97.
- O leque – v. 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- O passado, o presente e o futuro da literatura – v. 6, n. 11, p. 17 e p. 83.
- O poeta a rir – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- O Progresso – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- O segredo do bonzo – v. 8, n. 15, p. 61 e p. 153.
- O verme – v. 9, n. 17, p. 43 e p. 103.
- Os arlequins – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Os deuses de casaca – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Os dous horizontes – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Pássaros – v. 9, n. 17, p. 41 e p. 99.
- Pensamentos de Machado de Assis (recolhidos e organizados por Letícia Malard) – v. 2, n. 3, p. 11.
- Polônia – v. 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- [Por ora sou pequenina] – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Prelúdio – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Quando ela fala – v. 9, n. 17, p. 17 e p. 55.
- Quinze anos – v. 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Reflexos – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.
- Ruínas – v. 9, n. 17, p. 29 e p. 77.
- Saudades – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- Sinhá – v. 6, n. 12, p. 43 e p. 105.

- Sombras – v. 9, n. 17, p. 25 e p. 69.
- Souvenir d'exil (tradução de Machado de Assis) – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Stella – v. 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Teoria do medalhão – v. 8, n. 15, p. 17 e p. 85.
- Última folha – v. 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Uma ode de Anacreonte – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Un vieux pays – v. 9, n. 17, p. 45 e p. 107.
- Un vieux pays (traduzido por Joaquim Serra) – v. 9, n. 17, p. 115.
- Versos a Corina – v. 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Versos a Corina – III (Fragmento) – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Vespas americanas – 1 – v. 8, n. 16, p. 13 e p. 33.
- Vespas americanas – 2 – v. 8, n. 16, p. 15 e p. 37.
- Visão – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.
- Visio – v. 6, n. 12, p. 23 e p. 69.

POESIAS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS PRIMEIROS VERSOS:

- A mulher é um cata-vento, – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aí vão cinco quadrinhas – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- Amo aquela formosa e terna moça – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- Ao som da tua voz a mocidade acorda, – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- As orações dos homens – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Beijam as ondas a deserta praia; – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Caía a tarde. Do infeliz à porta, – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- Cantigas modulei ao som da flauta, – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- César! fulge mais luz nas saudações do povo, – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- Cobrem plantas sem flor crestados muros; – v. 9, n. 17, p. 29 e p. 77.
- Como aurora de um dia desejado, – v. 6, n. 12, p. 33 e p. 87.
- Coroada de névoas, surge a aurora – v. 9, n. 17, p. 19 e p. 59.
- De quanto sonho um dia povoaste – v. 9, n. 17, p. 21 e p. 63.

- Desabrochas ainda; tu és bela – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Do sol ao raio esplêndido, – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- Dobra o joelho: é um túmulo. – v. 6, n. 12, p. 31 e p. 83.
- É noite medonha e escura, – v. 9, n. 17, p. 47 e p. 111.
- É um velho país, de luz e sombras, – v. 9, n. 17, p. 115.
- Ela tinha no rosto uma expressão tão calma – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória, – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Era uma pobre criança... – v. 6, n. 12, p. 25 e p. 73.
- Eras pálida. E os cabelos, – v. 6, n. 12, p. 23 e p. 69.
- Erro é teu. Amei-te um dia – v. 6, n. 12, p. 37 e p. 95.
- Está naquela idade inquieta e duvidosa, – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Eu conheço a mais bela flor; – v. 9, n. 17, p. 15 e p. 51.
- Existe uma flor que encerra – v. 9, n. 17, p. 43 e p. 103.
- Fecha o missal do amor e a bênção lança – v. 9, n. 17, p. 27 e p. 73.
- Filha pálida da noite, – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Fiz promessa, dizendo-te que um dia – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Flor a abrir, entre nós, surge agora um infante; – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne, – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- Il est un vieux pays, plein d’ombre et de lumière, – v. 9, n. 17, p. 45 e p. 107.
- Já raro e mais escasso – v 6, n. 12, p. 29 e p. 79.
- Jaz em ruínas o torrão dos mouros; – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Junto ao plácido rio – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia, – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Meiga saudade! – Amargos pensamentos – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos! – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa, depõe a lira! – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Musa, desce do alto da montanha – v 6, n. 12, p. 61 e p. 137.
- Musa dos olhos verdes, musa alada, – v 9, n. 17, p. 31 e p. 81.

- Na perfumada alcova a esposa estava, – v 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- Nem o perfume que expira – v 6, n. 12, p. 43 e p. 105.
- No arvoredo sussurra o vendaval do outono, – v 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- Noite: abrem-se as flores... – v 6, n. 12, p. 45 e p. 109.
- Nós estávamos sós; era de noite; – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Olha como, cortando os leves ares, – v. 9, n. 17, p. 41 e p. 99.
- Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro, – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
- Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça, – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Para os filhos do céu gêmeas nasceram – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- Passou; viu a porta aberta. – v. 9, n. 17, p. 37 e p. 93.
- Por ora sou pequenina – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Qual descantou na lira sonora – v. 8, n. 16, p. 19 e p. 41.
- Quando, assentada à noite, a tua fronte inclinas, – v. 9, n. 17, p. 25 e p. 69.
- Quando, contigo a sós, as mãos unidas, – v. 9, n. 17, p. 35 e p. 89.
- Quando, coos tênues vínculos de gozo, – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Quando ela fala, parece – v. 9, n. 17, p. 17 e p. 55.
- Que a mão do tempo e o hálito dos homens – v. 6, n. 12, p. 21 e p. 65.
- Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Querem saber quem sou? O Prólogo. Mudado – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Recebe, ó Braga, o meu canto – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- “Respeita a fouce a espiga que desponta; – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Rico era o rosto branco; armas trazia, – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Rompendo o último laço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- Rosas que desabrochais, – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- Saímos, ela e eu, dentro de um carro, – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto, – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Se, como outrora, nas florestas virgens, – v 6, n. 12, p. 39 e p. 99.
- Sinto que há na minh’alma um vácuo imenso e fundo, – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Taça d’água parece o lago ameno; – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.

- Teus olhos são meus livros. – v. 9, n. 17, p. 39 e p. 97.
- Tu foges à cidade? – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo – v. 6, n. 12, p. 47 e p. 113.
- Um horizonte, – a saudade – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Vês, querida, o horizonte ardendo em chamas? – v. 9, n. 17, p. 33 e p. 85.
- Vi de um lado o Calvário, e do outro lado – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.
- Vi os pinheiros no alto da montanha – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.
- Vou rio abaixo vogando – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.

TEXTOS ATRIBUÍDOS A MACHADO DE ASSIS:

- A hebreia – v. 2, n. 4, p. 89.
- A Portugal – v. 2, n. 4, p. 85.
- O Réquiem de Verdi – v. 2, n. 4, p. 93.

OUTROS TEXTOS RELACIONADOS A MACHADO DE ASSIS:

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- A um jovem poeta (O Sr. J. M. M. d’Assis) – v. 8, n. 16, p. 59.
- Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- *Flores e frutos*. Por Bruno Seabra. – v. 9, n. 18, p. 27.
- O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Machado de Assis (Notícia não assinada, publicada em *A Semana*, 9 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 89.

AUTORES TRADUZIDOS POR MACHADO DE ASSIS:

- Bouilhet, Louis
 - Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.

- Chateaubriand, François-René de
 - Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Chénier, André
 - A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Dumas Filho, Alexandre
 - Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
 - Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Girardin, Mme. Émile de
 - Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Han-Tiê
 - O poeta a rir – v. 7, n. 13, p. 21 e p. 43.
- Heine, Heinrich
 - As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Mickiewicz, Adam
 - Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Musset, Alfred de
 - Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ribeyrolles, Charles
 - Souvenir d'exil – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Schiller, Johann Christoph Friedrich von
 - Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Shakespeare, William
 - A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Su-Tchon
 - Coração triste falando ao sol – v. 7, n. 13, p. 35 e p. 69.
- Tan-Jo-Lu
 - O leque – v. 7, n. 13, p. 27 e p. 55.
- Tchan-Tiú-Lin
 - A folha do salgueiro – v. 7, n. 13, p. 29 e p. 59.
- Tchê-Tsi
 - A uma mulher – v. 7, n. 13, p. 23 e p. 47.
- Thu-Fu
 - O imperador – v. 7, n. 13, p. 25 e p. 51.
 - Reflexos – v. 7, n. 13, p. 33 e p. 67.

– Tin-Tun-Sing

– As flores e os pinheiros – v. 7, n. 13, p. 31 e p. 63.

ARTIGOS E OUTROS TEXTOS, PELOS TÍTULOS:

– “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.

– “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.

– A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.

– A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.

– A folha de salgueiro (Tchan-Tiu-Lin) – v. 7, n. 13, p. 83.

– A “Lira chinesa”, de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 183.

– A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.

– A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.

– A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.

– A primeira resenha crítica de Machado de Assis: ela significa alguma coisa? – v. 9, n. 18, p. 323.

– A rir da natureza (Uan-Tié) – v. 7, n. 13, p. 75.

– A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.

– A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.

– A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.

– A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.

– A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.

– A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.

– A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.

– A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.

– A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.

– A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.

– A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.

– A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.

- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.

- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 15.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 21.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 27.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 33.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 39.
- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 45.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 53.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 59.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 65.
- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 69.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 73.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 79.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 83.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 87.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 93.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 99.
- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 105.
- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 111.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 117.

- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 121.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 127.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 131.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 137.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 143.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 149.
- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 155.
- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 161.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 167.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 173.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 179.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 185.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 189.
- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 195.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 201.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 207.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 213.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 219.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 225.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 231.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 237.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 245.
- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 253.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 261.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 267.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 275.
- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 281.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 287.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
- A uma mulher formosa (Tché-Tsi) – v. 7, n. 13, p. 77.

- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 301.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 245.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 14, p. 543.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 281.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 16, p. 99.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 9, n. 17, p. 153.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 9, n. 18, p. 375.
- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Letícia Malard – v. 2, n. 3, p. 153.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- As flores e os pinheiros (Tin-Tun-Ling) – v. 7, n. 13, p. 85.
- As “Vespas americanas” de Machado de Assis – v. 8, n. 16, p. 63.
- Avulsos dos avulsos – v. 8, n. 15, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Coração triste, falando ao sol (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 89.

- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
- *Diwan*. Por Augusto Soromenho. – v. 9, n. 18, p. 175.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 301.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Erratas – v. 7, n. 13, p. 251.
- Erratas – v. 7, n. 14, p. 549.
- Erratas – v. 8, n. 15, p. 289.
- Erratas – v. 8, n. 16, p. 107.
- Erratas – v. 9, n. 17, p. 161.
- Erratas – v. 9, n. 18, p. 383.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- *Falenas* – primeira parte – v. 9, n. 17, p. 11.
- *Flores e frutos*. Por Bruno Seabra. – v. 9, n. 18, p. 27.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.

- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 10, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 13) – v. 7, n. 13, p. 221.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 14) – v. 7, n. 14, p. 513.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 15) – v. 8, n. 15, p. 251.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 16) – v. 8, n. 16, p. 69.
- Índices (atualizados até o v. 9, n. 17) – v. 9, n. 17, p. 121.
- Índices (atualizados até o v. 9, n. 18) – v. 9, n. 18, p. 341.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- Lamento e alento – v. 8, n. 16, p. 9.
- *Le livre de jade* – v. 7, n. 13, p. 91.
- “Lira chinesa”: ”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- M. de Vigny: servidão e grandeza militares (Fragmento) – v. 9, n. 18, p. 317.
- Machado de Assis e a crítica literária – v. 9, n. 18, p. 9.
- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teologais – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
- Machado de Assis, tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Machado pensador – v. 2, n. 3, p. 5.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.

- Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 207.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O imperador (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 79.
- O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
- O leque (Tan-Jo-Su) – v. 7, n. 13, p. 81.
- O livro de Jade – v. 7, n. 13, p. 91.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças - interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Salto para o alto – v. 7, n. 13, p. 15.
- Sequestro de um retrato: o conto “D. Benedita”, de Machado de Assis – d’A *Estação* aos *Papéis avulsos* – v. 8, n. 15, p. 205.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Sobre o rio Tchú (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 87.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.

- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.

OUTRAS ARTES:

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

AUTORES:

- Aguiar, O Mateus [pseudônimo de autor desconhecido]
 - Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Alencar, Mário de
 - Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- [Araújo, Ferreira de?]
 - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Braga, Francisco Gonçalves
 - A um jovem poeta (O Sr. J. M. M. d’Assis) – v. 8, n. 16, p. 59.
- Campos, Alex Sander Luiz
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
 - Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
 - Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
 - Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
 - Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
 - Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
 - Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
 - “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- Cei, Vitor
 - A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Cibrão, Ernesto
 - Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- Delfino, Luís
 - O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Feijó, Antônio
 - A folha de salgueiro (Tchan-Tiu-Lin) – v. 7, n. 13, p. 83.

- A rir da natureza (Uan-Tié) – v. 7, n. 13, p. 75.
- A uma mulher formosa (Tché-Tsi) – v. 7, n. 13, p. 77.
- As flores e os pinheiros (Tin-Tun-Ling) – v. 7, n. 13, p. 85.
- Coração triste, falando ao sol (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 89.
- O imperador (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 79.
- O leque (Tan-Jo-Su) – v. 7, n. 13, p. 81.
- Sobre o rio Tchú (Thu-Fu) – v. 7, n. 13, p. 87.
- Freitas, João Vítor
 - “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
- Gledson, John
 - A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
 - A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
 - A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
 - A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
 - A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
 - A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
 - A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
 - A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
 - A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
 - A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
 - A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
 - A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
 - A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
 - A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
 - A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
 - A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
 - A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
 - A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
 - A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
 - A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
 - A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
 - A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
 - A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
 - A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
 - A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
 - A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.

- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- A Semana – 136 (6 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 15.
- A Semana – 137 (13 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 21.
- A Semana – 138 (20 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 27.
- A Semana – 139 (27 de janeiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 33.
- A Semana – 140 (3 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 39.
- A Semana – 141 (10 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 45.
- A Semana – 142 (17 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 53.
- A Semana – 143 (24 de fevereiro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 59.
- A Semana – 144 (3 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 65.

- A Semana – 145 (10 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 69.
- A Semana – 146 (17 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 73.
- A Semana – 147 (24 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 79.
- A Semana – 148 (31 de março de 1895) – v. 4, n. 8, p. 83.
- A Semana – 149 (7 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 87.
- A Semana – 150 (14 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 93.
- A Semana – 151 (21 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 99.
- A Semana – 152 (28 de abril de 1895) – v. 4, n. 8, p. 105.
- A Semana – 153 (5 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 111.
- A Semana – 154 (12 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 117.
- A Semana – 155 (19 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 121.
- A Semana – 156 (26 de maio de 1895) – v. 4, n. 8, p. 127.
- A Semana – 157 (2 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 131.
- A Semana – 158 (9 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 137.
- A Semana – 159 (16 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 143.
- A Semana – 160 (23 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 149.
- A Semana – 161 (30 de junho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 155.
- A Semana – 162 (7 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 161.
- A Semana – 163 (14 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 167.
- A Semana – 164 (21 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 173.
- A Semana – 165 (28 de julho de 1895) – v. 4, n. 8, p. 179.
- A Semana – 166 (4 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 185.
- A Semana – 167 (11 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 189.
- A Semana – 168 (18 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 195.
- A Semana – 169 (25 de agosto de 1895) – v. 4, n. 8, p. 201.
- A Semana – 170 (1º de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 207.
- A Semana – 171 (8 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 213.
- A Semana – 172 (15 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 219.
- A Semana – 173 (22 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 225.
- A Semana – 174 (29 de setembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 231.
- A Semana – 175 (6 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 237.
- A Semana – 176 (13 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 245.
- A Semana – 177 (20 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 253.
- A Semana – 178 (27 de outubro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 261.
- A Semana – 179 (3 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 267.
- A Semana – 180 (10 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 275.

- A Semana – 181 (17 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 281.
- A Semana – 182 (24 de novembro de 1895) – v. 4, n. 8, p. 287.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Herane, Amanda Rios
 - Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Jucá, Gabriela
 - “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
 - Machado de Assis tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
 - Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Korytowski, Ivo
 - As “Vespas americanas” de Machado de Assis – v. 8, n. 16, p. 63.
- Malard, Letícia
 - Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Machado de Assis – v. 2, n. 3, p. 153.
 - Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
 - Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
 - Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Melo, M[anuel] de
 - A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Miranda, José Américo
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
 - A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
 - A “Lira chinesa”, de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 183.
 - A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
 - A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
 - A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
 - A primeira resenha crítica de Machado de Assis: ela significa alguma coisa? – v. 9, n. 18, p. 323.
 - “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
 - Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.

- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 319.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 12, p. 165.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 245.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 7, n. 14, p. 543.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 281.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 8, n. 16, p. 99.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 9, n. 17, p. 153.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 9, n. 18, p. 375.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Avulsos dos avulsos – v. 8, n. 15, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- *Crisálidas*, segundo tempo – v. 6, n. 12, p. 15.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 325.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Erratas – v. 6, n. 12, p. 171.
- Erratas – v. 7, n. 13, p. 251.
- Erratas – v. 7, n. 14, p. 549.
- Erratas – v. 8, n. 15, p. 289.
- Erratas – v. 8, n. 16, p. 107.
- Erratas – v. 9, n. 17, p. 161.
- Erratas – v. 9, n. 18, p. 383.
- *Falenas* – primeira parte – v. 9, n. 17, p. 11.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.

- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 11, p. 219.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 12) – v. 6, n. 12, p. 143.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 13) – v. 7, n. 13, p. 221.
- Índices (atualizados até o v. 7, n. 14) – v. 7, n. 14, p. 513.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 15) – v. 8, n. 15, p. 251.
- Índices (atualizados até o v. 8, n. 16) – v. 8, n. 16, p. 69.
- Índices (atualizados até o v. 9, n. 17) – v. 9, n. 17, p. 121.
- Índices (atualizados até o v. 9, n. 18) – v. 9, n. 18, p. 341.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Lamento e alento – v. 8, n. 16, p. 9.
- “Lira chinesa”: informações preliminares – v. 7, n. 13, p. 39.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e a crítica literária – v. 9, n. 18, p. 9.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nomes, pronomes, vírgulas, etc. num poema de Machado de Assis – v. 7, n. 13, p. 207.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Salto para o alto – v. 7, n. 13, p. 15.
- Sequestro de um retrato: o conto “D. Benedita”, de Machado de Assis – d’A *Estação* aos *Papéis avulsos* – v. 8, n. 15, p. 205.

- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.
- Novais, Faustino Xavier de
 - Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Oliveira, Gracinéa I.
 - A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
 - Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Papassoni, João Paulo
 - Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Peixoto, Luís de Alvarenga
 - O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- Pinto, Nilton de Paiva
 - A primeira resenha crítica de Machado de Assis: ela significa alguma coisa? – v. 9, n. 18, p. 323.
 - Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
 - Machado de Assis e a crítica literária – v. 9, n. 18, p. 9.
 - Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
 - Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
 - “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Sainte-Beuve, Charles-Augustin
 - M. de Vigny: servidão e grandeza militares (Fragmento) – v. 9, n. 18, p. 317.
- Santos, Gilson
 - “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
 - A Semana: de 1º de dezembro de 1895 a 28 de fevereiro de 1897 – v. 7, n. 14, p. 17.
 - “A Semana”, de Machado de Assis – uma edição anotada – v. 7, n. 14, p. 23.
 - “A Sereníssima República”: uma edição – v. 8, n. 15, p. 231.
 - Agradecimentos – v. 7, n. 14, p. 21.
 - Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
 - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
 - Lista de palavras atualizadas – v. 7, n. 14, p. 509.
 - Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
 - O labirinto do sentido em “Na arca”, de Machado de Assis – v. 8, n. 15, p. 193.
 - Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.

- Seabra, Bruno
 - *Flores e frutos* – v. 9, n. 18, p. 27.
- Serra, Joaquim
 - Tradução de “Un vieux pays”, de Machado de Assis – v. 9, n. 17, p. 115.
- Silva, Felipe Lima da
 - Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Soromenho, Augusto
 - *Diwan* – v. 9, n. 18, p. 175.
- Souza, Rilane Teles de
 - Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Souza, Roberto Acízelo de
 - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Tito, Fábio
 - Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- Roiz, Lopes
 - Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.
- Walter, Judith
 - O livro de jade – v. 7, n. 13, p. 91.

ABREVIATURAS

ABREVIATURAS EMPREGADAS NAS EDIÇÕES DOS TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS

ABLFN – *A Academia Brasileira de Letras*, 1940.

AL – *Autores e Livros*.

ALA1866 – *A lírica de Anacreonte*, 1866.

ALERGS – *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul*.

ALGN – *Almanaque da Gazeta de Notícias*.

AM1875 – *Americanas*, 1875.

ATAS – *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, 2001.

BABL – *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, 1897.

BB – *Biblioteca Brasileira*, t. I, n. 2, 1863.

BP – *Brasil-Portugal*.

CANCH1903 – *Cancioneiro chinês*, 1903.

CAV1956 – *Contos avulsos*, ed. R. Magalhães Júnior, 1956.

CB – *Courrier du Brésil*.

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.

CHRY2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.

CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.

CLBMA – *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, São Paulo, Instituto Moreira Sales, n. 23 e n. 24, jul. 2008

CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.

CLJ1953 – *Crítica literária*, 1953.

CM – *Correio Mercantil*.

CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.

COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.

- COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.
- CP – *Correio Paulistano*.
- CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
- CRU – *O Cruzeiro*.
- CT – *Correio da Tarde*.
- DA1934 – *Discursos acadêmicos (1897-1906)*, 1934.
- DA1965 – *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919). 1965.
- DA2005 – *Discursos acadêmicos*, tomo I: Volumes I – II – III – IV 1897-1919, 2005.
- DB – *Diário de Belém*.
- DC1866 – *Os deuses de casaca*, 1866.
- DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.
- DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.
- DN – *Diário de Notícias*.
- DP – *Diário de Pernambuco*.
- DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.
- DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.
- EC – *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa – vol. II: Machado de Assis*, 1921.
- ENTR – *Entreato*.
- EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.
- EP – *A Época*.
- ESP – *O Espelho*.
- ESP2009 – *O Espelho*, 2009.
- EST – *A Estação*.
- FAL1870 – *Falenas*, 1870.
- FF – *Flores e frutos*.
- fól. – fôlio.
- FUT – *O Futuro*.
- GF1974 – *Machado de Assis e o hipopótamo*, 6. ed., 1974.
- GN – *Gazeta de Notícias*.

GUAR – *O Guarany*.

JC – *Jornal do Commercio*.

JF – *Jornal das Famílias*.

JR – *Jornal do Recife*.

LAM – *Lamartineanas*, 1869.

LC – *Luz e calor*, 1871.

LITO – Litografia de Carlos Linde, publicada em *Brasiliiana Itaú*, 2009.

LJ1867 – *Le livre de jade*, 1867.

LUZ – *A Luz*.

MACI – *Machado de Assis e a crítica internacional*, 2009. [MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. p. 231-265.]

MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.

MAD1957 – *Machado de Assis desconhecido*, 1957.

MAR – *A Marmota*.

MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo, 2013.

MF – *Marmota Fluminense*.

MM – *Menina e moça*, 1875.

MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.

Ms1862 – Manuscrito datado de 1862, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reproduzido em *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, 2008.

Ms1864 – Manuscrito autógrafo, da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, RJ, datado de 1864.

MsQA1862 – Manuscrito autógrafo no álbum da atriz Júlia Carlota de Azevedo. (reproduzido em CLBMA)

NALLB – *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*.

NM – *O Novo Mundo*.

NOV – *Novidades*.

NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.

- OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
- OP – *O Paiz*.
- OR1910 – *Outras relíquias*, 1910.
- PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
- PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
- PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.
- PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
- PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.
- PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.
- PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- PES – *A Província do Espírito Santo*.
- PPGS – *Poesia e prosa*, organização e notas de J. Galante de Sousa, 1957.
- PPP – *Pão partido em pequeninos para o pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.
- PR1937 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1937.
- PR1952 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1952.
- RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.
- RB – *Revista Brasileira*.
- RCPB – *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*.
- REF – *A Reforma*.
- REP – *A República*.
- RIL – *Revista Ilustrada*.
- RMSEL – *Revista Mensal da Sociedade Ensaio Literários*.
- RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.
- SAUD – *A Saudade*, Rio de Janeiro.
- SEM – *A Semana*.
- SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.
- SEMIL – *Semana Ilustrada*.
- SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SI – *Semana Ilustrada*.

SL1941 – *Seleta literária*, 1941.

SM – *Semanário Maranhense*.

SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.

TCSNT1982 – *Teatro completo*, Serviço Nacional de Teatro, 1982.

TJRF2003 – *Teatro*, edição de João Roberto Faria, 2003.

TMA1910 – *Teatro*, coligido por Mário de Alencar, 1910.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.

TWMJ1952 – *Teatro*, edição da W. M. Jackson, 1952.

UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.

VAS – *Vassourense*. [No jornal, o título corrente é *O Vassourense*.]

VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4 v.

ERRATAS

ERRATAS

Errata do v. 1, n. 1.

Nas páginas 70, onde se lê:

Toda poesias de Machado de Assis

leia-se:

Toda poesia de Machado de Assis

Errata do v. 1, n. 2.

Nas páginas 293 a 297, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 2018.

Nas páginas 299 a 303, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 2018.

Errata do v. 2, n. 4.

Nas páginas 77 e 169, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 3, n. 5.

Nas páginas 303 a 315, onde se lê

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2015.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2020.

Na página 317, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 4, n. 7.

Nas páginas 17 e 45, no segundo parágrafo, onde se lê

constestou-lha

leia-se:

contestou-lha

Errata do v. 5, n. 9.

Em numerosas páginas (entre p. 163 e p. 198), nas notas de rodapé, onde se lê

PCEC1972

leia-se:

PCEC1976

Na página 211, nota 92, onde se lê:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 81 e 85, e o artigo (escrito em forma de diálogo) “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

leia-se:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 85 e 89, e o artigo “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*).

Errata do v. 6, n. 12.

Na página 56, nota 6, onde se lê:

A medida do verso obriga à absorção deste pronome, “a”, na vogal inicial de “amava” –fato que prejudica o entendimento do verso, quando enunciado oralmente, já que “apaga” o objeto do amor. Não deixa isso de ser um defeito. Ver complementação desta observação na nota 9, ao verso 50, em que ocorre o mesmo fenômeno

leia-se:

A medida do verso obriga à absorção deste pronome, “a”, na vogal inicial de “amava” –fato que prejudica o entendimento do verso, quando enunciado oralmente, já que “apaga” o objeto do amor. Não deixa isso de ser um defeito. Ver complementação desta observação na nota 11, ao verso 50, em que ocorre o mesmo fenômeno

Na página 133, nota 187, onde se lê:

Como nos casos de “mal cuidado” (nota 147) e “mal sofrida” (nota 165), etc.

leia-se:

Como nos casos de “mal cuidado” (nota 149) e “mal sofrida” (nota 167), etc.